

Defesa Nacional



REVISTA MENSAL
DE DEFESA NACIONAL
1940

A DEFESA NACIONAL

Fundada em 10 de Outubro de 1913

Ano XXXI

Brasil - Rio de Janeiro, 10 de Fevereiro de 1944

SUMÁRIO:

- Editorial
17 de Janeiro — **Pedro Calmon**
Centenário de um herói — **Cap. De Paranhos Antunes**
A Morte do General Carneiro — **David Carneiro**
Identificação de tropas amigas — Trad. — 1.º Ten.
 João B. S. Wagner
Organização da Artilharia Anti-Aérea do Corpo de
Exército Espanhol — Trad. — Major Newton
 Franklin do Nascimento
Nosso Exército Aerodinamizado — Trad. — 1.º Ten.
 A. Carlos Jor.
Grande Homem do Brasil — **Major Riograndino da**
 Costa e Silva
Ensaios sobre a interpretação do caráter científico da
história — **Cap. Geraldo Alves Dias**
Pensamentos no Campo de Batalha — Trad. — **Major**
 Barbosa Pinto
Os Reajustamento da Doutrina — **Cel. J. B. Maga-**
 lhães
O Arcanjo S. Miguel — **Gen. Silveira de Mello**
Pista de Aplicações na Remoção de Minas — Trad.
 — **Cap. Faria Ferreira e 1.º Ten. Cassio D. E.**
 de Araujo
A Companhia de Fuzileiros — Trad. — **Ten.-Cel.**
 Oscar Rosa
Livros Novos
São Paulo e o Exército Nacional
Noticiário & Legislação

A Morte do General Carneiro

177

DAVID CARNEIRO

9 de fevereiro! Dia claro e brilhante...

O coronel Gomes Carneiro continuava passando mal... A hemorragia não cessava, e o mal estar se acentuava hora a hora, minuto a minuto...

A cama em que estava se alagava de sangue, e era preciso mudar as bandagens, cuidadosamente.

Foi para proceder a um curativo, e fazer a limpeza da cama, que se o transportou para uma estreita marqueza, recostado em almofadas. Aí, seriam talvez 4 horas da tarde, teve Carneiro um delírio prolongado. Sua palidez de cera, o nariz como lâmina, fizeram supor que tivesse morrido.

O alferes Waldhausen que fôra visitá-lo nessa hora, caiu de joelhos e beijava-lhe desesperadamente as mãos, repetindo entre lágrimas:

"Meu comandante; estamos perdidos!"

Mas logo depois, volta a si o coronel Carneiro, fazendo esforço para respirar. O mal estar atrôs voltava com um resto de vida.

Acordou ainda mais pálido, olhos no fundo, rodeados de roxo intenso. O rosto estava molhado de suor frio.

O Dr. João Cândido olhou-o angustiosamente.

O seu pulso era um fio tenue...

Mas Carneiro poude ainda falar, e olhando para o seu dedicado médico, disse sorrindo:

"Salvou-me desta, doutor; não morro mais!"

- A sua vivacidade voltara. Parecia melhorar. Alguns alimentaram grandes esperanças.

Carneiro ainda recebeu visitas e a Serra Martins que lhe pedira ordens, ainda poude dizer firmemente: "Só ha uma ordem: resistência a todo o tranze!"

Mas não durou muito essa situação. Aos poucos volta a angustia e recomeça a agonia, silenciosa mas intensa, tanto para quem sofria como para quem via sofrer...

Eram 6 $\frac{1}{2}$ da tarde; pouco mais, talvez.

A fuzilaria não cessara lá fôra, e os canhões troavam soturnamente, respondendo ao bombardeio federalista.

Gomes Carneiro respirou fundo. Todos o olharam anciósos. Deixou pender a cabeça, fixando o olhar vidrado num ponto longínquo que só ele via...

O Frei Caneca? A salvação da República? A glória? Quem sabe em que pensam os heróis nessas horas de agonia?

Estava cumprida a missão que lhe fôra confiada. Estava morto!

— :: —

Podiam agora passar sobre o seu cadáver, os exércitos federalistas vitoriosos.

Podiam seguir rumo ao Rio; podiam levar os seus heróicos caídos para combater contra os seus primitivos manejadores.

Ele estava morto, mas além do Paraná, que se sacrificara com ele, estava a República salva!

O erro militar dos federalistas foi a teimosia em que se fecharam, de baterem e conquistarem a Lapa, depois de terem na mão todo o Estado, e os recursos bélicos tomados nele.

Mostrava a prudência e o tino militar, que deveriam continuar a marcha para São Paulo e Minas onde encontrariam recursos extraordinários, deixando a Lapa guardada por poucas forças, ela que não possuia suficientes elementos para batalhas campais.

Depois, sobretudo, de saberem que o seu adversário principal, a divisão do Norte, sem recursos, se retirara para o Rio Grande do Sul, a sua teimosia foi-lhes fatal.

— “Teimaram e encontraram um Carneiro que lhes dizia: “Não passarão!”

“E não passaram. Não foram além do Paraná.

“Carneiro morreu, mas cavou o túmulo da revolução!”

“Deveria ter sido com efeito, apavorante, a decepção dos vencedores recebendo os trofeus da vitória: um pequeno grupo, já maltrapilho, faminto e quase sem munição!

“Carneiro deu vitória à República!

“Foi o seu grande feito”. (*)

Foi a sua glória.

— :: —

Passados os primeiros momentos de espanto, desespero indecisão, um grupo de oficiais se encarregou do piedoso dever de vestir o cadáver.

Puzeram-lhe o uniforme de Coronel de engenheiros que ele sagrara, e cobriram-no com a bandeira do 17.^º de Infantaria de linha.

Não foi possível esconder à praça o luto de que espontaneamente se trajara.

Toda a oficialidade, silenciosa e triste, esquecida mesmo dos perigos que pudesse correr, cruzava as ruas para ir ver o corpo do chefe

(*) — Mario Tourinho — Carta ao Dr. Pedro Calmon.

ne os fascinára, animando-os a uma vitória que não tiveram, mas distribuindo com eles uma gloria que para eles e com eles conquistará, custa da sua vida, mandando que resistissem, que resistissem mais, que resistissem sempre e apezar de tudo.

Um grupo de oficiais superiores esperou que anoitecesse, afim que a escuridão da noite os protegesse na continuaçāo do dever piedoso que os faria levar os despojos do comandante da praça à sacristia da igreja matriz.

Foram eles Joaquim Lacerda, Serra Martins, Emilio Blum, Libero Guimarães, Napoleão Poeta, Felipe Schmidt e poucos mais.

Mas a noite não estava escura. No céu brilhavam inúmeras estrelas.

Fazendo o menor ruido possível para não serem alvo dos federa-istas, lá foram eles carregando o seu precioso fardo. Só o passo ritmado mostrava aos estranhos, a direção daquele misterioso grupo de oficiais, todos calados e pensativos, caminhando lentamente para a igreja.

Esperava-os lá dentro a luz de algumas lamparinas acesas. Perto do altar-mór, na mesma marqueza em que falecera, ficou o corpo até dia seguinte, 10 de fevereiro, dia em que se devia proceder à inhu-mação.

— :: —

Desde a manhã do dia 10, a notícia da morte do Coronel Carneiro era comentada por todos, e o desanimo era geral. Alguns oficiais, agitados pela febre, propunham um suicídio coletivo. Outros concentravam-se numa expectativa cismurra, abalados também, de diverso delírio.

Três oficiais feridos, dos quais um só não estava gravemente, foram prestar as ultimas homenagens ao seu heróico comandante, fugindo do hospital, para onde logo depois voltaram com febre mais alta.

Mas, não havia mais como conter a soldadesca. Si as tropas parisiotas haviam sido as que mais haviam desértado no princípio da refrega, no dia da morte do Coronel Carneiro, não havia como manter os soldados de linha nas trincheiras.

— :: —

Às oito horas da manhã do dia 10 de fevereiro, envolto na bandeira do 17.^º de Infantaria, foi o corpo do Coronel de Engenheiros, Antonio Ernesto Gomes Carneiro, inhumado na sacristia da igreja matriz da heróica cidade da Lapa.

Às 5 horas da tarde desse mesmo dia, 10 de fevereiro, o Tenente Odílio Bacelar procurou os seus superiores para lhes comunicar que nessa noite vários oficiais e inúmeros soldados, desertariam.

A situação da guarnição era angustiosa.

Napoleão Poeta propôs em reunião de oficiais que todos guardassem uma ou duas balas de suas armas pessoais para o suicídio coletivo. Em sinal de aquiescência, todos apertaram as mãos, silenciosamente, e foram atender às suas trincheiras.

Durante toda a noite os ataques noturnos se repetiram e a defesa já se fazia frouxa e sem vigor.

Os oficiais ficaram todos, não tendo havido nenhuma deserção. O boato era falso. Não podia deixar de ser. De fóra os sitiantes permaneciam em aproveitar a moleza dos defensores para tomarem a praça à viva força. Que horror seria então, para os soldados. Que carnificina, que hecatombe, si tal cousa se desse...

De dentro da praça as famílias federalistas comunicavam aos chefes sitiantes a situação da guarnição, e em gesto altruísta que só hoje pode ser justamente julgado, o sr. Francisco Braga escreveu ao General Laurentino Pinto Filho para pedir-lhe que fizesse reiteradas propostas de capitulação à Lapa, afim de evitar os horrores de um saque e as violências consequentes de uma tomada à viva força. Diz ao General Laurentino, o sr. Francisco Braga, não escondendo a verdadeira situação que os oficiais desejavam resistir até o último extremo, de maneira que uma proposta qualquer de capitulação devia não ferir a dignidade dos sitiados.

A primeira proposta remetida por Laurentino não chegou às mãos do comandante da 2.^a Brigada. Francisco Braga debalde tentara falar-lhe. A situação de desespero e indecisão em que se via, não lhe permitiam momentos de equilíbrio para ouvir e ver negócios particulares como supôs que fossem aqueles pelos quais Francisco Braga o procurava.

Este, então, recomendou em nova carta ao General Laurentino que fizesse vir um ofício proondo capitulação, por um parlamentário.

Foi pelo flanco esquerdo (leste), justamente pela trincheira comandada pelo Tenente Oscar Cândido Capela, que a 11 de fevereiro pela manhã, entrou uma vivandeira preta, conhecida na cidade, dizendo que queria falar ao Coronel Lacerda. Levada à sua presença, entregou-lhe ela, o ofício seguinte:

— “Quartel General do Comando do 2.^º Corpo de Exército Nacional Provisório. Acampamento nos arredores da Lapa, 10 de fevereiro de 1894.

Cidadão Coronel Joaquim Lacerda.

O patriotismo vai apelar para o patriotismo.

Nós, Forças Militares organizadas, dirigimo-nos aos chefes da resistência na Lapa.

Não deveis ignorar a nossa e a vossa situação: sabeis com certeza, que neste momento, três corpos de exército, o do General Pirabe, o do General Gumercindo e o meu sitiaram a cidade que defendeis.

Sem exagerar, essas forças montam a um efetivo de três mil homens, devendo-se acrescentar as forças que levantamos neste Estado, força de linha que aprisionamos em Tijucas, assim como armamento munição de artilharia e infantaria que apreendemos em Paranaguá, Uritiba e Tijucas. Deveis saber ainda, o quanto fomos generosos e patriotas com os rendidos em Tijucas.

Julgamos desnecessário apelar para a vossa razão e bom senso im de garantirmos que temos elementos suficientes para vencermos, tendo ainda que estais cortados de qualquer proteção, visto que para impedir o que vos pudesse vir do norte, temos um exército, o do General Salgado, completamente desocupado, e quanto à proteção com os sonhais, de Pinheiro Machado, limito-me a remeter-vos o telegrama original junto.

E, francamente, não fôra as famílias que dentro dessas trincheiras se acham não fôra a certeza absoluta que temos de vencer, devido consequências dum sitio rigoroso, desobrigando-nos de dar um ataque por demais sangrento, e já com os elementos de que dispomos, apesar da Bravura ineficaz com que tendes resistido impatrioticamente, iríamos terminado a questão da Lapa.

Assim, cidadão, como chefe das forças essas que se compõem do Batalhão de Marinha, do Batalhão Naval, do 25.^º de Infantaria, do 1.^º da mesma arma, e em nome dos oficiais de Marinha e do Exército que servem sob as minhas ordens, concito-vos a depôr voluntariamente as armas em homenagem à família, e à pátria, visto que a vossa resistência, por demais heróica que seja, não conseguirá derrotar a tragédia fatal dos acontecimentos que nos indicam que seremos vitoriosos.

Podeis ficar certos de que como Chefe das Forças de Linha, co-eço e respeito religiosamente todas as Leis de guerra, acatando-as assim como as Leis Sociais e humanas, de sorte que as garantias de vida e liberdade que neste momento vos ofereço, serão fielmente cumpridas quer em relação a vós, quer em relação a todos os vossos compatriotas. Este convite, a vós dirigido, o é também a todos vós, caso esse outro dependa a solução da presente questão.

Si, porém, nenhuma dessas razões atuar em vosso espírito, quero ir da como cidadão, como chefe de família, como homem, fazer-vos a seguinte declaração:

Si alguma cousa tiverdes de responder, as forças sob as minhas ordens ocupam uma posição extensa nas proximidades do engenho de vossa propriedade, e enquanto não vier essa resposta nos conservaremos em nossos postos sem prejuízo algum da nossa ação".

Saúde e Fraternidade.

(a) *Gal. Laurentino Pinto Filho.*

A intimação, demasiado generosa, tinha um tom de súplica. Em nada podia ela ofender os brios dos sitiados.

Enquanto Lacerda ia saber da opinião de seus oficiais, bem como da dos outros chefes, dirigiu ao General Laurentino o outro ofício:

— "Quartel General do Comando da 2.^a Brigada de Infantaria, na Lapa, 11 de fevereiro de 1894.

Cidadão General Laurentino Pinto Filho:

Acabo de receber vosso ofício e imediatamente convoquei uma reunião geral dos oficiais, afim de deliberarmos sobre a resposta que até hoje à tarde vos será entregue. Enquanto ela não vos chegar às mãos, nossas forças, embora nos seus postos, não darão um tiro, esperando que dareis vossas ordens no sentido de que as sob vosso comando assim procederão também. O telegrama a que aludis em vosso ofício não me chegou às mãos.

Saúde e Fraternidade.

(a) *Joaquim Lacerda (Coronel)*

Reunidos os comandantes das duas Brigadas, comandantes de corpos e o quartel mestre, acordaram estes em que nada deveria ser resolvido sem uma reunião plena dos oficiais, que foi imediatamente convocada, em virtude da cessação do fogo.

Reunidos os oficiais e após a leitura do ofício e discussão travada a respeito da precária situação da tropa e da população da cidade, sem mais generos alimentícios, ficou resolvido por unanimidade, parlamentar com os federalistas, resolvendo, sobre as clausulas da capitulação, depois de verificadas verdadeiras as afirmativas feitas pelo General Laurentino.

Muitos oficiais não estiveram de acordo, mas venceu a maioria.

Aclamada a comissão composta de Libero Guimarães, Vilas Bôas e Waldhausen, ela seguiu à uma hora da tarde para o acampamento adversário.

Esta comissão voltou acompanhada de Laurentino e outros oficiais revolucionários. Vilas Bôas, quebrando a linha de reserva, critério e prudência, mantida até aí, dava vivas à revolução, declarando que iria serví-la porque não era restauradora como lhe haviam contado.

Recebidos os oficiais em casa do Coronel Lacerda, foi exibida aos olhos dos oficiais republicanos, toda a documentação probatória do que havia Laurentino declarado em seu ofício relativamente à situação do Paraná.

A infiltração da força federalista nas trincheiras dos sitiados era tal, que seria desde logo impossível voltar atrás se os sitiados desejassesem.

Mas estes, convencidos da impossibilidade de resistência, ante os poderosos recursos dos federalistas, e desejosos de subtrair a população aos horrores da fome e do massacre que seria inevitável, si a praça resistisse até o último extremo, resolveram aceitar os termos da capitulação segundo as bases oferecidas por Laurentino, sendo lavrada áta e assinada pelos oficiais presentes.

Nessa mesma tarde foi a força legal desarmada e a praça ocupada pelos batalhões de Laurentino.

A notícia da capitulação espalhou-se velozmente, entre as forças federalistas.

Gumercindo e Piragibe, despeitados da glória obtida por Laurentino, vieram logo dos seus acampamentos para a Lapa, não só para pedirem contas ao colega da sua ação generosa, como mesmo desejosos de magoá-lo, rasgando essa áta de capitulação.



ARMANDO MARTAU

PORTO ALEGRE

RIO GRANDE DO SUL - BRASIL

RUA LEOPOLDO FROES, 86 - TEL. 3100 - CAIXA POSTAL, 382 - END. TELEGR.: "ARMAS"

FÁBRICA DE
MATERIAL BÉLICO

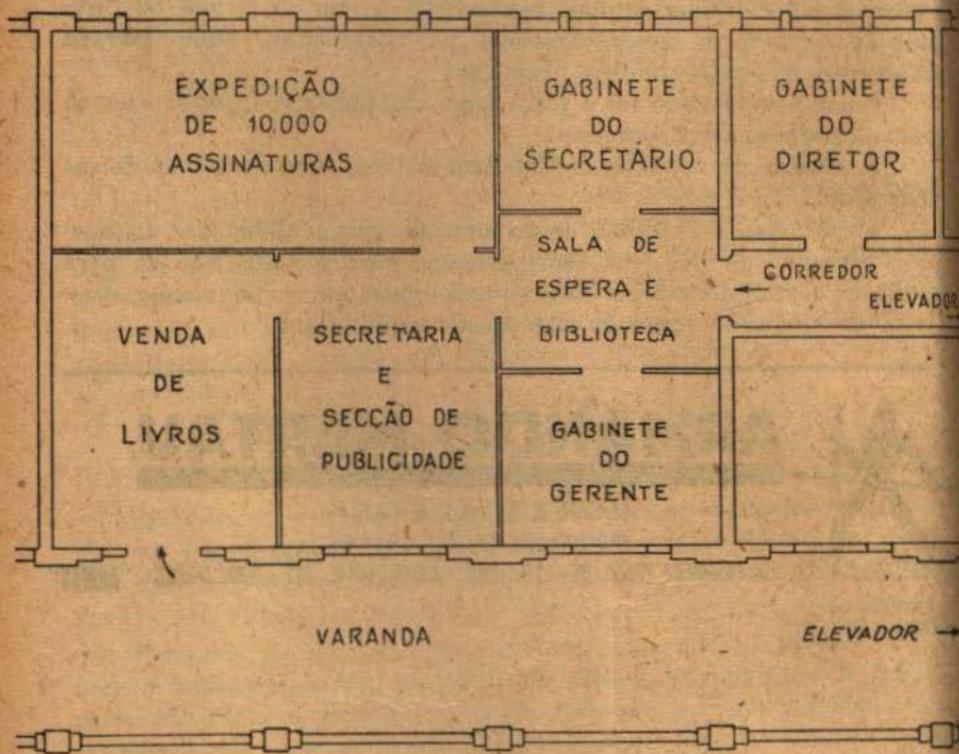
Marca registrada "ARMA"

ABRICA

SPECIALISADA em mecânica de alta precisão

Instalada no próprio Edifício do Ministério da Guerra, à Praça da República, no Rio de Janeiro, o mapa abaixo indica a localização de

A Defesa Nacional



e apresenta a revista como o mais autorizado órgão do Exército Brasileiro, que autoriza e credencia a sua publicação, através a palavra das altas autoridades militares.

Identificação de tropas amigas (1)

Editorial do "INFANTRY JOURNAL" de Maio de 1943

Trad. pelo 1.º Ten. JOÃO B. S. WAGNER

Uma das características imutáveis da guerra é a dificuldade de reconhecer as tropas amigas na confusão do combate. Esta é uma das razões pelas quais foram adotadas os uniformes e os distintivos e as cores de identificação tornaram-se de uso geral. A medida que aumentava a eficiência das armas, as forças militares eram submetidas a duas imposições: o desejo de mascarar as tropas pela adoção de cores e uniformes, que as confundissem com o terreno, e o de tornar possível a identificação das tropas e do material, à distância.

Nada afeta mais adversamente o moral, do que o fato da tropa pensar que está sendo submetida ao fogo da artilharia amiga ou metralhada e bombardeada pela sua própria aviação. O efeito está sempre absolutamente fora de proporção com os danos causados e é muito maior do que se o mesmo fosse infligido pelo inimigo. Foi para evitar tais dificuldades que os infantes franceses em 1914 usaram as conhecidas faixas vermelhas, aliás muito condenadas.

Muitas vezes as tropas ficam convencidas de que estão sendo submetidas ao fogo de forças amigas quando, de fato, não o estão. Um famoso exemplo disso teve lugar durante a campanha de Gallipoli. Na cota Q. situada nas elevações da Sari Bahr, a 9 de agosto de 1915, o I Batalhão do 6.º Gurkhas e um destacamento do 6.º South Lancashires capturaram, finalmente, a altura que tinha comando sobre o estreito. Antes de terem podido consolidar a posição, uma saraivada de granadas de artilharia varreu-os das altura. Supunham eles que este fogo vinha das armas ou das canhoneiras amigas. Seguiram-se, então, severas recriminações, mas tanto o comando da artilharia terrestre como o da naval declararam que o fogo fora

(1) Devido ao racionamento do papel não saiu no número passado.

feito pelos turcos. As perturbações que tais fatos causaram em todos os exércitos na última guerra tornaram-se bem expressivas pelas lamúrias escritas pelos alemães nas paredes e abrigos: "Tememos somente a Deus e à nossa própria artilharia".

Com o desenvolvimento da guerra aérea e com o aumento da rapidez das operações mecanizadas, as dificuldades de reconhecer as tropas amigas tornaram-se muito maiores. Os aviões deslocando-se a 360 milhas por hora e os veículos a 20 ou 30 milhas, são muito mais difíceis de ser identificados do que o infante, marchando a apenas 4 milhas por hora. Para eles, também, torna-se difícil reconhecer as tropas amigas, em virtude de sua velocidade. Tem havido (e sem dúvida haverá mais) informações de tropas, navios e material que foram atacados por aviões ou forças amigas. Tem sido noticiado que pilotos japoneses bombardearam e metralharam suas próprias tropas terrestres. Metralhadores anti-aéreos de porta-aviões japoneses abateram seus próprios aviões, enquanto estes perseguiam os nossos bombardeiros de mergulho que atacavam. Também navios da armada do "micado" abriram fogo contra seus próprios vasos de guerra, em encontros noturnos nas ilhas Salomão e navios italianos fizeram o mesmo na batalha do Cabo de Matapan. Bombardeiros de ambos os lados equivocaram-se quanto à identidade de navios de superfície, no Mediterrâneo.

Mesmo esquadrilhas de Stukas, já experimentadas, bombardearam, repetidas vezes, de baixa altura, suas próprias tropas e material, na África do Norte. O Sargento J. A. Brown, adido a uma secção de morteiros do exército britânico, em El Alamein, em 31 de outubro de 1942, escreveu em recente número de "Saturday Evening Post":

"Hoje foi um dia triste para a Luftwaffe. Para espanto e alegria de todos que observaram, vinte e dois Stukas mergulharam de maneira espetacular, porém erroneamente, sobre sua infantaria, já muito bombardeada. Logo que as bombas bateram no chão e levantaram pó, um grito selvagem de exultação irrompeu de um milhar de gargantas (britânicas).

Os homens bateram-se, jubilosos, nas costas uns dos outros. Era claro que este ataque nos estava destinado.

Foi um grande divertimento conjecturarmos a animada conversação que, naquele momento, fervilhava nas linhas telefônicas dos alemães. E nos deliciavámos em crer que os aviões eram pilotados por italianos.

Um segundo raide efetuado à tarde foi interceptado pela RAF. Penso que os alemães devem ter ouvido nossos brados de contentamento, dominando o barulho das bombas. Por mais incrivel que pareça, eles repetiram a façanha! Despejaram todas as bombas sobre seus companheiros. Praticamente, apagaram suas linhas do mapa. Foi o espetáculo mais belo que já vi até agora. Vi sargentos robustos brincarem, silenciosamente, com a areia, num êxtase de alegria; julguei que uma das veias do Coronel fosse rebentar...

Forças terrestres, particularmente tropas encarregadas da defesa anti-aérea, gastam muito tempo para identificar os tipos dos aviões, tarefa que se tornou difícil, tendo em vista a velocidade dos aparelhos modernos. Mas o que pode ser feito para tornar mais fácil aos pilotos a identificação das tropas e do material amigo? O piloto de um moderno avião de combate olha para o campo de batalha através de grossos vidros de segurança, além dos óculos protetores. Por outro lado, ele vai sentado numa posição que restringe sua visão e viaja aproximadamente a quatrocentas milhas por hora. Ele tem de identificar os objetos terrestres em questão de poucos segundos. Quando ambos os lados se utilizam da camuflagem ou de cobertas, seu problema é imensamente complicado. No empoeirado deserto, uma coluna de tanques ou de veículos amigos, que se aproxima de suas próprias linhas, pode ser tomada por máquinas inimigas que atacam. O velho estratagema de virar para traz a torre dos tanques, quando em movimento, em direção das linhas amigas, é muitas vezes copiado pelo inimigo;

porque, além disso, girar de 180° a boca de um canhão motorizado, não é coisa fácil. Os tradicionais distintivos de identificação tais como cruzes negras ou estrelas vermelhas ficam muitas vezes, cobertas pela poeira.

Os alemães, na África do Norte, começaram a pintar de encarnado toda a parte traseira de seus tanques. Como as faixas vermelhas dos infantes franceses de 1914, este uso de tinta encarnada deixou a artilharia alemã e sua força aérea em condições de saber onde se encontram seus próprios veículos. Parece que os alemães estão convencidos de que os pequenos distintivos são inadequados e portanto se arriscam a permitir a identificação de seus elementos pelas forças aéreas inimigas. Há muitas razões para que tal sistema seja recomendado.

As operações em terrenos de matos densos ou de selva determinam ainda, para os pilotos, maiores dificuldades de identificação. Raramente podem eles assegurar-se da localização de suas linhas se estas estiverem cobertas por folhagens. As bandeirolas de sinalização ou os painéis de identificação, em terra, não podem ser vistos. A solução do caso parece estar no emprego de foguetes com fumaças coloridas ou com artifícios, que se elevem acima das árvores.

Recentes operações no sudoeste do Pacífico e na África do Norte parecem indicar que a identificação das forças amigas, quando feita do ar, é um dos mais árduos problemas que temos a enfrentar. Isto fez surgir uma questão para saber-se o que é mais importante: dissimulação ou identificação? Se a dissimulação antes e durante a batalha é mais importante que a imediata identificação das forças amigas ou inimigas, então as cores atuais do equipamento, veículos e distintivos são satisfatórias. Por outro lado, pode-se perguntar se os tradicionais distintivos e cores de identificação não deveriam ser substituídos por uma cor bastante viva ou por um distintivo bem visível, afim de serem reconhecidos com facilidade pelos aviões, operando em altitudes normais. Visto que este assunto é de interesse para todos os combatenets, "THE JOURNAL" ficará imensamente satisfeito em publicar o melhor comentário recebido. Remetam suas sugestões.

Organização da Artilharia Anti-Aérea do Corpo de Exército Espanhol

Pelo Cmt. RICARDO CASTRO CARUNCHO

Extraído do Coast Artillery Journal pelo
Mejor NEWTON FRANKLIN DO NASCIMENTO

Inúmeras missões atribuidas durante a guerra às baterias anti-aéreas, são idênticas às das baterias de costa e de campanha. Tais são, por exemplo, as missões de tiro contra objetivos moveis, terrestres ou não, tão comuns na Guerra da Espanha e que, na presente Guerra Mundial, se apresentam em muito maior escala. O ideal seria que todo o armamento utilizado por um exército fosse capaz de ser empregado sem distinção contra esses objetivos. Não se cogita disso, pois, a possível adaptação das baterias de pequeno ou medio calibre, ao tiro anti-aéreo, apresenta mui grandes dificuldades técnicas e tácticas quanto à modificação dos reparos do material para esse fim. O Corpo de Exército — definido no Regulamento para o Emprego Tático das Grandes Unidades — “como sendo a primeira unidade de manobra” — possue sempre elementos orgânicos de artilharia anti-aérea com essa dupla missão.

A defesa anti-aérea é uma necessidade efetiva e é absolutamente indispensável que todos se convençam de que o combate pode ser travado tanto contra aeronaves, como contra outra qualquer forma de ataque inimigo. Tal convicção basea-se na segurança inculcada pela sólida instrução, que é preciso dar a todas as unidades, não importa qual a finalidade a que se destinam. Todos os soldados, desde os que colaboram na produção de guerra, até os que combatem na linha de frente, têm a cumprir uma missão de defesa anti-aérea. Para uns, essa missão consiste no emprego de suas armas contra aviões e, para outros, ela se resume apenas em se protegerem contra bombar-

deiros. Alguns, terão a seu cargo postos de escuta na rede de serviço e, outros, dispositivo de telefone e rádio, para transmitir alarmes, ordens e relatórios de que necessita o serviço de defesa anti-aéreo.

O comando de qualquer unidade, para funcionar harmonicamente, precisa possuir as informações necessárias tanto para o emprego adequado e consentâneo de seus meios, como para utilização dos abrigos e acidentes do terreno, tendo em vista a escolha de um dispositivo apropriado que possa manobrar durante cada fase do combate. Na guerra, como na paz, é preciso dar, portanto, extraordinária atenção aos diversos aspectos que a defesa anti-aérea assume em cada fase de combate ou de movimento das tropas, isso tudo em poucos momentos. Tal flexibilidade, só se adquire quando cada um conhece a fundo o que tem e sabe o que deve fazer, sem hesitação, firmemente convencido de que seu dispositivo é o mais apropriado — o que se consegue sómente por uma intensa e cuidadosa instrução.

De resto, a defesa anti-aérea de uma grande unidade, em estacionamento ou movimento, como em combate, é inteiramente diferente da defesa de um ponto vulnerável da retaguarda. Se examinarmos o desdobramento de um Corpo de Exército sobre sua zona de ação, ou se observarmos suas três divisões escalonadas ao longo de uma frente estabilizada, notaremos aí duas partes bem distintas, do ponto de vista da defesa anti-aérea. A primeira se apresenta sobre a superfície do terreno situada na frente da linha principal de resistência e a segunda no terreno atrás dessa linha. A primeira porção é ocupada quasi exclusivamente pelas trincheiras, casamatas, pontos de apoio, P. O., núcleos de resistência, etc., que o inimigo tem interesse de atacar a baixas altitudes para obter logo resultados definitivos.

Na segunda, mais recuada, encontraremos importantes concentrações de pessoal e material, tais como as baterias de artilharia, parques de automóveis, tropas de reserva, quartéis gerais, hospitais, armazéns de víveres, depósitos de munições, comboios, etc., em outras palavras, objetivos importan-

tes que o inimigo tem interesse de atacar em força e em todas as altitudes de vôo. Ambas as zonas serão marteladas por bombardeiros, por certo com maior intensidade na segunda do que na primeira zona, em consequência da proximidade imediata dessa outra dos fogos terrestres do atacante.

Vejamos agora os elementos com que podemos contar para utilizar na defesa. Pondo de lado os aviões de caça, cujo emprego foge ao âmbito do presente estudo, podemos grupar em três classes o armamento anti-aéreo: Canhões leves de médio calibre, canhões automáticos de pequeno calibre e metralhadoras anti-aéreas. Os dois primeiros constituem a artilharia anti-aérea no sentido restrito da palavra. Em vista das missões que lhes competem na defesa de uma grande unidade, onde agem em conjunto, êles são grupados sob as ordens diretas do comandante do Corpo de Exército. A metralhadora anti-aérea é mais empregada na defesa isolada de cada unidade, contra vôos baixos e ataques de bombardeiros em mergulho. São, por isso, atribuidas às divisões, bem como às pequenas unidades, se houver um número suficiente de peças. Juntamente com esse armamento, tipicamente anti-aéreo, fuzis e armas automáticas poderão ser utilizadas pelas unidades, com o fim de reforçarem o fogo da defesa anti-aérea. Seu emprego requer muita disciplina e cuidadosa organização, visto como não são empregadas todas essas armas no tiro anti-aéreo, mas somente aquelas designadas pelo comando. O outro fator a considerar na defesa anti-aérea de um Corpo de Exército, é a proximidade das linhas inimigas. Isso implica num estudo acurado e num criterioso emprego dos meios de comunicações e de ligações entre os postos de escuta e as unidades a que devem alertar. Essa questão é de primeira urgencia, isso por que um dos mais importantes fatores do êxito da defesa anti-aérea é a certeza de que nenhum ataque aéreo inimigo pode ser enfrentado com êxito, sem um aviso prévio. Nessa missão, devem cooperar todas as tropas do Corpo de Exército, pois, nem os serviços anti-aéreos, nem as unidades anti-aéreas, dispõem do pessoal suficiente para estabelecer postos de alarme em cada corpo de tropa ou orgão de serviço. Para dar alarmes ou prestar informações anti-aéreas,

é necessário utilizar os postos de observação, linhas telefônicas e estações radio de todas as unidades do Corpo do Exército. Isso exige um entendimento frequente dessas unidades, o que só pode ser obtido por uma perfeita unidade de doutrina e de pensamento, chave fundamental do sucesso.

Feitas essas ligeiras considerações, indispensáveis para compreender como se movimenta e se aciona a artilharia anti-aérea, do Corpo de Exército, abordemos o estudo dessa artilharia, considerando separadamente cada um de seus três escalões: a bateria, o grupo e o grupamento.

A BATERIA

As baterias anti-aéreas do Corpo de Exército Espanhol são de duas espécies: de canhões anti-aéreos e de canhões automáticos. Os primeiros empregam projéteis de arrebentamento (ou granadas explosivas) de medio calibre, armadas com espoletas graduadas. São capazes de atingir aeroplanos em todas as altitudes e constituem o elemento fundamental do fogo anti-aéreo. Os segundos são constituidos de canhões automáticos de pequeno calibre, em condições de fazer fogo na direção imediatamente à frente da rota seguida pelos aeroplanos, com projéteis armados de espoletas instantâneas. Eles possuem um alcance vertical até 4.000 metros. Tanto um, como outro, devem ser dotados do aparelhamento de direção de tiro, mais ou menos elementar, indispensável a todos os canhões que fazem tiro contra aviões. O canhão anti-aéreo, em face da natureza e progresso da aviação atual, precisa ser equipado com o material de direção de tiro automático e dispositivos mecânicos de disparo. Uma bateria sem o aparelhamento necessário para preparar e executar o tiro anti-aéreo é tudo menos uma bateria anti-aérea. No máximo, será uma bateria destinada a cooperar em barragens, mas não poderá utilizar nunca toda a sua precisão e potência.

Um dos aspectos primordiais das baterias anti-aéreas é a mobilidade. Afim de se prevenirem contra a artilharia inimiga, a aviação e a espionagem, precisam mudar constantemente

de posição. O deslocamento é sempre feito à noite, exceto, quando a bateria estiver sendo batida pelo fogo terrestre inimigo. Nesse caso, deverá mudar de posição imediatamente, pois, a operação tornar-se-ia muito mais fácil se surgisse um ataque aéreo inimigo e teria, por isso, pequeno efeito. Por essas razões, é absolutamente necessário que a bateria tenha seus próprios meios de transporte e que estes nunca se separem dela.

A missão da bateria anti-aérea exige completa dedicação do pessoal da defesa do ar. Em curto espaço de tempo a bateria deve abrir fogo eficaz. Isso exige que todos, desde o capitão ao último soldado, se mantenham em alerta diante do inimigo aéreo. Na Guerra da Espanha, que se caracterizou sob esse aspecto por um grande espírito de sacrifício, presenciamos artilheiros, que estavam dormindo, sairem de seus abrigos exclamando que "tinham ouvido aeroplanos". Nada poderá exprimir mais do que essa frase. Isso retrata a psicologia do soldado anti-aéreo, que sempre conserva no sub-consciente o senso de dedicação ao serviço e da defesa de seus camaradas, mesmo afastado de seu posto.

O artilheiro anti-aéreo não sómente ouve e vê aeroplanos, mas todo o seu ser vive sob constante tensão nervosa. Por isso, é necessário que as baterias disponham de amplos locais de estacionamento, que permitam uma parte do pessoal conservar-se a certa distância da bateria, pois nenhum repouso é obtido perto da mesma, salvo em detrimento da precisão e eficiência do tiro. Para isso, deverá ser atribuída a cada sub-unidade uma turma adicional de direção de tiro, de serventes das peças e dos órgãos de proteção, afim de que pelo rodízio, o pessoal possa repousar pelo menos o suficiente.

Do que acima foi exposto, podemos concluir que cada bateria deve ser provida de recursos próprios e dispor de cozinhas, barracas, caminhões em número suficiente, rãdes de disfarce e ferramenta de sapa, afim de construir trincheiras para o pessoal e depósitos de munições, tendo em vista protegê-los das metralhadoras atirando a baixas altitudes. Esse é o único caso em que o pessoal é obrigado a abandonar o serviço das peças, diante da impossibilidade de atingir um objetivo que vôle a

uma baixa altitude e dentro do espaço morto da bateria. Essa defesa é atribuição exclusiva da secção de proteção, que nunca deve ser afastada da bateria de canhões.

Além desses elementos, as baterias devem dispor de órgãos de comando, do mesmo modo que as baterias de campanha. Quando a missão das baterias consiste somente em atirar contra objetivos terrestres, elas utilizam esses órgãos. Porém, quando atiram em terra ou no mar, somente incidentalmente, sem abandonarem a missão do tiro anti-aéreo, os órgãos que fazem a observação e correção do tiro são os do grupo. Dessa maneira, as baterias não são obrigadas a agir fóra de suas tarefas e a distrair elementos de sua missão precípua.

O GRUPO

É a unidade constituida de um certo número de baterias, geralmente três. Suas operações não diferem muito das que cabem aos grupos de artilharia de campanha. Realmente, as baterias não ocupam nunca a mesma zona de posições, mas, pelo contrário, acham-se separadasumas das outras de vários quilómetros, conforme as missões atribuidas ao grupo e conforme a densidade de baterias do Corpo de Exército. Estas, por sua vez, terão quasi sempre de fazer o tiro individual contra objetivos aéreos pois, raramente, o comandante do grupo dirigi-lhes o fogo, em virtude da dificuldade de emprego, numa guerra de movimento, da aparelhagem de direção de tiro de várias baterias. Para isso, o comandante do grupo indica a cada capitão as missões especiais de tiro anti-aéreo e terrestre e quais as posições sucessivas a serem ocupadas em cada fase do combate. Para o primeiro caso, mantém intima ligação com o comandante do grupamento e, para o segundo, estuda previamente um grande número de posições, de modo que suas baterias possam acompanhar o constante deslocamento das tropas. Essa tarefa pode ser realizada com relativa calma, quando o Corpo de Exército ocupa uma frente estabilizada, mas numa guerra de movimento ela assume tal magnitude, que o comandante do grupo raramente tem o ensejo de repousar e

assim mesmo, só o pode fazer sobre as almofadas de seu automóvel. De manhã à noite, o combate apresenta fases alternadas e com especialidade, durante a perseguição do inimigo, as unidades executam lances profundos, durante os quais é preciso protegê-las contra ataques aéreos. Só mui raramente far-se-á a mudança de posição dessas baterias de dia, pois no curso de tal operação elas ficam sem poder atirar. Por isso, é preciso efetuar o deslocamento de algumas unidades à noite e o comandante deve ter estudado e reconhecido as posições pessoalmente, por isso que o trabalho do capitão comandante de bateria, constantemente preocupado em estar pronto para entrar em ação, impede-o de reconhecer-las pessoalmente.

Quando se aproxima o momento de mudar de posição, é preciso que o pessoal do E. M. do grupo esteja em condições de guiar as baterias às suas novas posições. Para essa marcha, convém abandonar um pouco as estradas principais, que já se encontram atravancadas. Geralmente, elas se apresentam com pontes destruidas, engorgitadas por veículos e outros obstáculos e é preciso contar com isso, de antemão. Isso tudo reduz consideravelmente a rapidez dos movimentos da bateria. Durante o inverno, as noites são longas, mas na primavera e no verão, que são as estações mais preferidas para todas as operações, as noites são muito curtas. Portanto, devem ser fornecidos às baterias os meios necessários para remover todos os obstáculos encontrados durante o movimento. Para isso, o comandante do grupo deve manter-se em constante ligação com o comando superior, de modo que, na remoção dos obstáculos, seja dada a máxima consideração ao peso e volume das peças de artilharia e, também, nas ordens sobre a circulação, seja concedida prioridade às baterias anti-aéreas, sem o que elas não poderão atingir suas posições antes do alvorecer. Em muitos casos, isso envolve medidas que devem ser reguladas pelo pessoal de Estado Maior se se tratam de pequenos movimentos, ou a intervenção do Corpo de Exército, no caso de medidas que tenham certa importância. Do mesmo modo, o comandante terá de verificar previamente, se as novas posições estão em condições de serem ocupadas.

Afim de desempenhar tão vasta tarefa, o comandante do grupo dispõe de um Estado Maior constituído de duas secções: uma para os trabalhos topográficos e outra para ligações e preparo das posições. A primeira, comandada pelo tenente orientador, dispõe de uma turma de orientação. Sua missão consiste em fornecer os dados topográficos indispensáveis e instalar os postos de comando necessários ao plano de fogo, pois as baterias, em regra, não podem dispôr de pessoal para esse fim. A segunda secção tem a missão de reconhecer as posições das baterias e guiá-las na ocupação dessas posições. E' comandada por um oficial e dispõe de tantas turmas, quantas forem as baterias do grupo. Cada turma é constituida de um sargento, um cabo, quatro soldados, além de um cabo e vários homens munidos de ferramenta de sapa, bem como um motorista, para servir de agente de transmissão.

A necessidade de organização da secção de ligação e de preparo das posições é urgente e foi uma das que se fizeram sentir mais vivamente durante a guerra civil na Espanha. O comandante do grupo, depois de reconhecer as posições que suas baterias devem ocupar, comunica-lhes suas decisões e dá-lhes instruções sobre os trabalhos a serem aí realizados, afim de que a ocupação se efetue rapidamente. Essas novas posições são geralmente, separadas e distantes daquelas que as baterias ocupavam antes. E', por tanto, necessário que existam agentes de ligação para guiar cada bateria à sua nova posição e pessoal separado para ir aí, afim de instalar os meios de transmissões necessários, pois o pessoal da bateria está ocupado em recolher os fios telefónicos da antiga posição. Cada turma dispõe de meios de transporte próprios. O comandante da secção acompanhará o comandante do grupo durante o reconhecimento e transmitirá suas ordens ás diferentes turmas que, previamente, colocou nas proximidades das novas posições a serem ocupadas. Esse oficial terá à sua disposição uma motocicleta com "sidecar".

A organização mais aconselhável para um grupo de Corpo de Exército, consiste em duas baterias de canhões leves, constituidas de quatro peças cada uma e outra bateria de ca-

nhões automáticos, constituida de seis peças e composta, em princípio, de duas secções de três peças cada uma. Cada bateria disporá de uma secção de metralhadoras anti-aéreas de 20 m/m. Assim, o grupo terá armamento para atirar contra aeronaves em todas as altitudes e para atender sua protecção imediata.

O GRUPAMENTO

O conjunto da artilharia anti-aérea do Corpo de Exército forma o Grupamento, o qual centraliza a defesa anti-aérea da grande unidade. O inimigo que essa artilharia tem de enfrentar é comum a todas as baterias, pois os aviões possuem tal rapidez que não vôam apenas sobre um ponto do Corpo de Exército, mas sobre toda sua zona de ação. O objetivo que essas baterias tem a defender é sempre um único, compreendendo todas as tropas e serviços da grande unidade.

O Corpo de Exército ocupa uma zona com limites bem definidos. Nessa zona existem numerosos objetivos, cuja defesa individual exigiria um grande número de baterias. Essas baterias estão espalhadas sobre o terreno, mas ficam dentro das linhas que limitam a zona de ação do Corpo de Exército. Em vista de todas as baterias, ou sómente parte das que defendem um objetivo, precisarem defender outros, é necessário conservar na mente essa variedade de missões das baterias utilizadas na defesa anti-aérea. O único meio possível de realizar essa multiplicidade de missões, consiste em localizar as baterias onde for mais praticável a defesa do Corpo de Exército, encarado como grande unidade. Isso torna absolutamente necessário que sómente o general comandante encarregue-se dessa tarefa. As baterias terão muitas vezes, em maior ou menor número, de ocupar posições dentro da zona atribuída a uma divisão, mas isso não é motivo para ficar sob as ordens do comandante dessa divisão e com seus movimentos limitados apenas à sua defesa, o que acarretaria prejuízos às demais divisões e ao conjunto do Corpo de Exército. Se uma ou diversas baterias têm a missão exclusiva de tiro contra aviões, como ocorreu na Guerra da Espanha e ocorre frequentemente na guerra atual, essas baterias

imediatamente cessam de permanecer sob as ordens diretas do general comandante da divisão e passam a operar sob as ordens do comandante da artilharia do Corpo de Exército. A escolha das baterias para essas missões será feita pelo comandante do grupamento, o qual, de acordo com as ordens recebidas do Corpo de Exército, indica a cada comandante de grupo a respectiva missão e o nome do comandante sob cujas ordens essas baterias agirão.

A missão do comandante de grupamento é, portanto, a de comandante da artilharia anti-aérea do Corpo de Exército e seu comandante tático superior é o general comandante do Corpo de Exército. Técnicamente, como qualquer comandante de artilharia, dependerá do comandante de artilharia do aludido Corpo de Exército. Para isso, mantém ligação direta com ele e estaciona, sempre que possível, no mesmo local. Outrossim, precisa manter perfeita ligação com o serviço de informações da Força Aérea do Corpo de Exército, afim de assegurar o funcionamento de seu serviço de alarmes aéreos. A necessidade de ligar esses serviços com seus postos de observação e baterias, obriga-o a ter à sua disposição muitos meios de transmissões, afim de assegurar uma eficiente ligação entre as unidades, tendo em vista seus constantes e rápidos deslocamentos, ligações essas que deverão ser estabelecidas do grupamento para os grupos e dos grupos para as baterias, mas nunca em sentido oposto.

Sabemos ainda que a missão dada a um capitão, de atirar com precisão e rapidez, consiste, em última análise, numa missão puramente técnica. A do comandante do grupo, que consiste especialmente na escolha das posições é, por isso mesmo, uma missão tática. A missão do comandante do grupamento reside, particularmente, no estudo cuidadoso da organização geral da defesa, de acordo com as ordens do Corpo de Exército, para definir, em consequência, as missões a serem desempenhadas pelos grupos. Por outro lado, cada bateria em sua constante mudança de posição, trocará de uma divisão para outra, dentro de um mesmo Corpo de Exército. Isso exige que em cada caso, o comando esteja informado sobre os depósitos de vive-

res e munições de que precisa dispor para seu reabastecimento. Tanto essas necessidades, como as que resultam do movimento das viaturas e manutenção do material, serão suprimidas pelo E. M. do grupamento, com os meios à sua disposição. O grupamento é o único orgão anti-aéreo que mantém direta e constante ligação com o comandante do Corpo de Exército.

Do que acima foi explanado, é fácil concluir que o comando do grupamento tenha uma organização adequada, em vista das multiplas tarefas que recáem sobre êle. Por esses motivos, precisa ter um E. M. sob as ordens de um capitão e dividido nas seguintes secções:

a) — *Secção de observação e ligação* — Esta secção, sob as ordens de um oficial, terá a missão de estabelecer as ligações previstas pelo Corpo de Exército, dentro de sua propria rôde, instalar os postos de observação da rede de escuta e ligar sua propria rede com as do Exército e as da Força Aérea. Além disso, encarregar-se-á da reparação e substituição de todo material de transmissões das unidades do grupamento. Em vista disso, deverá manter-se em ligação direta com o comandante das transmissões do Corpo de Exército. Diante do compromimento das linhas que é preciso estabelecer e da rapidez com que elas precisam ser estabelecidas, é necessário que essa secção disponha de viaturas motorizadas, especialmente construídas para esse fim. A secção precisa, também, contar com um abundante abastecimento de material de transmissões.

b) — *Secção automovel* — Esta secção será constituída por todas as viaturas automóveis distribuídas às unidades do grupamento. O oficial comandante desta secção é responsável pela contínua conservação e uso de todo esse material. Ele deverá, portanto, manter-se em constante ligação com o chefe do serviço de transporte e motorização do Corpo de Exército. As viaturas de cada sub-unidade ou órgão de comando estão sempre sob a responsabilidade de um sargento motorista. Nas questões técnicas do serviço, o encarregado da viatura fica sob as ordens da secção automovel. Nas demais questões, referentes ao emprego e movimento, continua sob a direção do comandante da unidade.

c) — *Secção de abastecimento* — Esta secção será constituída de um número de pessoal bastante reduzido. Sua missão é fornecer informações a cada unidade, sobre a localização dos depósitos de gêneros, munições, combustíveis, etc., de que as unidades carecem constantemente, bem como sobre os demais órgãos de abastecimentos e socorros médicos mais próximos. O comandante da secção mantém-se em constante ligação com os chefes dos Serviços do Corpo de Exército e das divisões. Utilizando o pessoal de sua secção mais indicado para essa natureza de trabalho, ele providencia o abastecimento de todas as unidades do grupamento. O serviço de correio é também assegurado por essa secção.

d) — *Secção Extranumerária* — Esta secção, comandada por um oficial, é composta do pessoal destinado ao serviço dos oficiais, além de rancheiros, mensageiros, escreventes, desenhistas, etc., e tem a seu cargo a direção administrativa do E. M. do grupamento e dos estacionamentos por ele ocupados. É também sua função preparar os acantonamentos ou instalar os acampamentos do grupamento.

Além do E. M., o grupamento possuirá um orgão especial, sob a direção de um capitão e que servirá, tanto de centro de serviço de informações e das ligações com os comandos do Corpo de Exército e divisões, como de secção topográfica, secretaria e arquivo. Nesse orgão, que terá o número de oficiais e de homens julgados necessários, incluir-se-á o oficial de ligação dos serviços da artilharia anti-aérea e da aviação. Ele manterá constante ligação entre esses serviços e os do grupamento, afim de que possam funcionar juntos em perfeita harmonia. Essa ligação é extremamente importante, pois as baterias, por seu intermédio, poderão conhecer sempre o movimento dos aviões amigos em sua zona de ação e receber os alarmes vindos de outros setores e dos postos de escuta situados na zona do Corpo de Exército. Esses últimos, são, por sua vez, postos avançados de escuta e de observação e, com seus relatórios, poderão contribuir para a defesa de todo o conjunto. Tivemos um bom exemplo disso na ação combinada dos serviços anti-

aéreos e do grupo anti-aéreo do Corpo de Exército da Galícia, na zona de Castela, durante o último ano da guerra civil na Espanha.

EMPREGO TÁTICO

Consideramos, acima, duas zonas de objetivos batidas pelo inimigo aereo: uma, exposta somente aos ataques a baixas altitudes ou a bombardeios em mergulho, na frente da linha principal de resistência; a outra, exposta a toda a espécie de ataques aereos e situada atrás dessa linha. A diferença essencial entre a organização da defesa anti-aérea do Corpo de Exército e de um objetivo da retaguarda é que, para defender o último, as baterias são colocadas longe do objetivo, enquanto na defesa do primeiro elas são situadas dentro da zona do Corpo de Exército. Para atingir os aeroplanos antes de alcançarem a linha onde lançarão suas bombas, é preciso adotar a solução de avançar as baterias consideravelmente. Mas, embora isso se possa fazer facilmente na zona da retaguarda do Corpo de Exército e mesmo no flanco, se o Corpo de Exército não estiver agindo isolado, não se dá o mesmo na zona da frente, pois, as baterias precisariam, para cumprir sua missão eficazmente, ocupar posições com um campo de tiro de 360° e com muito pequenos angulos de posição" e, portanto, seriam facilmente localizadas e neutralizadas pelas baterias inimigas. Não é aconselhável pois, colocar essas baterias fora da zona de posições da artilharia do Corpo de Exército, exceto no caso de ruptura da frente ou de perseguição ao inimigo. Colocando-se três baterias de canhões anti-aéreos à cerca de seis quilometros da linha de vigilância, obter-se-ão alcances que permitirão atingir o inimigo a quatro quilometros ($36''$ de vôo, na frente da primeira linha onde são lançadas as bombas. Essa solução resolve o problema em profundidade, pois, a importância dos objetivos do Corpo de Exército cresce, como já vimos, da frente para a retaguarda. Três outras baterias situadas na zona da retaguarda, completarão a defesa e reforçarão o fogo das baterias da frente.

Contra ataques a baixas altitudes e bombareios em mergulho, três secções de canhões automaticos serão colocadas na frente, cobrindo a zona avançada, quasi completamente; três outras serão colocadas na zona que poderemos chamar dos serviços da divisão; e duas, finalmente, serão colocadas na zona mais à retaguarda, que consideramos como a zona dos serviços do Corpo de Exército. As baterias de canhões anti-aéreos com alcance superiores aos precedentes, cooperarão nesas defesa, pois podemos considerar a altitude onde começa o voo picado a partir de 2.000 metros.

Vemos então que, com três grupos de duas baterias leves e uma bateria de canhões automaticos e mais uma bateria adicional desse último tipo, resolvemos satisfatoriamente o problema da defesa anti-aérea do Corpo de Exército, mesmo quando esteja ocupando uma zona do terreno bastante ampla. Com o fim de reforçar a defesa anti-aérea e prever um grande número de unidades para o plano de fogo, seria aconselhável formar um grupamento de ação de conjunto, constituído de baterias de canhões automaticos, independentes dos grupos citados acima, de uma bateria leve anti-aérea e uma companhia de metralhadoras de 20 m/m., constituida de seis secções de duas peças cada uma.

Nos "tiros de superficie", isto é, nos tiros previstos no plano de fogos contra objetivos fixos ou moveis que não sejam do ar, as baterias podem operar de duas maneiras distintas: dedicando-se exclusivamente a essa missão, ou atirando contra esses objetivos somente em circunstâncias extraordinárias. No primeiro caso, as unidades anti-aéreas incumbidas dessas missões, ficarão sob as ordens do comandante da artilharia de campanha, ao qual elas são atribuidas normalmente, no segundo caso, o tiro contra tais objetivos em cada unidade, será desencadeado sob as ordens do comando previamente designado. Esse comandante terá a responsabilidade de determinar o tempo que a bateria ou secção deverá abandonar a defesa do ar, para entregar-se ao tiro contra o objetivo terrestre eventual. São feitas exceções, porém, aos casos de extrema gravidade, nos momentos críticos em que a decisão depende

apenas do comandante da bateria e nos quais a ordem de atirar parte do chefe mais proximo, ou da propria consciência do comandante da bateria que, melhor do que ninguem, percebe a gravidade da situação.

Tanto em uma guerra de movimento, como em uma posição estabilizada, todos os serviços da defesa anti-aérea devem funcionar em perfeita coordenação; em caso algum será permitido a qualquer bateria ou secção deixar de permanecer em estreita ligação com a rede dos postos de escuta com as demais unidades. Se por qualquer razão tornar-se impossivel instalar um sistema de telefone individual, os que estiverem incompletos serão iglado à rede geral do Corpo de Exército. As comunicações pelo radio também são usualmente empregadas para dar alarmes.

A partir do momento em que é dado o alarme, todas as unidades passam à disposição das baterias e os aparelhos não são mais chamados, exceto para informá-las quanto ao número de aviões inimigos, mas nunca para outras informações, pois o funcionamento da rede ficaria obstruído e o capitão comandante da bateria distrair-se-ia de sua missão.

Dado o alarme, os comandantes de baterias o transmitem aos comandantes dos grupos que, por sua vez, fazem o mesmo ao comando do grupamento. Esse P. C. é o centro onde são centralizados todos os relatórios e informações provenientes dos postos de escuta e das baterias. O rádio pôde ser usado, quer para dar alarmes, quer para indicar os movimentos do inimigo aéreo. Mas, para informações relativas aos resultados de um ataque ou aos vôos da aviação amiga, que exigem absoluto segredo, o rádio será usado se não houver outros meios de transmissões e se ficar assegurado que as convenções e códigos utilizados não serão decifrados pelo inimigo. Mesmo assim, se a informação não fôr de extrema urgência, é preferivel enviá-la de automovel ou motociclo, por um oficial de ligação. O mais satisfatório meio de transmissão, nesses casos, é o telefone, e, o melhor aparelho entre todos, é o do comandante do grupamento.

Para o deslocamento da artilharia anti-aérea, o E. M. do Corpo de Exército informará ao comando do grupamento, diariamente, sobre a situação de todas as tropas e serviços do Corpo de Exército. Subordinado a essas informações e às exigências dos demais fogos que não sejam os anti-aéreos, fogos esses previstos e indicados pelo comandante da artilharia, é organizado o plano geral da defesa. Os comandantes de grupos organizam um esboço das posições estudadas e, dentre essas, o comandante do grupamento indica as que devem ser ocupadas pelas baterias. Para coordenar o trabalho dos grupos, o comandante do grupamento indica, precisamente, a cada comandante de grupo, a zona de procura de posições para o dia seguinte, a qual ele se esforça para tornar a menor possível. Além disso, ele deve indicar aos comandantes de grupos as baterias destinadas a cooperar contra objetivos fugazes terrestres e de que comandos devem receber ordens para executá-los, bem como as que tem por missão bater somente tais objetivos. De posse de todas essas indicações, cada comandante de grupo envia as turmas de reconhecimento para completarem os estudos das posições escolhidas, posições essas que serão ocupada à noite pelas baterias, utilizando os guias a que já se fez referências. Se qualquer bateria recebeu uma tarefa especial ou ordem para bater objetivos terrestres, o comandante do grupamento em pessoa ou por intermédio de seu adjunto, dar-lhe-á as instruções convenientes, pois os comandantes das baterias não podem abandonar suas posições.

O estabelecimento das ligações constitue objeto de cuidados especiais. Em geral, o E. M. do grupamento instalará uma ou mais linhas em que serão estabelecidos os centros de transmissões, nos locais mais próximos a uma ou mais baterias, não sendo necessário que elas pertençam ao mesmo grupo. As turmas de transmissões dos grupos, ligarão suas baterias, postos de comando e de observação a esses centros. Para os alarmes, a dependência orgânica das unidades éposta à margem e as redes são utilizadas da maneira mais conveniente, para obtenção da maior rapidez.

CONCLUSÃO

A artilharia anti-aérea, diante do atual progresso atingido pela arte da guerra, constitue um elemento cujas missões abrangem não somente a defesa anti-aérea, mas também a defesa anti-tanque e outras formas de emprego da artilharia de costa e de campanha. O êxito das operações depende, em grande escala, de seu judicioso emprego. Porém, é necessário guardar na mente que a missão anti-aérea é a principal e que só pode ser posta de lado quando a segurança do Corpo de Exército, cuja defesa anti-aérea lhe foi confiada, não sofra perigo.

O Major Newton Franklin do Nascimento traduziu e adaptou ao vernáculo o artigo acima, de 11 a 12/VIII/1943.

Indústrias "CAMA PATENTE L. LISCO" S.A.

A maior fábrica de camas da América do Sul

Legítima só com a faixa azul!

Grande
fornecedor
dos Exércitos
Nacional
e Americano



Matriz : Rua Rodolfo Miranda, 97 - S. Paulo

Filiais : RIO DE JANEIRO - Rua Figueira de Melo, 307 — Loja:
— Rua 7 de Setembro, 177.
— BELO HORIZONTE, RECIFE, BAÍA, PORTO ALEGRE e
— PELOTAS.

Agências : MANÁUS, BELÉM DO PARÁ, FORTALEZA, NATAL e
— MACEIÓ.

A P U B L I C I D A D E
N A
A D E F E S A N A C I O N A L

Comunicamos ao público, em geral, ao comércio e indústrias do país e aos nossos anunciantes do Rio de Janeiro e dos Estados, em particular, que todo o serviço de publicidade está a cargo do

BUREAU INTERESTADUAL DE IMPRENSA

com escritório à

PRAÇA MAUÁ, 7 — 13.^o andar

Telefones: 43-9918, 23-1451 e Oficial 2-515

Caixa Postal, 365 — End. Telegr.: "Bureau"

S u c u r s a i s

São Paulo — Mario Herédia, Rua Barão de Paranápiacaba, 61 — 4.^o andar.

Curitiba: — Percival Loyola, Rua 15 de Novembro, 573

Porto Alegre — Arthur Gonçalves, Rua Shuller, 44

Recife — Aristofanes da Trindade, Travessa Madre de Deus, 113.

No Rio de Janeiro, só o cobrador do Bureau devidamente credenciado, com a respectiva carteira, está autorizado a receber contas, sendo vedado fazê-lo a qualquer agente ou outro auxiliar.

807

Nosso Exército Aerodinamizado (1)

Pelo Ten. General ROBERT LEE BULLARD,
Comandante do 2.º Exército Americano em 1918

Trad. pelo 1.º Ten. de Infantaria A. CARLOS Jor.,
do artigo "OUR STREAMLINED ARMY" da revista "THINK" de Julho de 1942

Há uns 3 anos passados o exército permanente Americano era classificado como uma potencia de 3.^a classe. Ele se compunha de cerca de 175.000 homens, oficiais e praças, espalhados por todo território, muito mal equipado e com muitas missões a cumprir. Das atuais tropas de combate, nós tínhamos cerca de 100.000, desmotorizadas e quasi que completamente transportadas em muares, menor mesmo que os exércitos da Suíça e Portugal.

Hoje em dia porém, o exército dos Estados Unidos conta com mais ou menos 2 milhões de homens, e um outro milhão em treinamento. — Este novo exército foi uma máquina de guerra carinhosamente preparada. Ele é uma poderosa força sobre rodas, tratores e asas. Para ele, de acordo com o Departamento de Guerra, a terra inteira constitue um campo de batalha. — Nós estamos construindo um Exército em massa, com grande rapidez de movimentos e poder ofensivo. Mas a troca só foi somente em número de homens e grau de mecanização. — Igualmente importante foi a reconstrução de nossa organiza-

Deixou de sair publicado no número passado por falta de papel.

ção combativa, pois começamos do alto, do próprio Ministério da Guerra e daí descemos até a nossa menor unidade militar que é a esquadra. Milhões de trabalhadores em milhares de fábricas, no front interno, batalham pela mecanização, elemento capital da guerra moderna, como tambem na construção de pequenas armas de porte, mas de grande poder de tiro, artilharia móvel e fortins de aço que se deslocam com a velocidade de um automovel. Mas afim de que estas armas pudessem ser mais decisivamente usadas nos vários campos de batalha, foi necessário a criação do que chamariamos um novo e poderoso tipo de Comando. Daí as mudanças no Departamento da Guerra e no Estado Maior do Exército, mudanças estas, que sem dúvida o leitor já leu algo a respeito. O propósito foi tornar possível a execução rápida de decisões e planos. Trocas foram feitas em todo o Comando, pois na guerra moderna, não só é importante o local decisivo da ação, como tambem o tempo em que esta será levada a efeito. Então reconheceu-se afinal, que num exército mecanizado, o poder humano vale muito menos do que valia na guerra passada. Aprendemos que várias unidades militares de diferentes tamanhos que até então existiam, eram completamente impróprias para a guerra atual. Durante os últimos anos isto tem sido assunto de controvérsias, experiências e trocas. O problema tem sido aprender o verdadeiro tamanho das unidades e com que formula e quantidade de armas, poderosas e novas deve usar-se com mais efetividade nos combates atuais. Devido a isto, ocorreu-nos que não é necessário somente uma revolução e sim uma transformação nos cerebros estratégicos. Há por isso de algum modo razões para ressentimentos, inclindo a parte pensante. Que nós estamos aerodinamizando nosso exército, é simplesmente um modo de expressarmo-nos, mas único fim é torná-lo tão rápido e com um poder de choque t

manho, tal qual um projétil, como disse o General Forrest. Ilustraremos aqui algumas transformações: — Começando pela menor unidade militar, a esquadra de 8 homens da guerra passada, que desapareceu completamente; hoje uma esquadra compõe-se de 12 homens, incluindo um cabo. A ela seguem-se: — Pelotão — Companhia — Batalhão — Regimento e Divisão. Depois das Divisões, vêm os Corpos, que têm cerca de 60 a 30.000 soldados e em seguida o Exército de Campo com 230 a 300.000 homens. O novo tipo de divisão de Infantaria dá-nos um excelente exemplo da modernização. A velha divisão em *Quadro* que tinha 28.000 homens, iguais a dos corpos Franceses na outra guerra de 1.918, possuindo 4 regimentos, é hoje a divisão em *Triângulo*, com regimentos, totalizando mais ou menos 16.000 soldados. A Divisão presente tem maior poder ofensivo do que a sua predecessora, adquirido pelo emprego de pequenas armas automáticas, tais como as sub-metralhadoras, os fuzis Browning e Garand, grande número de obuses, morteiros, canhões anti-tanques e anti-aéreos.

A mobilidade é assegurada por mais de 2.000 veículos a motor de todos os tipos, dos simples motocicleta e jeep, até os pesados caminhões e tratores para transporte de grandes peças. Sob o tipo de Triângulo, cada regimento tem seu próprio batalhão de artilharia, fazendo assim o que podemos chamar de grupamento de combate. A artilharia muitas vezes operando em pequenas unidades moveis, age, junto com a infantaria, atacante e pela primeira vez na nossa história, o comandante de infantaria, tem sob seu controle imediato a artilharia de que necessita para sustentá-lo no ataque.

Desde que cada regimento é uma força bem integrada na sua missão, a nova divisão torna-se assim uma ameaça triplice. Assim pois, cada conjunto regimental infantaria-artilharia pode operar separadamente, ou combinar-se os três para os ataques

em massa. A grande divisão em *Quadro* era bôa para 1918, par aa velha guerra de trincheiras, de movimento vagaroso e de aferramento ao terreno. Hoje temos a guerra de movimento, atacar rapido e fortemente é o fator principal. Para atalhos, rapi-das e profundas investidas, movimento de cerco, a divisão me-nor, differentemente constituida e armada, é bastante necessária, podendo-se notar nas mesas de organização de carta topografi-cas, não se precisando como antes de muitas vezes mudar-se o sistema de ataque, em vista das dificuldades do terreno. Aos comandantes de exércitos da atualidade, existe um campo bas-tante grande para o emprego das tropas sob o seu comando. Como vemos, differentemente do velho ataque frontal em massa, para as investidas rapidas e movimentos de flanco da guerra atual, se precisa de muito menos unidades. Aqui está pois uma descentralização de responsabilidade e ação, que requer um treinamento muito mais intensivo para oficiais e soldados. O soldado autómato, não serve bastante para as táticas aerodina-micas. Uma outra inovação é que a divisão de infantaria de hoje tornou-se virtualmente um pequeno exército. Deixe-me ex-plicar-lhes isto, dizendo o que pensavamos antigamente de um corpo de exército de talvez 250.000 homens, formado de várias unidades de combate e serviços auxiliares, completo para uma ação de guerra ofensiva ou defensiva. Hoje todos os vários elementos de um exército em campo, estão concentrados em uma só unidade. E a divisão de infantaria pode atacar independen-temente, pois é constituída para lutar contra os ataques triplices ameaçadores do inimigo: — Pelas tropas, pelos tanques e pelo aviões. Por isso é que para formar estas divisões, o exército precisa desenvolver no soldado a habilidade de pensar por s próprio, para cooperar intelligentemente com cada membro de seu grupo tático. O homem aprende pois, que o trabalho co-ordenado é de todo importante, ou seja a coordenação entre

infantaria e os tanques, entre as forças de terra e as do ar, entre o serviço de reconhecimento e o comando de campo. O infante de hoje, não vai para a batalha com os seus próprios pés, é levado por veículos sobre rodas, precisando assim desenvolver a sua virtuosidade de combate. Os comandantes são em menor número. O soldado de hoje, aprende a trabalhar para desenguiçar o seu próprio tanque e saber utilizar todas as coberturas do terreno, livrando-se dos bombardeiros de mergulho; ele deve ser mais um técnico, *um páu para toda obra*, do que um simples soldado a pé. Entre as suas armas, estão a pistola de calibre 45, a carabina leve, a baioneta, a granada de mão, o fuzil, a metralhadora de mão, leve e pesada, o morteiro de 81 m/m e o canhão anti-tanque de 37 m/m. A artilharia de hoje é carregada por caminhões pesados e grandes tratores, desapareceu pois o velho cavalo, autor dos primeiros movimentos da mesma. Ambos, munições e equipamento são transportados em grandes caminhões, que ainda levam obuzeiros leves e médios. Portanto no moderno exército de Tio Sam, o tanque tomou o triplice lugar da cavalaria, artilharia e tropas de choque da última guerra; ele move-se no campo como artilharia ambulante, trabalhando unicamente com a infantaria, e no serviço de reconhecimento, pode pelo rádio informar ao Q. G., o progresso da batalha. — Usado em massa, ele forma a ponta de lança, quebrando a resistência inimiga para o avanço da infantaria. Estas divisões encorajadas, são pois a formidável tropa de choque do exército Americano, compostas de gigantescos tanques de 13 a 60 toneladas que junto com os batalhões anti-tanques e divisões aéreas, fizeram-nos aprender, em rápidas lições tudo o que se passou na Europa, é o que se passará; mas, mesmo que o inimigo tente algo mais na batalha, seremos capazes de observar com antecipação. — Cada vez compreendemos melhor o valor desses pequenos exércitos de campo. Unidades de combate tais co-

mo a divisão, contem 1 batalhão de reconhecimento (com a função da velha cavalaria) 1 brigada encouraçada, 2 regimentos de tanques leves, 1 regimento de tanques médios, 1 regimento e 1 batalhão de artilharia motomecanizada, e 1 regimento de infantaria motorizado, isto tudo concentrado em rápido movimento e grande poder ofensivo, perfazendo um total de 12.000 homens e 3.500 veículos a motor. — Como vemos, completamente aerodinamizado. Forças terrestres, forças aéreas e de suprimento, formam as principais sub-divisões no comando em ação de guerra. — O Departamento Geral do Alto Comando foi reduzido de 500 para menos de 100 oficiais, e mais ou menos um terço destes pertencem à Aviação. Significante também foi o fato de que elementos peritos em aviação, foram postos pelo Comandante em Chefe — o Presidente Roosevelt em cargos civis, nos diversos departamentos de defesa. Desde 1939, que as nossas forças de terra e ar têm crescido para mais de 1500%, e continuarão a expandir-se e numa alta proporção. As forças aéreas quando convocaram 2 milhões de homens, fizeram parecer há poucos anos passados uma cifra astronómica, e um exército de 8.000.000 para 10.000.000 está em projeto. Apesar de todas estas mudanças e expansão, o nosso pensamento não é de defensiva; queremos sair à procura do inimigo para combatê-lo e o faremos, eis porque construímos um exército tão rápido e poderoso.

A Tática dos Blindados no Norte da África

A tradução do *Cavalry Journal*, sob o título supra, publicada no número passado — n.º 356 — é da autoria do Ten.-Cel. João Facó.

Pedimos a este brilhante colaborador que nos perdoe da involuntária omissão.

213

GRANDE HOMEM DO BRASIL

O Visconde de Taunay e seus Edificantes exemplos como Militar e Cidadão

(Discurso pronunciado, como orador oficial, na sessão cívica comemorativa do centenário do nascimento do VISCONDE DE TAUAY, promovida pelo Comando da 4.^a Região Militar de Juiz de Fora em 22 de fevereiro de 1943, sob a presidência do Exmo. Sr. Gen. Raymundo Sampaio).

Major RIOGRANDINO DA COSTA E SILVA

No primoroso discurso de adeus do Exército Brasileiro ao UQUE DE CAXIAS, pronunciado à beira da sepultura ainda aberta do maior de todos os nossos soldados, o então Major ALREDO D'ESCRAGNOLLE TAUNAY teve estas expressões verdadeiramente lapidares :

“Há muito que narrar! Só a mais vigorosa consição, unida à maior singeleza, é que poderá contar os seus feitos. Não ha pompas de linguagem, não ha arroubos de eloquência capazes de fazer maior individualidade, cujo principal atributo foi a simplicidade na grandeza.”

Quando, por intermédio de comemorações festivas em todas as guarnições do País, o Exército celebra, hoje, o centenário do nascimento do VISCONDE DE TAUNAY, cabendo-nos honrosa incumbência de discorrer sobre a vida e os feitos do grande militar brasileiro, pareceu-nos, desde logo, que, para sintetizar o quanto se possa dizer de sua sugestiva e empolgante personalidade, outras palavras mais apropriadas não poderíamos contrair do que as proferidas por ele mesmo sobre o “Conde-

tável do Império". E isso porque, lançando um olhar retrospectivo à sua existência tão fecunda e tão cheia de dignidade de amôr à Pátria, assim como lhe ocorreu quando se referia a CAXIAS, uma observação se impõe a qualquer um, de imediato: — "Há muito que narrar..."

A taréfa é, além disso, delicada por sua natureza, em face, precisamente, da multiplicidade de aspectos por que se fez sempre destacar a inconfundivel figura do grande patriota, exigindo de quem tente realizá-la predicados especiais, que em nós não existem, absolutamente. Ao contrário, faltam-nos todos os requisitos indispensáveis para uma empresa de tamanha envergadura, de sorte que não deveis esperar — como não esperareis, por certo — ouvir tudo quanto precisava ser dito a respeito daquele que soube praticar tantos feitos heróicos e produzir tantas joias literarias, de valor inapreciavel. Entretanto, uma qualidade sempre poderemos invocar e esta nos justificará, talvês, da deficiêncie de todas as demais: — é que aqui estamos no cumprimento de um dever cívico e atendendo a uma determinação superior, causando-nos uma e outro imensa satisfação e justos desvanecimentos, além de nos conferirem a honra sobremaneira elevada de podermos ser ouvido por uma assistêncie tão selecionada e tão distinta.

"GRANDE HOMEM" — COMPANHIA PROVEITOSA

Em um dos seus apreciados ensaios sobre a vida dos heróis, afirmou CARLYLE que os Grandes Homens, tomados de qualquer modo, são companhias proveitosas neste mundo".

Ora — meus senhores — ALFREDO MARIA ADRIANO D'ESCRAGNOLLE TAUNAY, que a História de nossos fátulos mais significativos e a crônica de nossas mais legítimas glórias literárias consagram para todo o sempre como o VISCOND DE TAUÑAY, foi, indiscutivelmente, inegavelmente, um "Grande Homem". Sua companhia, portanto, é de inestimável proveito a todos os brasileiros e patriótas, mas especialmente para aqueles que, como nós, temos a ventura e a honra de engravar a farda deste Exército a que ele tanto dignificou e exa-

cou, quer pelos seus serviços como militar dos mais ilustres, que ele o foi sem contestação e sem favor, quer, principalmente, pelos inumeros trabalhos com que enriqueceu a nossa literatura, como escritor do mais fino quiláte, que ele o foi, tambem, no juizo dos competentes e na consagração unanime de seus leitores de todo o mundo.

ALFREDO MARIA ADRIANO D'ESCRAGNOLLE TAU-NAY é, pois, realmente, para todos nós, para todos os brasileiros, como "Grande Homem" consagrado, uma "companhia proveitosa", ainda mesmo quando, como agora, sentimos a sua presença através da distancia de um século, que por cem anos se conta a data de seu nascimento, na séde do Império do Brasil.

A SITUAÇÃO INTERNA DO PAÍS, HA UM SÉCULO

Era o País, naquela época, sacudido pelas agitações internas que só algum tempo depois teriam fim, encerrando um dos periodos mais tormentosos e difíceis da vida da nacionalidade. E esse começo de existência, naquela fase crítica, como que parece traçar ao futuro herói o rumo que lhe cumpria seguir, na sua carreira através do tempo, para mais realce imprimir a seus emprendimentos e para que melhor se pudessem evidenciar, depois, todos os altos predicados que o tornaram figura marcante por todos os títulos e sob todos os aspectos.

Com efeito, realizada a abdicação de nosso primeiro Imperador, passa o Brasil a viver o periodo tumultuariamente agitado das Regências, em que o espírito público se exaltava por causas numerosas e variadas, entre as quais sobressaía a reação às tendências absolutistas. Explodem insurreições, os motins se sucedem, as sedições se multiplicam, os levantes de tropa e as rebeliões do povo são fatos quasi correntes em mais de uma Província, por anos e anos seguidos. Na BAÍA, em PERNAMBUCO, no CEARA', no MARANHÃO, no PARA', em ALAGÔAS, em MATO GROSSO, em SÃO PAULO, no RIO GRANDE DO SUL, em MINAS, na própria Corte — eis onde se verificam os principais e mais graves episódios dessa época turbilhonante: de caráter francamente revolucionário uns, de

aspectos méramente policiais outros, todos, porém, indicando claramente um estado geral de inquietação e descontentamento, que só vem a extinguir-se quasi ao fim da primeira metade do século. Firma-se, então, o Trono, a paz interna se consolida e o Governo começa a cuidar dos grandes problemas nacionais, numa tranquilidade relativa, em que, pelo menos, nada havia a temer no interior.

Num esboço muito superficial e rápido, esse é, por assim dizer, o cenário em que surge e vê passar sua infância e juventude aquele que seria, mais tarde, o VISCONDE DE TAUNAY. Os acontecimentos recordados, no entanto, são todos de ordem interna e sobre eles não poderia exercer influência nenhuma ainda, pela sua pouca idade, o jovem filho do Comendador FELIX EMILIO TAUNAY e de D. GABRIELA D'ESCRAGNOLLE. Não será, todavia, erroneo presumir que esses mesmos acontecimentos influiram, certamente, sobre o espírito do talentoso descendente dos BEAUREPAIRE, ao menos indicando-lhe uma diretriz para sua vocação, que ele adota pouco depois, para tornar-se um profissional afamado, de elevada capacidade e vasta cultura.

AS LUTAS EXTERNAS

Onde, porém, a sua figura se projeta numa trajetória lúminosa, onde a sua personalidade se evidencia fortemente, numa afirmação brilhante e incomparável, é, precisamente, em nossas lutas externas e nos episódios vários que enchem os últimos quatro decenios do século passado e se desenrolam paralela e posteriormente aos que ligeiramente recordamos.

Nos países vizinhos e limitrofes, com os quais tínhamos a resolver importantes problemas políticos, econômicos e territoriais, reinava a maior anarquia, verificavam-se constantes perturbações caudilhescas, que exigiam enormes sacrifícios de vidas e impediam a implantação de qualquer governo honesto e respeitado. Trava-se entre os representantes da "masórca" e o Império do Brasil uma pugna renhida, em que a habilidade de nossa diplomacia corre parelha com o acerto de todas as

medidas adotadas e postas em prática pelo nosso Governo. Não obstante, o BRASIL só tem um único e grande desejo: — a paz, conforme muito bem nos mostra esta lição autorizada do Gen. TASSO FRAGOSO :

“Póde-se afirmar, sem receio de contestação, que o povo brasileiro, depois de graves lutas internas e de haver colaborado para que a ARGENTINA e o URUGUAI se libertassem da tiranía que os dominava, nutría uma única aspiração : — viver na paz e no trabalho, dentro das amplas fronteiras com que seus gloriosos antepassados o tinham enriquecido. Queria, sem dúvida, que lhe respeitassem os direitos e a soberanía, mas não desejava terçar armas com ninguém e muito menos com qualquer dos seus vizinhos. E' nessa situação que o colhe a agressão do PARAGUAI, dirigida por Francisco Solano Lopez.”

A despeito de veladas e repetidas ameaças e de descabidas interpelações, o BRASIL ainda confiava na preservação da paz. Mas, por um áto arbitrário e violento, é iniciada a luta que se iria prolongar por espaço de um lustro e na qual as armas brasileiras se cobririam de glórias imperecíveis.

A guerra se torna, então, inevitável e, naquela ocasião como na atualidade, o método de caracterizá-la é ainda o mesmo :— o ataque de surpresa, inopinado e brutal, numa manifestação primária de felonía e barbarismo. Lopez abre a guerra contra o BRASIL sem declaração prévia, por um gesto de violência e covardia, depois de ter realizado uma preparação bélica minuciosa, inclusive de todos os planos a executar na campanha em que sonhava sair vitorioso. E lança-se, em seguida, à invasão de terras vizinhas, não deixando de afirmar e proclamar que não o animam ambições de conquista territorial...

Em face dessa atitude e lembrando-nos de fatos mais recentes da história de outros povos, não é difícil concluir que até mesmo os déspotas e os tiranos se repetem e se parodiam, em seus processos de infamia e de ludíbrio, adotando todos,

para justificar suas ações, pretestos e razões que não têm variado muito com o tempo, em substancia, e procurando sempre apresentar-se como vítimas indefesas dos povos, e das nações a que agredem e tentam subjugar e escravizar...

O AMBIENTE PARA AS GLÓRIAS DE TAUNAY

Na luta tremenda a que somos então arrastados é que o futuro **VISCONDE DE TAUNAY** vái encontrar o ambiente que não era, talvés, da preferencia de sua mentalidade, mas que, afinal, ele aceita e ao qual se adapta maravilhosamente, de tal maneira que ali se destaca e engrandece, por uma sequência ininterrupta de ações edificantes, lançando-se à imortalidade, com entrada franca e merecida nas páginas resplandecentes da História Pátria.

Efetivamente, aquele simples preparatoriano que se diploma em 1858 e ingrésssa, a conselho materno, na Escola Central, transferindo-se para a tradicional Escola Militar da Praia Vermelha, quando começa a Guerra do Paraguai tem apenas 21 anos e já é Engenheiro Militar, Bacharel em Ciências Físicas e Matemáticas, oficial da Arma de Artilharia, após um curso brilhantissimo e notável.

Sua ascendencia mais próxima, ilustre pelo talento e pela cultura, como pela alta e nobre linhagem; sua formação intelectual, seu caráter puro e, mais do que tudo isso, seus invulgares predicados pessoais, bem como sua robusta inteligencia e decidida inclinação pelos mais transcendentalis estudos — tudo o indicava a elevados e gloriósos empreendimentos. E os fátos que se sucédem, nos quais, desde então, passa a ter participação ativa e sempre saliente, propiciam-lhe a oportunidade de se revelar não apenas como militar profundamente conhecedor de sua profissão, senão, tambem, como escritor magnifico, para cujas obras modelares a própria campanha forneceria os mais valiosos subsídios.

Sería longo, além de perfeitamente dispensavel, recordar o que foi a epopeia de denodo e heroismo, escrita pelas tropas brasileiras durante a Guerra do Paraguai. Entretanto, não po-

demos deixar de aludir a uma de suas passagens mais dramáticas e que, embora verificada num teatro secundário de operações, ficou perpetuada na História como uma odisseia maravilhosa e é reconhecida universalmente como uma das manifestações mais extraordinárias do valor de uma raça e da tempera de seus soldados. Nada mais é preciso acrescentar para que se perceba que nos referimos à Retirada da Laguna. Tambem não iremos descrevê-la, porquanto não ha brasileiro digno deste nome que desconheça essa página imorredoura de nossa História Militar, de onde surgiram para a consagração perene dos bronzes e dos monumentos, mas, principalmente, para a gratidão e o reconhecimento de todas as gerações de pósteros, os vultos homéricos de CAMISÃO, de GUIA LOPES e de todos os seus valentes e denodados companheiros de jornada. Pois, meus senhores, ALFREDO D'ESCRAGNOLLE TAUNAY, sendo apenas tenente e recem-saído das academias militares, foi incluído e tomou parte, eficiente e brilhantemente, nessa expedição gloriosa, prestando-lhe serviços de incalculável valía. O maior e o mais notável desses serviços, no entanto, foi, sem dúvida, o que realizou com a narrativa emocionante dos fatos ocorridos na época da façanha, legando-nos este verdadeiro breviario de bravura e heroísmo, este incomparavel manual de patriotismo, que é a sua "RETIRADA DA LAGUNA", além de numerosos outros trabalhos em que se consagra, indiscutivelmente, como historiador brasileiro dos mais eximios e perfeitos. Para comprovar essa afirmativa — se prova para isso fosse necessária — lembremos apenas uma opinião abalizada — a do já citado Gen. TASSO FRAGOSO, tambem historiador de reputação e chefe militar de reconhecidos méritos.

"Todos os livros de TAUNAY — diz ele — merecem ser lidos pelos que desejam conhecer a fundo a Guerra do Paraguai. Em estilo e despretencioso, lógra o autor evocar o passado de tal modo que nos prende a atenção e nos proporciona um grande deleite. A "RETIRADA DA LAGUNA", em que ele pinta os sofrimentos da coluna brasileira que trans-

pôs o APA no dia 21 de abril de 1867, penetrou no território paraguaio e depois retirou, ficou obra classica em nossa literatura e ganhou renome mundial, pois mereceu a honra de ser traduzida em vários idiomas".

REVELAÇÕES MULTIFÓRME DE UMA INCESSANTE ATIVIDADE.

A guerra, contudo, não serviu a TAUNAY apenas para se salientar como oficial de grande valor profissional e, depois, como escritor eminente. Sua formação intelectual, a que já aludimos, fazia dele, onde quer que andasse, um pesquisador incansável em todos os ramos dos conhecimentos humanos. As cartas por ele escritas durante a rude campanha evidenciam claramente essa verdade, constituindo documentos palpitantes de vida, impregnados do mais realismo, cuja leitura como que nos transporta às cenas vividas pelo escritor. Sausam, por isso mesmo, tais missivas momentos de inefável encantamento a quem as lê, pelo estilo em que estão vasadas e pela delicadeza de sentimentos que traduzem, além de impressionarem profundamente, pela soma de conhecimentos que deixam transparecer em seu jovem autor.

No meio de dificuldades sem conta a vencer; por entre atrozes e indescritíveis sofrimentos; passando as maiores privações; acompanhando e curtindo todas as amarguras, todas as tribulações, todos os males que fizeram desaparecer tantos e tantos companheiros da longa jornada que parecia não ter fim — o infatigável Tenente ALFREDO DE TAUNAY vive sempre preocupado com os mais sérios problemas, com os mais variados assuntos e aborda-os todos com incomparável pericia e profundo saber a respeito de cada um. Assim é que, num doce enlèvo, ora podemos acompanhá-lo na descrição minuciosa dos terrenos percorridos, em que fornece ensinamentos preciosos sobre a constituição geológica, formas topográficas e aspectos peculiares de cada trecho, ou indica as características mais interessantes de um determinado percurso, nada fal-

tando à sua narrativa, nem mesmo os mais insignificantes por menores; ora vamos surpreendê-lo num delicioso êxtase pan-teista, dando expansão a intraduzivel admiração ante a beleza e a magnificencia de alguns quadros daquela natureza inhóspita, descritos de modo tão perfeito que temos a sensação exáta da realidade, vendo efetivamente aquilo que estamos lendo com indizivel sofreguidão. Aqui, sentimos o jubilo que ele mani-festa, pelo fato de poder lêr e traduzir as fábulas de Esopo, tendo consigo apenas um pequeno léxico, ou quando se refere ao imenso prazer que lhe proporciona a leitura da "Imitação de Cristo", precioso livro de meditações, que sua estimada irmã puséra "no fundo do baú"; ali, percebemos a satisfação com que comunica aos entes queridos as referencias feitas pelos Che-fes a seus trabalhos na Comissão de Engenheiros, inclusive pelas "suas informações tão minuciosas, que nada resta a de-sejar". Esse prazer ele o experimenta com o mais carinhoso amôr filial, por isso que o diz provocado pelo sentimento de alegria que sua Mãe deve ter sentido, por vêr o filho cumprir o seu dever; e conclúe: "E' tudo quanto pôde exigir uma Na-ção: — que cada qual cumpra o seu dever".

Mais adiante, avaliamos o interesse com que envia a seu Pai a noticia do encontro de novos exemplares de flores, de frutos, de aves, de peixes, de borboletas, etc., tudo com indicações precisas e admiraveis, que sua cultura variada e profunda lhe permitia fazer quasi de memória. Noutra ocasião, aprecia-mos sua insaciavel sêde de saber e de aprender, quando fala de seus progressos no linguajar das tribus de indios entre os quais se acha e a cujo respeito nos transmite, ainda, observações curio-sas e encantadoras, descrevendo-as, como em tudo quanto fa-zia, de maneira completa e magistral. Além disso, como seus pendores para todas as artes eram, a bem dizer, inátos e here-ditários, dedica-se, também, à pintura e ao desenho, enchendo as paginas de seu precioso ALBUM com esboços de cabeças e tipos humanos, de paisagens e aspectos das terras por onde passa, bem como de reproduções de modelos de Rafael.

CUMPRIMENTO RIGOROSO DOS DEVERES PROFISSIONAIS.

Toda essa atividade multifórm e incessante, como dissemos, se desenvolvia no meio das maiores privações, que chegavam, às vezes, até a fome, e por entre os mais atrozes padecimentos, que tocavam, não raro, às raias da própria morte. E, sem prejudicar em nada e por nada o cumprimento pontual e ainda mais, todo esse exaustivo labôr intelectual era efetuado rigoroso dos deveres profissionais do Tenente TAUNAY e sem que ele deixasse, por um instante siquér, de acompanhar todas as operações da cruenta campanha, revelando sempre o mesmo saber profundo e toda a força de sua personalidade marcante, como as cartas a que nos referimos o comprovam à exuberância. Vale a pena, mesmo, a esse respeito, citar algumas passagens dessas epistolas. Por exemplo, esta em que ele fala do acampamento brasileiro na confluencia -dos -rios Taquarí e Coxim:

“Sob o ponto de vista estratégico, a nossa posição não tem valor. Basta lembrar que temos à frente um rio largo e profundo e estamos dominados por uma série de morrotes que impedem o estabelecimento de fortificações, no caso de uma defensiva obrigatória. Mesmo da outra margem do Taquarí, há pontos mais altos do que o nosso acampamento, por por eles dominado. O que vale é que o inimigo está longe e dizem que sem cavalaria...”

Algum tempo mais tarde, quando se dizia que a Expedição seguiria para Corumbá, de novo se manifesta o jovem oficial, agora demonstrando não apenas os seus conhecimentos na arte da guerra e de História Militar, como um alto sentido das realidades do momento, um acurado senso pratico:

“Se tal projéto se executar (o que duvido muito), teremos que atravessar um rio de 800 metros em três ou quatro bôtes pequenos e pessimos, quando se

sabe que dois vapores e outras embarcações inimigas cruzam desde a embocadura do S. Lourenço até Corumbá. E' o que, em primeiro lugar, temos que pensar. De outro lado, estamos, ha dois dias, sem farinha, os soldados enfraqueceram muito outra vez e não teremos do outro lado do rio possibilidades de obter viveres. Consideremos, agora, o lado tático. Quando estivermos à margem direita, teremos atrás denós o maior obstáculo possível e a retirada nos ficará vedada. Carvalho (o Coronel Comandante do Corpo Expedicionário) pretende que isto é justamente o que quér, contando mais com o desespero que com os homens dados de que um general deve dispor para o bom êxito de sua empresa. Seus exemplos, que pôdem corroborar tais teorias excepcionais, são apenas os resultados de um impeto entusiasta e imprevisto e nunca de uma operação de guerra prevista e premeditada. PEDRO, o Grande, em POLITAVA, viu-se com os Russos acuado pela força das circunstâncias. NEY, na retirada da RUSSIA, só pôde tirar partido de sua má posição, determinada por combinações fóra de sua vontade de cabo de guerra. Ter hôa linha de retirada, bem franca e natural, deve ser o cuidado de um general que colíma alcançar o maior resultado com a menor perda possível e, sobretudo, nas condições em que estamos, com muito poucos homens para os arriscar numa verdadeira redada".

Fizemos essa longa transcrição — meus senhores — porque julgamos cada palavra nela contida merecedora de medições demoradas, sendo todas dignas da maior admiração, de causarem assombro até, pois sabemos que assim pensava era um oficial ainda moço e se encontrava em circunstâncias que só uma individualidade excepcional poderia enfrentar. Mas, ALFREDOD'ESCRAGNOLLE TAUNAY era, de fato, essa individualidade excepcional, forte de corpo e de espirito, e pou-

de, em tais condições, vencer aquele embate áspero e dantesco, da mesma maneira por que lhe foi possível, mais tarde, feita e consolidada a paz, prestar ao País outros muitos e assinalados serviços, sagrando-se e consagrando-se, ainda, como romancista, poeta, sociólogo, escritor exímio de todos os gêneros literários, enfim, além de político honrado e de destaque — deputado, senador do Império, presidente de Província — tudo numa época em que, conforme a expressão de NABUCO, não faltava a glória do idealismo, nem a intransigência dos princípios.

Foi, por conseguinte, o VISCONDE DE TAUNAY, tomado de qualquer modo, segundo o conceito do pensador inglês, um homem eminentemente em todos os sentidos — um “Grande Homem” do Brasil de todos os tempos.

O BRASIL ESPÉRA E CONFIA EM TODOS OS BRASILEIROS.

Ao transmitir a seu Pai, em data de 15 de novembro de 1866, a notícia do ataque ao forte de CURUZU e de “feitos gloriosos de nosso Exército e da nossa Armada”, fez o VISCONDE DE TAUNAY este comentário expressivo e sempre oportuno:

“São para uma Nação, apesar de dolorosos, os momentos em que seus filhos mostram, pelo desprezo à morte, o entusiasmo em prol da manutenção dos princípios da dignidade e da honra”.

E, logo em seguida, acrescentava estes conceitos mais expressivos e mais oportunos ainda:

“Numa guerra de gigantes, como a que se dá no Paraguai, precisa-se de bastante constância, de força de vontade e coragem, para vencer os obstáculos. E, aliás, em todas as contingências se demonstra, como sempre, que o homem, chegada a ocasião, em qualquer lugar, bate-se como um herói: — o homem

belicoso não ove circunscrito por condições especiais de latitude. Bate-se tão bem na Groelandia como na China".

O mundo inteiro se acha envolvido, presentemente, numa pavorosa "guerra de gigantes". Não existem mais barreiras nem obstáculos capazes de impedir a hecatombe sinistra, que avassalou todos os pontos do globo, abarcou todas as nações e todos os povos nas suas malhas e consequencias tragicamente espontaneas. Mais, muito mais do que ao tempo da Guerra do Paraguai, precisa-se de bastante constancia, de muita força de vontade e de coragem para vencer os obstáculos. E, tal como naquela época, o nosso BRASIL está atingido pela tragédia, em virtude de provação insólita, de atos brutais de agressão e desrespeito, ordenados por outros tiranos, inspirados, como sempre, por ambições e desejos de conquista. Estamos, assim, outra vez na guerra, lutando "*em prol da manutenção dos princípios da dignidade e da honra*".

Façamos, portanto, votos a Deus — ao Deus das Nações e dos Exércitos, constantemente invocados por CAXIAS no Paraguai e que nunca nos desampare ao tempo de TAUNAY — para que tenhamos todos a necessária constancia, a força de vontade suficiente e a coragem indispensavel para lutar e para vencer onde a honra e a dignidade do BRASIL nos ordenarem, demonstrando — como o queria o ínclito patrício cuja glória hoje celebramos — que "todos os brasileiros são capazes de bem satisfazer a sublime recomendação: —

**O BRASIL ESPERA QUE CADA QUAL CUMPRA O
SEU DEVER".**

O Mate na guerra e na paz

I. N. DO MATE

As povoações sulinas do nosso continente, sempre tiveram no mate a sua bebida nacional.

O hábito do chimarrão no gaúcho ou o costume do "amargo" nos povos do sul, de descendência hispâno-americana, são, há séculos, característicos perfeitamente identificáveis, sob o ponto de vista propagandístico, dos habitantes das coxilhas ou das planuras infundáveis da América do Sul.

Esta bebida de origem guaraní, transmitida aos conquistadores lusos e castelhanos pelo ameríndio, pela excelência das suas virtudes e por suas propriedades hoje em dia tão decantadas, teve o poder de atravessar incólume, séculos a fio, as inovações do progresso e da comodidade humana.

O gaúcho, o uruguai, o argentino, de nossos dias, bebem mate como já o beberam os seus ancestrais, de cíua e bombilha, com a clássica chaleira de água sempre quente, à mão.

Alguém já disse, com justificada razão, que o mate chimarrão tem o poder de congregar, de cimentar amizades. De fato, as características rodas de tomadores de mate, parece confirmar esta afirmativa. O mate associa homens, estimula-os, desperta imaginações, gera conversa e confidências.

No rancho pampeiro, na quietude da noite ou no cair explendido da tarde, cansados pela rude lida diária, é no chimarrão que os campesinos encontram consolo e revigoramento.

O gaúcho retardatário, ao ver os "pingos" amarrados à soleira do pouso rústico, sofria o animal e desce. Ele sabe que numa roda de chimarrão, por mais gente que ela comporte, sempre tem lugar para mais um; que sempre encontrará atenção para os seus relatos, palavras amigas para a sua desdita, encorajamento, paciência...

Tal é a obsessão do homem sulino pelo mate, que, mesmo em guerra, não o abandona nunca.

Na guerra do Paraguai, na célebre retirada da Laguna, quasi a totalidade dos soldados, de ambos os lados, faziam uso do mate.

Mais recentemente, na divergência paraguaia-boliviana, um regimento desgarrado do grosso das tropas do General Estigarribia, abismou um reporter americano com o mais curioso relato que se tem notícia.

Perdidos nas profundezas do inferno verde chaqueano, perenemente hostilizado pelo inimigo que o cercara, o regimento exgotou em poucos dias as suas reservas alimentícias. Recorreu então ao "tererê" — modalidade paraguaia de mate, infusão de folhas de mate na água fria — e prosseguiu combatendo em busca do caminho que o levaria de novo à sua gente.

Durante vinte dias seguidos de sofrimentos, de riscos e de incertezas, o regimento conseguiu iludir o inimigo e se reuniu às tropas paraguaias. Os remanescentes do regimento apresentavam boas condições físicas, magnífica disposição moral e ardoroso ânimo combativo.

O reporter americano que entrevistou um dos soldados paraguaios após a épica jornada, registrou essa estranha declaração: "— Devemos o nosso retorno ao mate. Ele foi o nosso companheiro de todos os momentos e cada vez que o bebíamos ganhavamos novo alento e nova coragem".

Ensaio sobre a interpretação (1) do caráter científico da história

Pelo Cap. GERALDO ALVES DIAS

O conceito de Historia, como fundamento da Sociologia, presupõe um método científico de investigação, de forma que, na ordem particular, a Historia defina planos sucessivos da evolução, para que então, a Sociologia, recolhendo relações de causa e efeito, bem como, constantes pertinente á determinados eventos sociais, planejados pela Historia, estabeleça, de forma definitiva, correlações finais; ou seja, leis gerais da evolução, no plano sociológico.

Dessa forma, a propria Historia se institue em ciencia.

De fato, desde VICO, que as narrativas estilisadas, a HERODOTO, ou a TACITO, perderam completamente valôr, cedendo lugar a um método científico de investigação.

Ventilados pela análise, os materiais de que se forma a Historia, ao caráter restritivo e por vêzes, divinatório, como, historiógrafos antigos, encaravam os processos históricos, sucedeu-se o determinismo, como fator de proporcionalidade, na interpretação dos acontecimentos históricos.

A taréfa do historiador, tornou-se bastante complexa, pois, alinhavar fatos, acompanhando-os de citações individuais, deixou de ser considerado Historia, descendo ao secundarismo que lhe corresponde, como Cronologia subsidiária; muita vês, enfadonha e de mero valôr ilustrativo.

Mesmo tratando valores individuais, precisa não perder o senso de equilibrio.

DOSTOIEWISKY ou ZWEIG, são exemplos, na utilização de personagens, para apresentar um panorama social completo. "Fouché" ou "Maria Antonieta" de ZWEIG, sobretudo neste

(1) Deixou de sair no número anterior por falta de papel.

último, ZWEIG não cogita de uma rainha de França, mas sim, desta, projetando-se num espelho, em que também se refléte, complexo drama social, que culminou com a Revolução Francesa — e sente-se, todas as comoções do agitado período, em que viveu aquela rainha.

Eis o artista e o cientista.

Artista; no modo de dispor o arranjo, de forma que, fundo e personagem, impressionem, harmoniosamente, aos olhares contemplativos, afirmando, um conjunto.

Cientista: na cuidadosa análise do arranjo, fazendo ver, as manifestações do personagem, como reflexos, do ambiente em que viveu.

Seguramente, a objetividade da Historia, assim erigida em ciencia, veio constituir, inestimável contribuição, como fundamento da Sociologia, confirmando, feliz expressão de LATINO COELHO — a historia foi sempre a mestra da vida.

Banco Nacional de Descontos

Contas Correntes Populares

Juros de 5% ao ano

Paga e recebe até às 7 horas da noite

Pague com chéque,

— Quem paga com chéque paga certo.

50 — Rua da Alfandega — 50

22'9

Problemas Nazistas na Carta

Perseguição à noite

(De "INFANTRY JOURNAL", Fevereiro de 1943)

Trad. do Cap. LUIZ ALBERTO DA CUNHA

Nota do tradutor: Na leitura e tradução dos artigos de título geral acima, tem-nos sido valiosa a leitura do livro O EXERCITO ALEMÃO do maj. Von Zeska, na magnifica tradução do ten. cel. Leony de Oliveira Machado. Achamos, por isso, conveniente esclarecer algo, quanto a composição da Infantaria Alemã, para uma melhor compreensão do que se vae lêr. Assim, o regimento de infantaria alemão é constituído de estado maior, pelotão de transmissões, pelotão de esclarecedores montados, pelotão de sapadores, tres batalhões, uma companhia de canhões de infantaria, uma companhia de canhões anti-carro e uma coluna ligeira de munições. A companhia de fuzileiros conta com uma seção de comando, uma seção de fuzileiros anti-carro, tres pelotões de fuzileiros e trens diversos. É interessante notar que o grupo de combate é armado de metralhadora leve e conta com uma seção de morteiros leves (50 mm). Os canhões do regimento são leves (75 mm) e pesados (155 mm, tipo obus — "howitzer").

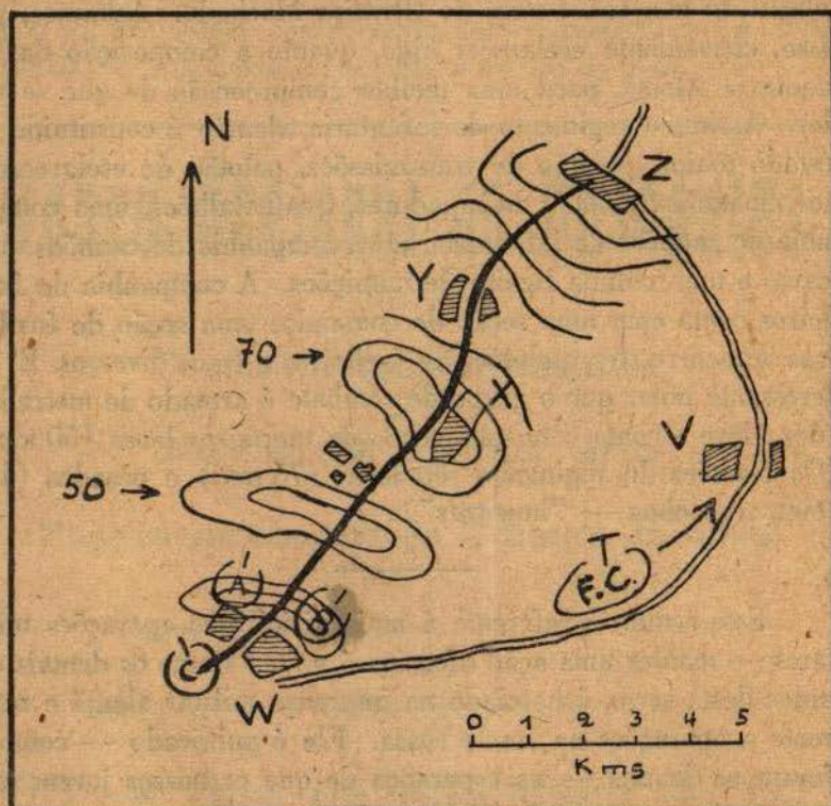
Este estudo é referente á mais difícil das operações militares — manter uma ação ofensiva á noite. Como os demais estudos desta serie, é baseiado na imprensa militar alemã e referente a operações na frente russa. Ele é publicado — como o foram os demais — na esperança de que os nossos jovens ofi-

NOTA — Deixou de sair no número anterior por falta de papel.

ciais tomem conhecimento com a tática elementar do nosso inimigo.

TROPA — Trata-se do 1 Btl. de um regimento blindado alemão. Normalmente, estas unidades são completamente motorisadas, no caso, porém, ela está a pé.

Como o Batalhão de Infantaria alemão normal, este é constituído de 3 Cias. Fzs., 1 Cia. Mtrs. à 3 Pels. Mtrs. pesadas calibre 30 e 1 Pel. Morteiros cal. 81. Antes do inicio da operação o Btl. foi reforçado com um pel. de canhões anti-carro (3 peças de 37) e um pelotão de canhões pesados de infantaria (2 peças 150), do Regimento. Recebeu, ainda, como veremos, nos ultimos momentos, 3 carros de combate, de um dos regimentos blindados.



Croquis 1

SITUAÇÃO GERAL — Estamos no fim da tarde de 27 de outubro. Nos ultimos tres dias o Btl. tem combatido quasi constantemente. Temperatura poucos gráos acima de zéro. Estradas e terrenos marginais lamacentos. Pouca visibilidade. O inimigo fazendo uma parada em cada poucos kilometros, está se retirando para E. O 1 Btl. acabou de entrar a viva fôrça na aldeia *V* (croquis: todas as localidades do croquis são pequenas aldeias) e está se estabelecendo defensivamente na elevação ao N dela. A Cia. *A* está á esquerda da estrada, a *B*, á direita, estando a Cia. *C* na reserva, em repouso. A tropa está molhada, friorenta, ha muitas horas sem uma ração quente e muito proxima da exaustão. Ocasionalmente caem granadas de morteiros em suas posições. Eles podem ouvir o barulho dos motores inimigos, sobre a estrada, na direção NE. Acaba de chegar uma informação adicionando, displicentemente, ao pobre conjunto de informações sobre o inimigo: a Luftwaffe (a aviação) observou "concentração de veículos, inclusive carros de combate, em aldeia *Z*".

ORDEM DO REGIMENTO — Às 17.30 horas, quando a tropa estava ocupada em cavar seus abrigos e localizar suas posições, o comandante do Regimento, cel. K, apresenta-se no P. C. do Btl., no angulo N de *V*. Avistando o cmt. do Btl., major M, foi diréto ao assunto: "o inimigo está se retirando pela estrada, na direção de *Z*. Não temos detalhes. Nossa formação de combate T está perseguindo outro destacamento inimigo, pela estrada para *V*, tambem na direção *Z*. No momento olha seu relogio, que marca 18 horas) avalio que a formação alcançou *V*. Seu Btl., reforçado, a partir deste momento, por tres carros leves, iniciará a perseguição imediatamente. O snr. vançará ao longo da linha geral desta estrada (aponta, no croquis, a estrada de *V* para *Z*) e ocupara *Z*. Seus tres carros estarão aguardando, dentro de meia hora, na saída N desta aldeia. Eu estarei lá.

SITUAÇÃO PARTICULAR E DESENVOLVIMENTO — A missão do maj. M (ocupar *Z*) é clara como cristal. Nada há, porém, de claro, sobre sua imediata situação. Seu conhecimento

do que ha á frente é assáz precario. Ele não sabe, por exemplo, se o inimigo abandonou a elevação 50. Sua carta (uma carta de 1:100.000, capturada) mostra-lhe que, para a frente, ha accidentes taes como as elevações 50 e 70, as aldeias X e Y e, naturalmente, seu objetivo, Z. O maj. M sabe — por dura experientia propria — quanta supreza e trabalho pôde surgir de uma simples aldeia russa. Ha um aspéto do terreno, entretanto, a favor dele: a estrada. E' uma bôa estrada, comquanto muito lamacenta. Ela fornece um eixo concreto no qual amarrar sua progressão noturna.

Com e stas e outras considerações na mente (principalmente o estado de sua tropa) o maj. se encaminha para a elevação ao N da aldeia, onde chega ás 19.15 hs. Ele havia já (uma hora passada) dado ordens preparatorias aos seus cmts. de Cia. Em consequencia, a Cia. C está reunida na estrada, logo atráz da aldeia e as Cias. A e B desenvolvidas em colunas cerradas de esquadras, ao longo de ambos os lados da estrada. Estas duas Cias. têm, cada uma, enviado destacamentos de segurança no valor de uma esquadra, cerca de 200 m á frente. Esta tropa e os cmts. de Cias. e elementos á disposição são reunidos para encontrar o maj., na elevação.

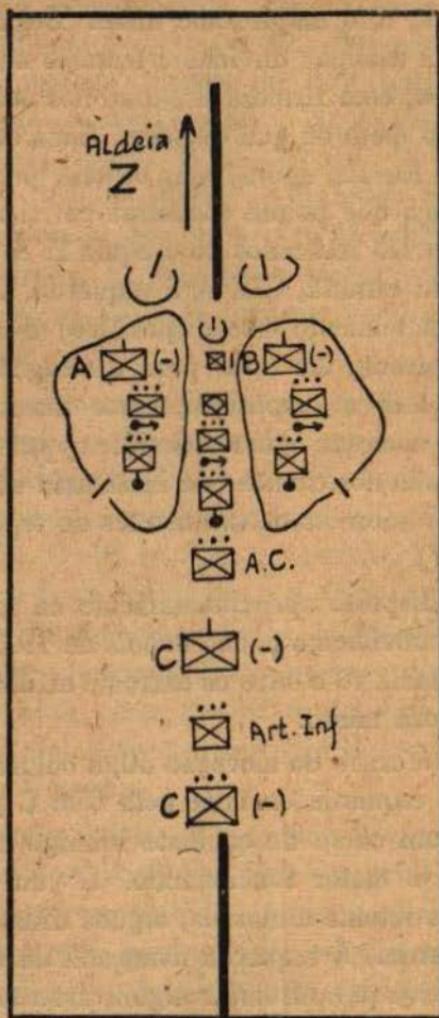
Neste meio tempo é noite. Uma chuva ligeira e fria começa a cair. A despeito do desconforto fisico, os soldados se deitam no chão e adormecem em seguida. Aqueles ocasionaes tiros de morteiro do inimigo estão ainda caindo sobre a região e a tropa pôde ouvir até o barulho longinquuo da atividade do inimigo, ao longo da estrada, á frente. Os tres carros acabam de chegar, pesadamente. Seus cmts., porém, não demonstram muita disposição para prosseguirem. Eles dão informações ao major e, ao mesmo tempo, despejam argumentos sobre ele — que eles e seus homens têm estado em movimento por 16 horas, que na França e na Polonia não éra assim (este pensamento não expresso), que não gostam do som das coucas para a frente, que, de qualquer modo, não podem agir no escuro e que gostariam de adiar a ação até a proxima manhã. Os sargentos dos carros estão, realmente, traduzindo o sentimento da maioria dos outros

lementos do Btl., e, o major sabe disso. Ele sente que a sua maior tarefa será dissipar duvidas e temores na imaginação de seus subordinados, com firmeza e animo nos seus proprios atos decisões (unico meio de que dispõe). Suas ordens devem restituir confiança. Ele dá, agora, suas ordens, pondo nelas o maximo de confiança que poude encontrar em si mesmo. Os elementos da ordem são indicados no croquis 2. A progressão será feita ao longo da estrada, Cia. A á esquerda, Cia. B á direita (eles estão agora tomando este dispositivo) e o cmdo. do Btl. a Cia. C na estrada, um tanto para a retaguarda. As armas esadas e elementos á disposição, como mostra o croquis 2. V., leitor, pode começar agora a decidir o que tem o major em mente: para missão dos canhões de infantaria em caso de ação? para os carros? sobre os destacamentos de segurança, á frente as Cias. A e B?)

O Btl., já disposto aproximadamente na formação para o vanço, inicia o movimento pouco depois de 19.30 horas. Como estafada infantaria vê e ouve os carros e artilharia atrá de si, sua moral melhora muito.

Abordando a crista da elevação 50, a coluna faz alto (sinal amioso?). A esquerda enviada pela Cia. C para explorar a crista encontra um carro de combate inimigo abandonado, porém, ainda com o motor funcionando. E' um bom começo. Quando a coluna retoma a marcha, alguns tiros de fuzil vêm de trás, pela esquerda. A esquerda avançada da Cia. A solta um projétil iluminativo para alumiar alguns arbustos de aspéto suspeito, ao longe do caminho. Então, o maj. M, que vê o clarão do projétil, ouve uma rajada de metralhadora, atirando de algum lugar, á frente. Um momento depois, começam a explodir granadas de mão. A coluna prossegue. Ao amanhecer, alguém relata que aquele pequeno incidente fora um encontro com uma peça de campanha do inimigo — um encontro bem sucedido, naturalmente.

O maj. M, na testa da coluna que marcha pela estrada, guça o olhar através a escuridão e vislumbra o grupo de construções de fazenda á esquerda da estrada, entre as elevações



50 e 70. Ele envia um mensageiro para avisar ao cap. da Cia C que passe ao largo das edificações. Não é ocasião propícia para uma luta dentro do pateo de uma fazenda.

Poucas centenas de metros adiante, o major sinalisa (pistola sinalisadora ?) um alto e uma conferencia de cmts. de subunidades. E' uma conferencia curta, durante a qual a situação do momento é discutida. Neste meio tempo, as Cias. paradas estão sendo reajustadas e postas em ordem. Na conferencia, na

estrada, varios cmts. subalternos estão imaginando uma idéia que, então, atiram ao major: que pensa sobre dar á tropa — que está realmente pronta para cair sobre seus proprios passos — uma simples hora de repouso?

O maj. M, porém, conhece seu "Truppenführung" (princípios de comando de tropa). Ele sabe que "cansaço não é motivo para afrouxar o vigor de uma perseguição", que "o comando é justificado em pedir o impossível", em uma situação como esta e que "cada um deve dar até o ultimo alento de seu esforço". E, assim, cansados, molhados e famintos como estão, a tropa de combate do 1 Btl. toma suas armas e começa a tropeçar para a frente. outra vez.

Quasi imediatamente a isso, a Cia. B começa a receber um fogo inconstante de fuzil. O fogo é disperso e fraco, não suficiente para justificar uma parada. E' a ocasião para o major, não obstante, enviar palavras de animação e exhortação aos seus cmts. de sub-unidades, para que as conservem em bôa ordem. De outro modo, como saber onde e em que condições estão eles?

Ha uma serie de incidentes durante a noite. Um tiro aqui, um projétil iluminativo ali. Uma vez, uma centena de metros ou mais, abaixo da estrada, o céo resplandeceu com um clarão e houve um tremendo estrondo. A esquerda avançada da Cia. C envia para traz uma informação, dizendo que o inimigo fizera voar um vagão carregado de munições, embora molhado.

Agóra, a aldeia X aparece ao longe, atravez a escuridão, à direita da estrada. Os elementos avançados da Cia. B vêm formas confusas movendo-se sobre o fundo do céo, perto da aldeia, uns duzentos metros á frente. Esta pequena situação — aldeia sombria, as figuras difusas, e tudo mais — pode parecer muito simples para V., leitor, e, por isso mesmo, por diuersão, propômos a questão:

Pede-se: decisão ao cmt. da Cia. B (vivamos agóra a situação e, afigure-se, por um momento ou dois, o que faria V., como cmt. desta Cia., nessa noite escura e nessa estrada enlameada).

SOLUÇÃO — No caso real em estudo, o major entrou no enario com a Cia. B aproximando-se da aldeia. Parecendo

temer alguma audacia prejudicial do cmt. da Cia. B, ele lhe ordenou que conservasse sua Cia. unida e passasse ao largo da aldeia, conservando a direita da estrada. Ele disse ao cmt. da Cia. B: "Si ha russos naquela aldeia, deixe-os lá. O resto do Regimento cairá sobre eles, amanhã". O cmt. da Cia. fez como foi ordenado e ultrapassou a aldeia sem novidade.

DESENVOLVIMENTO ANTERIOR — Até aqui, muito bem. A aldeia foi ultrapassada com sucesso. A aldeia Y está, porém, lôgo adiante, com mais probabilidade de incidente. Quando as Cias. A e B se aproximam desta aldeia, são, com efeito, recebidas por fôgo vivo de fuzis e metralhadoras, si bem que não ajustados. O fôgo parece vir das edificações ao longo do lado S. da aldeia. Decisão dos cabos cmts. das esquadras avançadas ?

A decisão comum dos cabos (é-nos dito) é retribuir o fôgo e retribuir de uma tal maneira a dar ao inimigo uma idéia exagerada do valor da tropa atacante. Isto de acordo com a doutrina normal alemã. Os homens das esquadras atiram o mais rapidamente que podem e do maior numero de posições que lhes é possível. Com uma tal situação em perspetiva, as esquadras haviam sido armadas exclusivamente com armas automaticas: pistolas automaticas, fuzis metralhadoras e metralhadoras leves.

A tendência, porém, de exagerar o valor de uma força encontrada á noite, não é uma característica puramente russa. Atrás, nos diversos escalões do Btl., ouve-se o desenvolver da ação e concluem que esbarraram com a verdadeira linha de resistência do inimigo. Ninguem — exceto talvez um pequeno numero de veteranos experimentados — poderia estimar o valor do inimigo em menos de uma companhia (assim explicam os alemães endurecidos na guerra o velho axioma que "o fôgo inimigo, á noite, parece sempre mais perigoso do que realmente é").

Nesta situação, com as esquadras avançadas tomadas sob fôgo do inimigo, o Btl. faz alto, outra vez. Os cmts. dos carros

e das unidades de armas pesadas correm ao P. C. do major. Lá se encontra tambem o cmt. da Cia. C.

Nesta situação, com as esquadras avançadas tomadas sob fogo do inimigo, o Btl. fal alto, outra vez. Os cmts. dos carros e das unidades de armas pesadas correm ao P. C. do major. Lá se encontra tambem o cmt. da Cia. C.

PEDE-SE: DECISÃO DO MAJ. M.

O maj. M decide por uma tentativa de resolver o incidente apenas pelo fogo. Há ordens neste sentido. Poucos minutos depois as armas dos carros atiram na direção geral da aldeia. O Pel. Mtrs., progredindo lôgo atraz dos carros, toma posição e colabora no fogo. O mesmo fazem os canhões de infantaria e as armas anti-carro. Um volume consideravel de fogo, sem alvo particular, mas impressivo, cae na aldeia (e, talvez, parte nas esquadras avançadas das Cias. A e B...).

Com o bulhento fogo em curso, as Cias. A e B efetuam uma bôa manobra. Passando bem, pela direita e esquerda da aldeia, elas ganham e barram eficientemente sua saída pela estrada para o N. Isso conduz, eventualmente, a uma armadilha, por isso que, debaixo de pesado fogo, agravado pela pressão das esquadras avançadas, o inimigo decide, finalmente, evacuar a aldeia. Nesta operação, ele encontra as Cias. A e B barrando sua fuga. Verificou-se, assim, que havia cerca de 30 inimigos com duas metralhadoras, ao énvez de quasi uma companhia (mais de 150 homens), estimativa de quasi todos, no Btl.

Ao N. de Y o major sinala novamente um alto para reorganização e nova orientação da tropa. Ahi, então, os cmts. de unidades verificam que a ação passada — cerca de hora e meia — produzira maravilhas no espirito da tropa. A moral se elevou consideravelmente.

Acima, agora, para adiante está Z, objetivo do Btl. A julgar pelo rumor, ha um movimento consideravel de transportes inimigos naquele caminho. Entrementes, projets iluminativos ou sinais lumínicos explodem no ar, á direita. A questão: onde está a formação de combate T?

O 1 Btl. reinicia a progressão descendo o declive ao N de Y. As Cias. A e B estão agora em formação relativamente cerrada, amarradas á estrada. Estão justamente começando a galgar a subida para Z quando explóde um projétil iluminativo e veem, apinhados em sua frente, pela estrada, a coluna motorizada inimiga, que vinha fazendo todo aquele barulho.

Esta historia — tomada dé memorias da frente russa — tem o fim feliz de todas de ações alemães naquela frente, por eles contadas. Conta ela que os cmts. das Cias. A e B, vendo bem á sua frente a massa de veículos inimigos, puzera-se a berrar: "Para a frente ! Para a frente ! A eles !", ou cousas taes. "Com granadas de mão, pistolas, e mesmo ferramenta de sapa, a ação se encapelou para a frente.

Atravez a luta renhida e o embate féróz, toda a ordem foi esquecida nas Cias. . . . Todos os chefes, desde os cabos, comandavam qualquer homem e qualquer arma que lhe aparecia cerca.

"... E assim foi até a vitoria final .

Isto tudo aconteceu na subida para a aldeia Z. Em quanto isto, ha uma comoção na aldeia. Que pensa o leitor lá haver acontecido ? V. nunca poderia imaginar o que vamos dizer: a formação de combate T havia chegado. Ha aperto de mão, uma troca de admiração mutua e uma dormida geral. São 3 horas. O Btl. cumpriu sua missão.

O artigo Organização de Terreno para a A.A.Aé., Tradução do Cap. Propício Machado Alves, será publicado no próximo número.

Pensamentos no Campo de Batalha

Fala o Cmt. da Cia.: Si eu pudesse instruir minha
Cia. outra vez

Pelo Cap. CLARENCE A. HECKETHORN
(Tradução, Major BARBOSA PINTO)

Um homem, no combate, pensa em muitas cousas, mas o pensamento que mais frequentemente me ocorria, era como eu instruiria minha Cia., si me fosse possível fazê-lo novamente.

Prepararia meus homens física e mentalmente. Sob o fogo, o soldado faz a maior parte daquilo que ele fez na instrução e muito pouco do que apenas lhe disseram como fazer. — Por esta razão, eu empregaria na instrução, quasi que exclusivamente o método de aplicação.

Tenho visto infantes abandonarem seus abrigos e fugirem diante de um ataque de forças moto-mecanizadas. Com isto só conseguem ser feridos ou esmagados por êsses veículos. Aqueles homens havia sido dito um abrigo profundo era a sua melhor proteção contra aqueles engenhos, mas diante do barulho ensurdecedor e à vista dos carros de combate, aqueles homens agiram mecanicamente e não mentalmente. Si os carros de combate, durante os períodos de instrução, tivessem passado sobre êles protegidos pelos abrigos individuais, como eu soube que se está fazendo hoje em dia, aqueles homens teriam tido confiança em seus abrigos e permaneceriam neles, até que os carros de combate se afastassem.

Sabendo o que sei agora, eu não diria aos meus soldados que eles deveriam cavar seus abrigos e trincheiras quando êles encontrassem em combate. Faria com que êles os cavassem du-

rante qualquer exercício e não me limitaria a que sómente marcassem o lugar em que os teriam de cavar, no caso real.

Não me satisfaria em alertá-los contra as minas terrestres e armadilhas explosivas, mas faria exercícios empregando armadilhas e minas com cargas reduzidas.

Não lhes diria que um ferido deve tomar dois tabletes de sulfanilamida de cinco em cinco minutos. Faria com que todos os homens, durante os exercícios, fossem supostos feridos e que eles realmente tomassem tabletes de sulfanilamida simulados (pastilhas de goma, bolos de pão, amendoim).

Minha Cia. também haveria de atirar tanto quanto ás doações de munição o permitissem e haveria de fazê-lo nas distâncias reais de combate.

Faria tantos exercícios de G. C., Pel. e Cia. quantos possíveis. E sempre que praticável, executaria manobras de pequenas unidades, com outras unidades e contra outras unidades e serviços. Eu constatei que a infantaria deve conhecer todas as possibilidades da artilharia; os Cmts. de carros de combate as possibilidades da Engenharia e dos tanques destroers; as forças aéreas as possibilidades das forças terrestres. Durante êstes exercícios faria com que todos os homens até o último soldado, conhecessem a situação e a parte que lhes competia no cumprimento da missão. A partir daí, eu despertaria a sua iniciativa, mudando ordens, estabelecendo a confusão e provocando ataques inesperados, pois é isto que sucede frequentemente no combate. O primeiro homem que perguntasse "porque?" em vez de decidir "como" deveria cumprir a missão, seria punido. Não se trata de indagar "porque?" mas de "fazer ou morrer" e fazer rapidamente. Esta é a maior fraqueza de um exército composto de elementos que eram civis, pouco tempo antes: os homens perguntam "porque?", mesmo no campo de batalha.

Eu me devotaria quasí exclusivamente à instrução tática, no terreno, enquanto as secções teóricas, em sala, seriam reduzidas ao mínimo.

Não se deve dispensar demasiado tempo nas informações de combate, com requintes nos reconhecimentos e leitura de cartas. Todos os assuntos são de importância vital.

As condições de ordem material, do combate, seriam exercitadas através de situações táticas que incluissem incursões aéreas, ataques noturnos, de flanco e por agentes químicos.

As faltas à instrução seriam reduzidas ao mínimo. — Lembro-me, muito bem, de um incidente em combate, quando dei a um dos meus soldados uma missão em que deveria empregar a "bazooka". Ouvi dele o seguinte: "Mas, eu não sei como empregá-la. Eu estava preparando o terreno para a parada, no dia em que a Cia. foi para o estande".

Diversas vezes tenho lastimado as muitas horas de instrução perdidas, fosse devido ao mau tempo ou porque uma alteração de última hora tornasse impossível utilizar as viaturas da Cia., como havia sido previsto. O resultado era, geralmente, um tempo malbaratado, dedicado aos cuidados e limpeza do equipamento, à instrução teórica sobre os primeiros socorros, dos regulamentos de continências e disciplinar, assuntos já bastante explorados e bem explicados em tantas outras ocasiões. Hoje sei que eu teria pronta uma série de trabalhos cuidadosamente preparados, sobre leitura de cartas, informações de combate, identificação de aviões, desmontagem, remontagem e funcionamento de nossas principais armas, assuntos da maior importância em sala.

Um programa de instrução deste tipo, demandaria um trabalho de um grupo de oficiais subalternos enérgicos, mas infelizmente muitos dos nossos comandantes de pelotões, ressentem-se de espírito de iniciativa. Eles não se preparam para o imprevisto.

A frequência de soldados aos prostíbulos e as doenças venéreas resultantes, como que dizimavam a minha Cia., durante o período de instrução.

Eu e meus oficiais fazíamos preleções sobre higiene sexual e aplicavamo as sanções do regulamento disciplinar, — mas os homens ainda gastavam seu tempo nos lupanares e no-

Não se deve dispensar demasiado tempo nas informações de combate, com requintes nos reconhecimentos e leitura de cartas. Todos os assuntos são de importância vital.

As condições de ordem material, do combate, seriam exercitadas através de situações táticas que incluissem incursões aéreas, ataques noturnos, de flanco e por agentes químicos.

As faltas à instrução seriam reduzidas ao mínimo. — Lembro-me, muito bem, de um incidente em combate, quando dei a um dos meus soldados uma missão em que deveria empregar a "bazooka". Ouvi dele o seguinte: "Mas, eu não sei como empregá-la. Eu estava preparando o terreno para a parada, no dia em que a Cia. foi para o estande".

Diversas vezes tenho lastimado as muitas horas de instrução perdidas, fosse devido ao mau tempo ou porque uma alteração de última hora tornasse impossível utilizar as viaturas da Cia., como havia sido previsto. O resultado era, geralmente, um tempo malbaratado, dedicado aos cuidados e limpeza do equipamento, à instrução teórica sobre os primeiros socorros, dos regulamentos de continências e disciplinar, assuntos já bastante explorados e bem explicados em tantas outras ocasiões. Hoje sei que eu teria pronta uma série de trabalhos cuidadosamente preparados, sobre leitura de cartas, informações de combate, identificação de aviões, desmontagem, remontagem e funcionamento de nossas principais armas, assuntos da maior importância em sala.

Um programa de instrução deste tipo, demandaria um trabalho de um grupo de oficiais subalternos enérgicos, mas infelizmente muitos dos nossos comandantes de pelotões, ressentem-se de espírito de iniciativa. Eles não se preparam para o imprevisto.

A frequência de soldados aos prostíbulos e as doenças venéreas resultantes, como que dizimavam a minha Cia., durante o período de instrução.

Eu e meus oficiais fazíamos preleções sobre higiene sexual e aplicavamo as sanções do regulamento disciplinar, — nas os homens ainda gastavam seu tempo nos lupanares e no-

vos casos de blenorragia e sífilis se manifestavam. Intensifiquei então o treinamento físico dos homens e aumentei as suas horas de trabalho; fizemos longas marchas, instrução noturna, exercícios de baionetas, em pistas de obstáculos. A mudança foi notável: os soldados resmungavam, mas gostavam. Após uma dura jornada, eles não tinham animo para ir á cidade, nem para se deitarem e para se deixarem pensar nos pagos. As revistas picantes não os interessavam mais. Já não mais tomavam cerveja e visitavam casas suspeitas. Estavam tão fatigados que só lhes apetecia irem deitar-se e dormir.

Oficiais dos serviços especiais e varias organizações cívicas estão fazendo muito pelo moral das nossas tropas, mas o moral de um soldado no campo de batalha é o reflexo da sua confiança em si mesmo, nos seus superiores, no seu armamento. E esta confiança somente pôde ser adquirida através da instrução.

Alguns dos nossos homens não estão em boas condições físicas; outros não cavam as suas trincheiras, a não ser que lhes diga para o fazerem o que já tenham sido surpreendidos pelos Stukas, completamente desabrigados; outros mais — não aprofundam convenientemente os seus abrigos nem disfarçam suas viaturas, a menos que se lhes dê ordens para tal. Queixam-se do serviço de guarda e querem descansos repetidos. Quando a prova final de resistência é realizada, não a suportam. É o Cmt. da Cia. através de uma cuidadosa instrução preparatória, que deve vencer estas deficiencias.

Nossas tropas não estão preparadas psicologicamente. Não se lhes ensinou a odiar os alemães, os italianos e os japonezes. Elas não sentem uma forte necessidade de matar. Muitos dos homens parecem lembrar-se demasiado do que lhes ensinaram nas escolas, ha muito tempo: "que a guerra jamais resolveu cousa alguma... que é errado matar... que o alemão é um bom camarada... que os italianos não querem combater e render-se-ão.... que o colapso alemão virá de dentro da "propria Alemanha..."

Eles acabam por compreender que tudo isto é falso, porém, quando já é tarde de mais, para muitos. Contaram-lhes,

certa vez, que "a guerra era um inferno e que eles iam empenhar-se na maior de todas as guerras da história. Não lhes ensinaram, no entanto, à significação do velho adágio de Shakespeare: "Não ha nada bom ou mau; são os nossos pensamentos que fazem as cousas boas ou más".

Não lhes disseram que si a guerra é conduzida de acordo com as velhas doutrinas da estratégia e com os princípios táticos, si os nossos homens cumprem as suas missões como devem e si as nossas armas são empregadas convenientemente, então a guerra pôde ser encarada como um gigantesco trabalho de cooperação, que é o cumprimento da missão imposta a cada um.

Quando as tropas, no entanto, entram em combate sem ver as cousas como realmente são, a guerra é certamente o que Sherman disse o que ela era.

Para ter saude e alegria

Procuremos obedecer aos preceitos de higiene, para ter saúde e alegria. Os livros de higiene devem ser leitura obrigatória, não só na escola como nos lares. Muitos deles são escritos de tal forma que os lemos com imenso prazer e, sobretudo, com grande aproveitamento.

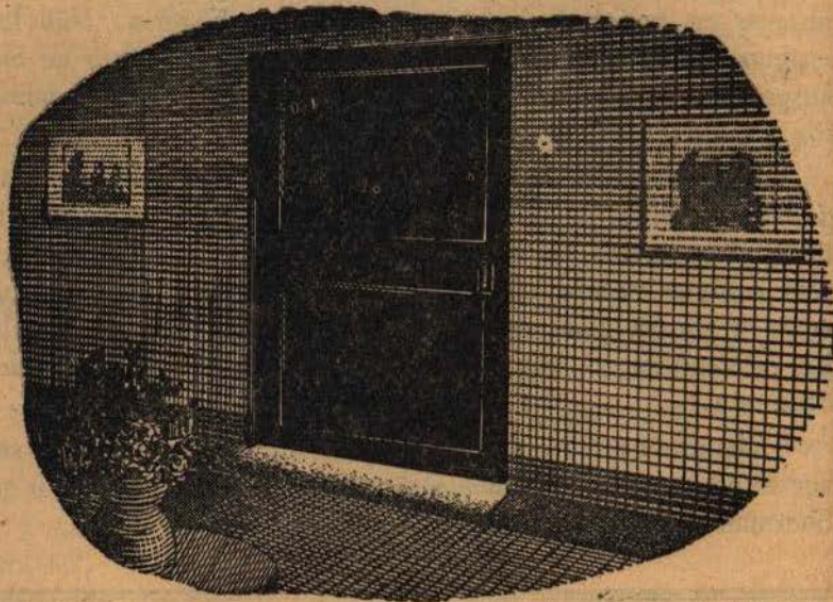
Seguindo-se os preceitos de higiene desaparecerão as causas mais frequentes de fraqueza e de desanimo que escravisam tantas vítimas nas cidades e nos campos.

A higiene ensina não só a defesa contra as doenças, como também as medidas para manter o físico e o psíquico em perfeita forma. Nos tempos que correm há muita gente nervosa porque não sabe se alimentar convenientemente e porque não dorme nas horas de descanso.

Existem muitas pessoas "nervosas", desanimadas, irritáveis, neurastênicas, só porque não sabem dividir bem o dia.

Para combater o desanimo, a irritação, a neurastenia, nada mais fácil: regularizar a vida, deitar-se nas horas convenientes e usar o esplendido Tonofostan da Casa Bayer, obedecendo as demais regras estatuídas pela higiene.

Numerosas pessoas que usaram o Tonofostan ficaram admiradas do bem-estar que sentiram apenas com as duas primeiras injecções desse precioso medicamento — absolutamente indolor e de grande proveito para os enfraquecidos, sejam crianças, adultos ou velhos.



...Aquela LUZ por baixo da porta.

No silêncio da noite... enquanto em casa todos dormem... um homem trabalha ou estuda no seu gabinete particular. A luz que se escôa por baixo da sua porta é sinal de que ele dedica parte do seu tempo livre ao estudo ou atividades que representem maior soma de conforto e bem-estar para sua família. Somente a boa iluminação torna possível a perfeita rea-

lização dessas tarefas fora do expediente diário... porque além de proteger a saúde e a vista, repousa os nervos, torna a mente lúcida e transforma em agradável passatempo a leitura dos mais árduos textos... Faça também do seu lar — pela adequada distribuição da LUZ — um motivo permanente de conforto, alegria e a base sólida do seu progresso na profissão a que se dedica.

Companhia de
Carris, Luz e Força
do Rio de Janeiro Ltda.



Os Reajustamento da Doutrina

(O conceito moderno da defensiva)

pelo Cel. J. B. MAGALHÃES

O caráter empírico e eminentemente experimental do que chamamos *doutrina de guerra*, sujeita as regras e preceitos de que ela se constitue à necessidade de revisões constantes. Nela o único elemento fixo, permanente, básico e imutável — é a maneira de raciocinar para solucionar os problemas, a qual alude a um método positivo, nimbamente cartesiano. Em virtude mesmo desse método, e à sua luz, devem sempre ser revistas as conclusões estabelecidas sobre os procedimentos a observar no campo de batalha. É uma necessidade que se impõe sempre que se empregam novos meios de combate, ou que se aperfeiçoam os meios conhecidos ou os processos de seu emprego. Impõe-se também, lógica, ou consequentemente, em virtude das reações do inimigo e como um recurso para dominá-lo ou sobrepujá-lo.

As necessidades de uma tal revisão manifestam-se logo que as guerras se iniciam, visto como os meios criados em tempo de paz, ou aperfeiçoados, não podem ser conveniente e completamente experimentados.

As guerras em geral, pode-se dizer sem erro, desde o seu inicio, começam a adquirir uma feição sempre diferente do que, no tempo de paz, se havia imaginado. É que cada qual faz previsões decorrentes de seus próprios conhecimentos e do pouco que sabe a respeito do adversário. Ora, quando se manifestam as reações de uns e de outros, surgem logo necessidades de adaptação das idéias e das condutas aos fatos, às realidades, que se vão focalizando.

À novidade *desta guerra* foi o emprêgo em massa das formações *motomecanizadas*, com apoio da aviação. Os estados maiores conheciam o fenômeno, previam as possibilidades desse emprêgo e muitos escritores militares tanto franceses como germânicos, mostraram tê-lo pressentido e compreendido nitidamente.

A execução, porém, feita pelos alemães com minucioso preparo foi para todos, inclusive eles mesmo, *uma surpresa*, isto no sentido da extensão de suas consequências.

Era uma *nova forma de ofensiva*, resultante do emprego mais rendoso de velhos meios aperfeiçoados. Obedecia, como ofensiva, às mesmas regras e princípios conhecidos sobre esta fórmula da guerra, mas tomava uma ampliação jamais vista.

O sistema defensivo todo montado para fazer face às *primitivas fórmulas da ofensiva*, ou melhor, a *ataques de menor amplitude*, entrou logo em cheque. Muitos entre os que não tinham ainda bem assimilado o que é uma doutrina de guerra, gritaram logo, aturdidos pela idéia de que tudo que se sabia a respeito estava por terra — que havia na tática, na estratégia, na guerra... uma revolução apocalíptica...

Na realidade, porém, para os que tinham noções certas a respeito da guerra, da estratégia e da tática, havia surgido apenas uma necessidade de reajustamento de métodos e processos às novas circunstâncias, e isso, em *escala intelectual*, muito menor do que poderia parecer a primeira vista.

E' curioso agora notar-se que, a nova fórmula da ofensiva — a famosíssima *blitzkrieg* acabou por ser surpreendida, a bem dizer-se, por seu turno, desde que a defensiva se reajustou.

A primeira grande experiência, a esse respeito foi feita pelos russos, cujas concepções sobre as novas condições da guerra mostraram ter sido mais completas que a dos alemães, execto apenas num ponto.

Eles viram bem a nova fórmula da defensiva desde o inicio da guerra, apenas não deram aos seus *elementos novos* uma

organização apropriada (1). Dispuseram-se em *profundidade*, mas suas massas de contra ataque com elementos motorizados, mostraram-se no inicio, em 1941, insuficientes.

No decorrer da guerra, os russos, os ingleses e os americanos, que não tardaram em medir rigorosamente toda a extensão dos fatos novos e a tirar deles as consequencias para encontrar respostas convenientes, trataram de crear meios novos, aperfeiçoar os existentes e adotar metodos, que a seu turno surpreenderam os próprios alemães. Estes continuaram a pôr toda sua fé nas concepções com que iniciaram a guerra, se bem que já houvessem surgido novas condições...

Mas o que é para nós curioso constatar é que as *diferenças de doutrina*, são de fato muito pequenas em face de nossas *concepções capitais*, mesmo na *defensiva*.

* * *

O Ten. Cel. Jay C. Whitehair, de cavalaria e instrutor da Escola de Comando e Estado Maior de Kansas, nos Estados Unidos, publicou na *Military Review*, sob o título — *o conceito moderno da defensiva* — um interessantíssimo artigo a respeito do assunto de que aqui se trata. De uma claresa e precisão notaveis, mesmo raras de encontrâr-se entre os que se ocupam de tal materia, dá uma idéia nitida a respeito das modificações fundamentais impostas pela nova guerra à concepção da defensiva e mais do que isso, documenta *com explendor*, o que é mais importante para nós, como se procede aos reajustamentos de uma doutrina.

Vejamô-lo.

Poucos técnicos da guerra, diz ele permanecem estáticos ou inertes. A *doutrina principal* pode ficar imutável por longos periodos, mas os pormenores de sua aplicação variam às vezes tão completamente que o oficial de estado-maior — o obreiro da doutrina — assinala consideraveis mudanças.

1) — Vêr n. 341 de "A Defesa Nacional", de Outubro de 1942, O segundo Turno da Rússia.

A utilização do motor a explosão, não alterou os básicos conceitos da *mobilidade* e da *capacidade de manobra*, mas alterou as condições de *tempo e de espaço*, fatores com que um oficial de estado-maior deve lidar. Houve, em consequência de sua utilização, mudanças notáveis na luta em terra e no ar.

(2) Adaptamo-nos belamente e depressa ao uso dos motores, e sem demora modificamos os cálculos para nossos movimentos, reuniões de fôrças, ataque e exploração do êxito. Foi fácil no que diz respeito à ofensiva, porque isso dependia de nossa iniciativa. Custamos, porém, mais em reajustar nossa técnica de combate defensivo correspondente às situações em que a iniciativa cabe ao inimigo. Há uma razão lógica para isso: não se pode formular um plano acabado para conter um ataque, sem se saber com que fôrça e como será este desencadeado.

Muitos estudos foram feitos a respeito da técnica de ataque japonesa e notavelmente alemã, dos pioneiros da guerra, para revisão de nossas concepções sobre a defensiva. Não foram eles, porém, levados até o ponto de tudo ficar bem conhecido como a palma da mão (3). Os fatos verificados nos atuais campos de batalha não podiam ainda dar resposta definitiva às perguntas — Em que proporção? Enquanto tempo? Em que profundidade? Em que largura? Em que oportunidade? Com que?

Em maio de 1940, vimos a ruptura da Linha Maginot, esmagamento, penetração por super ampliação de potencia e rapidez. Vimos as longas colunas lançando-se para longe através das posições francesas. Supuzemos que "estas longas e sínusas colunas" não poderiam subsistir e seriam cortadas. Isto, porém, não se deu. Percebemos então estar testemunhando a falênciia do *sistema de defesa linear* (4). Começavam a surgir modificações no terreno das retaguardas...

Desde então, as maiores nações iniciaram profundos estudos baseados em algumas valiosas informações resultantes

(2) — Também no mar.

(3) — *handswere shown*.

(4) — O grifo é nosso.

experiência de seus aliados; dos quais damos a seguir algumas indicações. Faremos, quanto possível, a comparação entre as modernas técnicas defensivas e aquelas outras com as quais estavamos mais familiarizados.

Idéia básica — Uma situação defensiva resulta de decisão de comando, (4) e — cumprindo assinalar que ela por si só o dá a vitória na guerra (5) — pode ser adotada para:

- ganhar tempo — para, por exemplo, constituir reservas, acumular recursos materiais; receber reforços;
- economizar efetivos necessários nouros pontos;
- interdizer ao inimigo o acesso em território de importância tática, estratégica ou política.

Pode, porém, haver necessidade de se adotar uma atitude defensiva *independentemente de ordem do comando*.

Há, então, duas noções a considerar: a de *defensiva deliberada previamente* e a de *defensiva improvisada*.

Para melhor clareza, e por conveniência didática, nossa posição se desenvolverá em torno da idéia de uma *defensiva iberada*. Não devemos, porém, perder de vista que há circunstâncias em que se terá de proceder à *defensiva improvisada*, idéia que deve ser considerada atentamente para se combater sempre o mais idealmente possível, isto é, nas melhores condições.

Vantagens da defensiva — Merece este assunto toda a atenção. O valor da defensiva depende do modo de compreender as vantagens que ela oferece. São estas:

- permite escolher o terreno em que se quer travar a batalha;
- é possível acrescer o valor *intrínseco* deste pela organização;
- há lazer para estudá-lo minuciosamente, a fim de estabelecer *a priori* a conjugação dos fôgos.

— O grifo é nosso.

— Ha aí um modo absoluto de falar que merece boa ponderação.

Essas vantagens constituem a única superioridade da defensiva e delas, para não perdê-las, é preciso saber tirar todo partido.

Desvantagens da defensiva — A pior de todas é a perda da iniciativa nas operações. O atacante pode grupar um *maximum* de forças, para exercer uma ação decisiva, num ponto por ele escolhido enquanto o que se defende precisa poder ser forte em toda parte. Resulta daí que este, para contrabalançar tal desvantagem, necessita *organizar-se* em profundidade para não ser destruído pelo primeiro choque potente do adversário e também adotar um dispositivo flexível, que lhe permita concentrar meios, o mais cedo possível, para atuar contra o centro de *potência das forças* atacantes. Isto requer haja mobilidade em todos os escalões.

Além disso, a defesa deve ser capaz de resistir ao ataque vindo de todas as direções e suas reações vivas devem ter um caráter agressivo para que não possa ser destruída metódicamente, parte por parte.

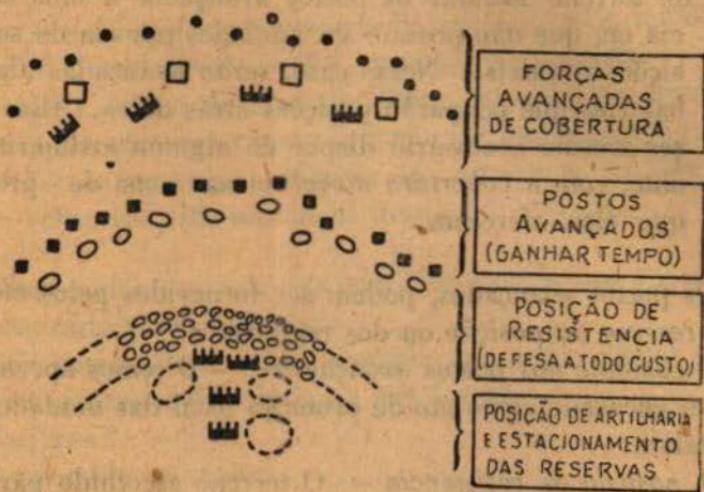
Nada, porém, tem mais importância que a necessidade de *proteger-se, enterrando-se, localizando convenientemente homens e meios, utilizando todos os recursos que possam furar los à vida na superficie do terra*.

A esse respeito todo o mundo está de acordo, e seria, portanto, supérfluo discutir o assunto. Vejamos, então, o que nos interessa particularmente, a *técnica* de sua realização.

A doutrina. A doutrina da defensiva consignada em nosso Regulamento de Serviço em Campanha fica imutável: “Considera a organização do campo de batalha para sua defesa todo custo, o emprego de forças de cobertura para retardar desmembrar o ataque do inimigo e encobrir dele á verdadeira posição da defesa” (6).

A cobertura da posição defensiva — É uma questão que depende frequentemente do Alto Comando, e que constitue

(6) — Nenhuma diferença ha nesse ponto para os regulamentos brasileiros que tratam do assunto. J. B. M.



(Fig. 1)

bem dizer um caso a parte, uma operação particular. Limitamo-nos por isso a assinalá-la e, apenas, a lembrar que é realizada por fôrças moveis que operam a distancia na frente da posição defensiva com a missão de iludir o inimigo e retardar seu avanço. (Fig. 1).

Os postos avançados — Cobrem a posição de perto, a cerca de 5 a 8 km. de distância e sua colocação atende ao seguinte :

- 1) — Tem por missão dar tempo aos ocupantes da posição de resistência para se prepararem para receber o ataque e iludir o inimigo a respeito da verdadeira situação desta;
- 2) — Cobrem as zonas dos observatórios para permitir a defesa ter vistas profundas sobre o *terreno do inimigo* e assegurar o emprego do fogo de artilharia por tiros observados;
- 3) — Forçam o atacante a um desdobramento prematura dos meios, denunciando assim onde exerce seu *esforço principal*, ou qual é *especificamente esse esforço*;
- 4) — Devem ser apoiados por escalões avançados de artilharia leve. Mas pode ser necessário, em virtude de razões

de terreno instalar os postos avançados a uma distância em que não possam ser apoiados por ela de sua posições normais. Nesse caso, serão avançadas algumas baterias que ocuparão posições atrás dêles. Aliás pode ser mesmo necessário dispor de alguma artilharia adiante, com a *cobertura movele* ou na zona de proteção que eles oferecem.

Os postos avançados, podem ser fornecidos pelos *elementos de reserva da posição* ou dos regimentos.

O combate nos postos avançados — Diremos apenas que deve ser encarado como ato de proteção local das unidades que os instalam.

A posição de resistência — O terreno escolhido para sua instalação é examinado destes cinco pontos de vista :

- 1) — Observação;
- 2) — Campos de tiro;
- 3) — Proteção e segredo;
- 4) — Obstáculos;
- 5) — Comunicações.

Aí estão cinco fatores ou razões de preferência a considerar na escolha do campo de batalha defensivo, as quais raramente poderão ser satisfeitos no mesmo grau. Ha necessidade de ponderá-los em cada situação específica.

Não se podem determinar regras gerais a esse respeito, mas podem-se fazer algumas indicações para orientar o critério a observar no exame desses fatores. Tais são :

- se as informações sobre o inimigo indicam que ele é forte em engenhos blindados, prepondera a importância do obstáculo (7).

(7) — Esta importância do obstáculo sem que desapareça, sem dúvida, parece diminuída se o defensor possue massa de artilharia auto propulsora bastante rica para formar barragens profundas e capazes de impedirem rapidamente o avanço dos carros em qualquer terreno, como parecem empregar os russos. J. B. M.

- se o inimigo tem supremacia aérea, o mais importante é o que entende com a *proteção e o segredo*;
- se a defesa deve ser de longa duração, as comunicações com a retaguarda merecem muita atenção;
- se se aguardam reforços de artilharia, as zonas de observatórios tornam-se muito importantes.

Estas e outras numerosas considerações devem ser computadas em cada caso particular.

Seja como fôr, a defesa gostaria de poder dispor de um terreno não compartmentado na sua frente.

Por que?

Aqui estão as razões:

- 1) — Os campos de tiro e observação seriam praticamente continuos através da frente;
- 2) — Os fogos de toda frente poderiam convergir sobre o atacante em qualquer ponto que surgisse, sem mudança dos observatórios;
- 3) — Seria facilitada a montagem de um sistema de fogos cruzados em flanqueamentos;
- 4) — O atacante teria de neutralizar uma frente relativamente larga.

Ao contrário, o atacante estimaria dispôr de um terreno compartmentado.

Por que?

Estes são os motivos:

- 1) — O ataque ficaria protegido contra o fogo das armas que não batesssem diretamente o compartimento;
- 2) — A observação, para a artilharia inimiga ficaria limitada pelos terrenos laterais às paredes do compartimento;
- 3) — A zona de fogo da defesa a neutralizar seria reduzida ao que interessa aos lençóis de fogo que batesssem o compartimento e a observação da artilharia a ele correspondente.

Na realidade, o que atrapalha, é que o terreno nunca realiza condições ideais para a *defesa* ou o ataque. Em regra se apresenta como se vê da figura 2.

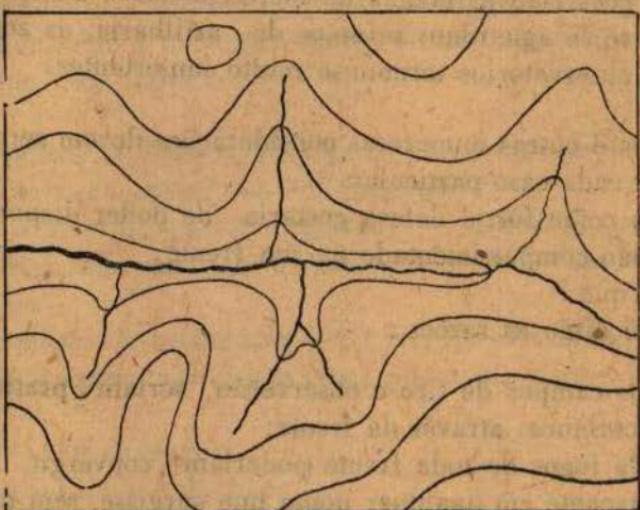


Fig 2

Para reduzir ao máximo essa falta de *terreno ideal* (8) temos sempre procurado instalar a defesa de modo a aproveitar as vantagens que oferecem os compartimentos transversais a direção de progressão do inimigo e a fugir às desvantagens dos corredores. Além disso, nossos batalhões e regimentos recebem zonas de ação, cuja amplitude varia com os predicados defensivos do terreno. Quer isto dizer, um trato de terreno que tem um bom comportamento (bom do ponto de vista do ataque) canalizando a progressão sobre a posição de resistência, será dado a um regimento com uma frente relativamente estreita, enquanto o terreno adjacente, sem importantes caminhamentos de acesso à posição se-lo-a a outro com muito mais larga frente.

(8) — No Rio G. do Sul, há largas zonas de terreno que realizam condições ideais para uma forte e econômica organização da defesa. Todos que tomaram parte nas manobras de 1940, podem ter sentido isto.— J. B. M.

A organização do terreno — No passado, isto é, antes da atual guerra, organizavamos o terreno como se vê do esquema da fig. 3.

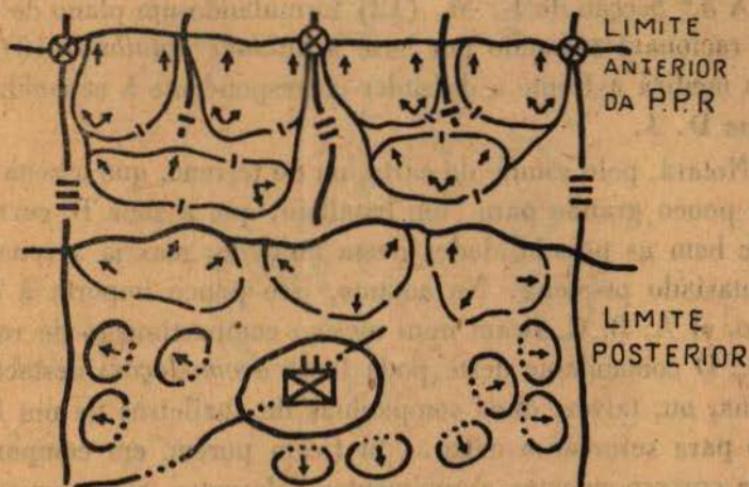


Fig. 3

Hoje, concebemos a causa um pouco diferentemente. Partimos não da organização mas do próprio terreno, para solucionar o problema (9). Estuda-se o terreno na carta e pelas fotografias aéreas (10) e, depois, por meio de reconhecimentos pessoais, escolhem-se as zonas que devem ser defendidas (11) a todo custo. Não se deve entender esta expressão à ligeira, mas em todo seu significado literal (a todo custo, mesmo): "as zonas chaves da defesa devem ser mantidas custe o que custar". Escolhidas estas, avaliamos a força de que necessitam para

(9) — Observe-se que em nossa doutrina brasileira, sempre, desde que a adotamos em forma sistemática, fez-se guerra às *soluções esquemáticas*. As questões eram solucionadas, tomando por base a análise dos fatores da decisão, entre os quais o terreno tinha uma importância despótica. Todavia, insensivelmente muitos espíritos mostraram sempre demasiado amor ou tendência aos esquemas, prova de pouco amor ao trabalho mental e vivo. — J. B. M.

(10) — É exatamente como se aconselhava, em nossa E. E. M. — J. B. M.

(11) — Aqui é que surgem as diferenças para o modo de proceder de antes desta guerra.

combater mesmo ultrapassadas, isoladas ou cercadas. Atribuindo-as, então, as unidades ensaiar-se proceder com o mínimo possível de perturbações para estas. Por exemplo:

A 3.^a Secção do E. M. (12) formulando um plano de defesa, racionará tomando por base a *unidade batalhão* (13), e assim medirá a frente a defender correspondente à capacidade de uma D. I.

Notará, pelo estudo da carta, ou do terreno, que a zona A, é um pouco grande para um batalhão; que a zona B, corresponde bem as possibilidades dessa unidade; mas já a zona C é demasiado pequena. No entanto, isso pouco importa à 3.^a secção, si A, B, C, ficam num mesmo compartimento de regimento. O comandante deste pode fazer *acomodações* destacando uma, ou, talvez, duas companhias de fuzileiros de um batalhão para reforçar o outro. Si ficam porém, em compartimentos correspondentes a regimentos diferentes, ela mesma, a 3.^a Secção, fará tirar meios de um para reforçar o outro regimento. (13).

Como se vê, tudo se reduz a tirar o maior partido do terreno tal como se apresenta (13) e não em, ao contrário, querer enquadrá-lo nos *esquemas da organização*. (13).

Vejamos o partido que se pode tirar deste modo de proceder. (Fig.) 4).

A figura 4 dá uma idéia precisa a respeito. Ái os pontos principais a notar, imediatamente, são:

1) — a forma em curva fechada das zonas de ação. Talvez nenhum outro ponto tenha tanta importância, exceto o que entende com a profundidade a dar às zonas defensivas. Em nossa velha concepção da defesa, esta tinha uma *característica linear*. Quando uma brecha era

(12) — A G-3, como dizem os americanos.

(13) — E' exatamente o que se recomendou ou ensinou sempre em nossas escolas. — J. M. B.

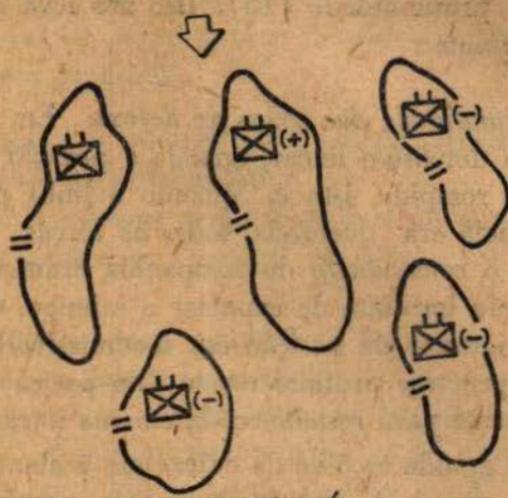


Fig. 4

aberta pelo *Schwerpunkt* germânico, processava-se uma ação de choques, a direita e a esquerda, para demolir os esteios da brecha e para crear hernias no interior da zona defendida. A progressão do ataque não tinha velocidade maior de 2 km por hora!

Agora, (ao *schwerpunkt*, segue-se o *aufrolen*, observamos nós) são os carros blindados, a artilharia de auto propulsão (14) a infantaria transportada em via-tura sblindadas, os canhões contra carros (14) etc.

Certamente, falavamos outrora em segurança circular, mas que partido tiravamos disto? A idéia prestou-nos serviços que agradecemos, mas hoje é preciso explorá-la melhor, mais a fundo.

Ha, pouco um batalhão de infantaria (ricamente dotado de meios) teve ordem de ocupar uma posição defensiva. Grosso modo, a posição tinha 10 (dez) me-

¹⁴⁾ — O reparo é construído sobre lagartas, não mais a peça de armão e canhão,

tros de profundidade (15)! Isto nos leva à consideração seguinte :

- 2) — *A profundidade das zonas de defesa.* Em nosso velho sistema defensivo linear, quando a posição de resistência era rompida, isto é, quando a linha principal de resistência era quebrada, todas as fôrças de que dispunha o comandante de companhia eram empenhadas na tarefa imediata de expulsar o inimigo, cuja presença no interior da posição era inadmissível! Si este lograva penetrar profundamente na posição, lutava-se tenazmente para restabelecê-la em sua integridade.

O grande escôlho da defesa era a abertura de uma brecha através da linha principal de resistência, e, quanto falassemos muito no fechamento desta brécha não estavamos honestamente organizados para fazê-lo!

Agora, porém, não só prevemos, mas esperamos essa penetração e nos habilitamos a reagir. Damos maior profundidade à posição e organizamos poderosos contra ataques sobre os flancos do adversário que a efetue.

Jamais nos devemos esquecer de que é-lhe possível, hoje, reunir meios bastantes para romper a posição num ponto dado.

- 3) — A defesa organizada em zonas limitadas por curvas fechadas deixa intervalos entre elas. Como defendê-los? Que dizer a esse respeito? Si tivermos efetivos superabundantes gostaremos de ocupar também esses intervalos, mas jamais o faremos com prejuízo da defesa das referidas zonas. Aliás, se tivermos essa riqueza de meios preferiremos atacar...

Na realidade nossos intervalos serão preenchidos com minas, patrulhas (elementos de defesa moveis)

(15) — All faced the front and the position was ten yards deep!

principalmente varrê-los-emos com fogos! Faremos delas zonas de morte para o inimigo que tente aproveitá-las para progredir.

Isto posto, que diremos sobre a organização de nossas zonas de defesa em curva fechada?

Diremos que devem poder fazer face ao inimigo em todas as direções e devem ser capazes de resistir ao ataque com arros.

Conseguiremos esses resultados por meio de um habil proveitamento do terreno, valorizado pelos obstáculos, minas e fogo contra carros. Colocaremos no seu interior nossas instalações vitais. E nos prepararemos, moral e materialmente, a combater até o último reduto, a *todo custo*.

O que há de mais importante a referir aqui é que nosso exército repousa nestas duas premissas:

- uma, é que tudo quanto precisa ser salvaguardado (P.C., artilharia etc.) deve ficar no interior das zonas de defesa, porque, como admitimos a penetração do inimigo no interior da posição, o que ficar fóra da zona fechada pode cair em suas mãos;
- outra, é que o plano de defesa destas zonas, e sua execução, deve visar a luta a *todo custo*, o que exige sejam os homens habituados a essa idéia. Outrora, julgava-se que eles *reagiam mal* ao ouvir ou perceber o fogo inimigo a sua retaguarda. (16). Tornou-se isto escolástico e todos acreditavam só poder combater eficientemente um inimigo colocado em frente. Si este alcançava a retaguarda tudo estava perdido!

Isto não pode mais ser assim!

O fim, a razão de ser, a *fôrça* da zona de defesa devem ser explicados aos homens e constituir uma doutrina entre eles.

(16) — Era um mal julgado se mremédio e sempre a evitar. — J. B. M.

Todos devem crer que, com uma organização *apropriada*, está em melhores condições que o inimigo que alcançou sua retaguarda. E' este inimigo que fica cercado, não eles mesmos!

A necessidade de manter a zona de defesa a todo custo deve ser incrustada na sua alma como uma crença profunda!

Mesmo a completa destruição de uma outra zona de defesa, a retaguarda, não deve alterar a convicção desta necessidade porque as outras *zonas seguintes* permitiram fechar a brecha atrás do inimigo, cortar seus reabastecimentos e impedir que lhe cheguem refôrços, destarte metendo-o num saco.

Conduta da defesa (17) Que mudou na técnica da conduta da defesa? Não podemos responder precisamente. Não há ainda experiência bastante. Diremos porém, alguma coisa sobre os respectivos *problemas*.

Habitualmente consideravamos os limites das zonas de ação na defensiva, no interior da posição, passando pelos bairros do terreno para não dividir as responsabilidades da defesa de uma bôa zona tática.

Na frente da posição, porém, fazíamos passar pelos altos porque aí nosso maior interesse era que o fogo da artilharia sobre os caminhamentos e possíveis zonas de reunião do atacante, não ficasse sob responsabilidades divididas. E agora? Talvez possamos encará-los do mesmo modo para as finalidades iniciais da batalha e deixar de lado esse modo de vêr para os acontecimentos ulteriores.

A noção e mesmo a denominação de *linha principal de resistência* perderam a razão de ser e podem sem inconveniente ser riscadas do quadro da defesa. Certamente, com o aumento da profundidade não será possível definí-la como a "frente da qual todos os elementos da defesa devem ser capazes de concentrar seu fogo para quebrar o ataque do inimigo". Talvez essa definição possa ser substituída pela noção de "linha limite do plano de fogo da artilharia" (18) (19).

(17) — Technique of control.

(18) — Planning fire for the artillery to use in making their fire plan.

(19) — Tal noção mesma seria muito relativa e não corresponderia a todas as espécies de fogos de todas as espécies de artilharia atualmente empregadas. A guerra evolue rapidamente. — J. B. M.

Concebemos sempre que a finalidade das barragens de fogo das metralhadoras, era formar zonas de fogos cruzados à frente da posição. (Fig. 5).

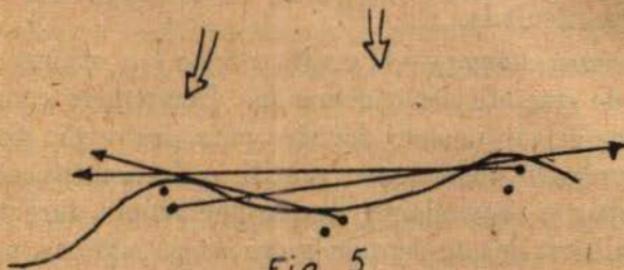


Fig. 5

Podemos agora encarar esse fogo como tendo por fim cobrir toda periferia das zonas de defesa. (Fig. 6).

A diferença essencial é que o fogo em vez de ser *lateral* tem de ser em *profundidade*, de frente.

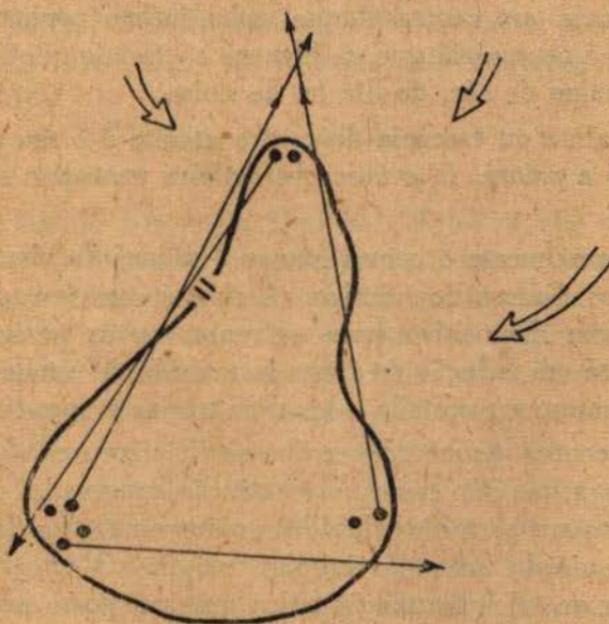


Fig. 6

Voltando a questão dos limites, assinalamos que gostaríamos de considerar definitiva sua significação atual, isto é, a "definir as zonas em que cabe aos comandantes das unida-

des vizinhas coordenar sua defesa". Seja como fôr, é fato que alguma coordenação deve ser estabelecida entre as zonas de defesa, para evitar que a situação se possa tornar completamente desarticulada.

O contra ataque — O contra ataque é o recurso mais de truidor de que dispõe o comando. Empregado com propriedade pode ser argumento decisivo para destruição do inimigo. Mal empregado pode causar sacrifício de homens, como por testemunhar o comandante alemão que reuniu durante a noite os seus batalhões, deante de numerosas armas inglesas, para vê-los dizimados ao rompêr do dia.

A maior vantagem do contra ataque está no conhecimento que os executantes tem do terreno em que o efetuam. Durante o dia isto tem enorme valor. A noite, as condições são difíceis de definir. Seja como for, não basta que o oficial de Estado que planeja um contra ataque tenha intimo conhecimento do terreno, é necessário que os homens e oficiais que o executam conheçam-no de cór, de dia ou de noite.

A alma ou essencia do contra ataque é o seu plano elaborado *a priori*. É a única verdadeira vantagem sobre o inimigo.

Normalmente o contra ataque é *planejado* visando incidir contra os flancos do inimigo. Assim, é este forçado a readjustar seu dispositivo para enfrentar novos perigos (o que importará em redução da força incumbida de romper) ou para evitar mesmo ser cortado e ter suas tropas avançadas cercadas.

O contra ataque requer que se lhe fixe um *objetivo limitado*, para que não tome uma extenção exagerada, o que se é nocivo e para permitir atingí-lo rapidamente afim de que possa ser organizado antes do inimigo reagir. O objetivo, porém, deve ser de tal importancia tática que sua posse impeça o inimigo de continuar a progredir antes de conquistá-lo.

O plano do contra ataque deve ser extremamente simples para minimizar o perigo de uma ocorrência eventual que trave sua engrenagem. Ao par disso, é preciso examinar todos os pormenores para execução, inclusive a marcação exata

circulação rigorosa (20) das estradas que levam a base de partida.

Ele requer ainda, para não falhar em seus propósitos, que todos os fogos coordenados e todas as forças necessárias empregadas para sua execução. Nunca se estará *a priori* de sua exata localização, por isso faz-se necessário estabelecer numerosos planos (todos completos) correspondentes às possíveis contingências, com os quais as tropas devem ser familiarizadas e bem assim com o respectivo terreno de execução. Um plano de contra ataque improvisado pode produzir mais prejuízos que benefícios.

Conclusão — Inúmeras questões afluem ao pensamento quando consideramos a técnica moderna do combate, cujas soluções ainda estão sendo formuladas no campo de batalha e continuarão a ser por algum tempo ainda. Incumbe-nos antevê-las, porém, e inteligentemente avaliar quais podem ser para que vidas não sejam sacrificadas pela poderosa força da rotina (21).

O estudo feito pelo Ten. Cel. Witehair que acabamos de recordar é um magnífico exemplo do processo de trabalho pelo qual os estados-maiores, reajustam constantemente a *doutrina*, ou, melhor, os *processos de combate* às realidades do campo de batalha. Mostram como aproveitar o melhor conhecimento dos efeitos do material, o emprego de materiais novos ou aperfeiçoados; a experiência dos exércitos aliados e, principalmente, as reações do inimigo. Não é por certo um trabalho exclusivo de meditação e requer ensaios e exercícios especiais em campos de experimentação ou de instrução.

Tem naturalmente por base, um tal processo, a *coleta* das observações, pareceres, julgamentos ou relatórios originários dos que combatem ou observam o combate no próprio campo em que os fatos se passam durante e depois dos acontecimentos,

(20) — Controle.

(21) — That lives may not be sacrificed to the great power of the status quo.

mas exige um estudo atento, grande poder de analise e grande habito de sinteses. O pessoal incumbido desses estudos, as elites intelectuais que povoam as *téroeiras secções* dos estados maiores ou formam os quadros de instrutores das escolas, habituados a essa especie de trabalho sabem discernir o joio do trigo, no amontoado de opiniões e impressões que se formam nos campos de batalha. São eles mais aptos a concluir que os próprios porque não se deixam dominar pelas fortes impressões que estes recebem sob a pressão dos acontecimentos a que eles mesmos dão vida.

Quando deparamos com estudo como esse do Ten. Cel. Witehair, e muitos outros analogos, que vão surgindo sobre o reajustamento da *doctrina de guerra*, sentimos imenso prazer em constatar quanto estava certa a rota que vinhamos trilhando na formação de nossa própria doctrina o que é facil verificar-se compulsando nossos regulamentos e os trabalhos de nossas principais escolas.

Na realidade, só supuseram que, em face dos acontecimentos, estava perdido todo esse trabalho, os que o não conheciam bem, ou os demasiado modestos.

Precisamos todos convencer-nos de que ter confiança em si é um elemento de força, quando essa confiança é efeito de um trabalho real, dedicado, perseverante e inteligente. O que os outros fazem não nos ensina. Serve para confirmar o que aprendemos, concluimos ou aplicamos por nós mesmos.



965

O ARCANJO S. MIGUEL

(29 de setembro)

Patrono dos Grandes Comandos e dos EE. MM.

Gen. SILVEIRA DE MELLO

"Quem como Deus?"

Os Anjos — 1.ª etapa da criação.

No começo dos tempos, antes do *fiat* das existências visíveis, quiz Deus constituir ûa milícia de seres espirituais para realização dos misteres que tinha em vista na obra maravilhosa da criação. Não que Deus precise de ministros para execução de seus designios. Mas foi seu intento, mesmo na ordem sobrenatural, ter em mãos instrumentos e meios adequados à formação e ao governo do mundo.

Antecipou assim, à obra dos 6 dias, numerosa grei de espíritos celestes, os anjos, dotados de dons de inteligência e de luzes que excedem à nossa compreensão.

Essas entidades superiores estão organizadas em graus e hierarquias, consoante aos destinos e às missões que hão de desempenhar no quadro das cogitações divinas. É assim que, das revelações trazidas ao conhecimento da Igreja, sabemos pela palavra de S. Jerônimo que os anjos constituem 3 grandes hierarquias e cada uma destas 3 ordens ou córos, formando legiões e legiões. A 1.ª hierarquia é a dos *serafins, querubins e tronos*, a 2.ª das *dominações, virtudes e potestades*, 3.ª corresponde aos *principados, arcanjos e anjos*.

Assim como os múltiplos dons de Deus revelam os arcanos de sua abedoria, assim, por esses 9 córos de espíritos celestes — de suma perfeição — manifesta o Senhor o seu poder e sua magestade.

A cada uma das hierarquias e córos se atribue uma ordem de funções nos planos da Providência, bem como a cada exército cabe ûa missão especial no quadro estratégico da guerra e a cada ramo da administração pública uma atividade particular no governo das nações.

Os *serafins*, inflamados de amor, ardem como sóis na presença de Deus: os *querubins* são fachos de luz, iluminados pela inteligência,

que comunicam aos demais córos os dons do entendimento e da ciéncia. Os *tronos* nimbam o subsólo do Altíssimo e formam o assento de seu trono. As *virtudes* são legiões de espíritos que sobrelevam as demais em força para as ações prodigiosas. As *potestades* refreiam por seu dinamismo a malícia dos demônios, assistem às causas secundárias e inferiores e impedem as ações dos agentes negativos contra a economia do universo. As *dominações* agem sobre os homens e acionam os anjos inferiores; os *principados* teem a missão de guardar e defender os países e os governos das nações.

Ainda que a designação de anjo seja comum a todos os graus da hierarquia, este nome cabe particularmente ao oitavo e nono córos de espíritos. De suas legiões partem os mensageiros celestes — que Deus envia para o trato dos negócios ordinários do mundo e, bem assim, os seus embaixadores — os Arcanjos, que comissiona para os assuntos de magnitude.

Os grandes Arcanjos.

O antigo e o novo Testamento e a história da Igreja contêm numerosas referências aos anjos e arcangels. Sete, porém, são os grandes espíritos que exercem junto a Deus as elevadas funções de Ministros. Ao lado deles estaria colocado Lúcifer, antes da queda original. Era provavelmente o maior, como veio a se tornar o principal do inferno. No conjunto das milícias angélicas, somente três daqueles sete grandes espíritos — qualificados de Arcanjos — conhece a Igreja por seus nomes particulares, o que lhes dá excepcional relevo entre as legiões celestes. Tais nomes recordam as atribuições ministeriais que lhes cabem e as virtudes que os caracterizam. Esses grandes príncipes são: *Gabriel*, *Rafael* e *Miguel*.

Gabriel (24 de Março) ou *Força de Deus* — reveste a força amorosa agindo nos planos da redenção. É o embaixador enviado ao profeta Daniel, a Zacarias e à Virgem Maria para anunciar a incarnação do Cristo.

Rafael (24 de outubro) significa *Medicina de Deus*, é a assistência compassiva do Pai celeste aos seus filhos fiéis, curando-lhes as doenças do corpo, afugentando os maus espíritos, protegendo os viajantes, promovendo os matrimônios felizes.

Miguel — é um brado de guerra — *Quem como Deus?* Representa o gládio do Altíssimo, a força coercitiva de sua onipotência e o veredicto de sua justiça. Venceu no céu os anjos rebeldes, precipitando-os no abismo, apenas tentaram sublevar-se. Por sua proeminente fidelidad Deus lhe conferiu o mandato de seu Primeiro Ministro e de Chefe da Milícias do céu — *Principis Militiae Anhelorum* —. Coube tambem a grande Arcanjo dirigir na terra a batalha contra os inimigos de Jesus Cristo e sua Igreja.



S. MICHAEL ARCANGELUS

Os dois estandartes e a rebeldia dos Anjos

Quando Deus creou os córpos angélicos e antes mesmo de outorgá-los as missões que lhes destinaria, quiz só entrassem na plenitude seus serviços e da eterna bemaventurança após ligeira prova súbita inesperada de fidelidade. Em um momento fugaz, ocultou-se, por assim dizer, às suas vistas e permitiu-lhes que se contemplassem como primícias do universo espiritual, no esplendor de suas belezas e exuberância de suas inteligências. Que deslumbramento! Os "côrulos luminosos" pareciam sóis. Lúcifer resplandecia de beleza e de encantos. Era uma fascinação o príncipe da luz — parecia um deus.

E num relance, rápido como o pensamento, a complacência — lajejoula do espírito — que havia de dourar um dia os frutos da árvore do bem e do mal, nimbou de volúpia aquele arcanjo magnífico. Anticipou-lhe também Deus o conhecimento do mundo visível porvindouro e a incarnação da segunda pessoa da S. S. Trindade. Repugnou ao Príncipe da Luz esse abaixamento da divindade. E, como, sendo puro espírito, teria de render preito à mulher — de linhagem humana — genitora do Verbo? Cioso do seu encantamento, ao em vez do *Gloria in excelsis Deo*, exclamou ensimesmado:

— *Non serviam!* — não servirei! Levantarei meu trono, serei igual ao Eterno. Adorai-me filhos da luz!

E legiões e legiões, deslumbradas do fascínio daquela pseudomagestade, enunciaram sua preferência:

— Queremos que Lúcifer reine sobre nós.

Esse evento passou-se tão célere como o irromper de uma idéia. E então, tal qual um cataclisma universal, fremiram os céus dos céus. Um gládio flamejante coruscou no infinito, semelhante a um relâmpago. É Miguel, capitaneando o grosso das milícias Angélicas. Estrégiaram as tubas eternas...

O Arcanjo fiel, fulminante e precipite como o raio, tomou o passo, hostes rebeladas e fez estremecer os espaços dos mundos increadíveis. Tom seu ingente brado de fidelidade:

— *Quis sicut Deus?* — Quem como Deus?

Aqueles insólitos sóis magnificentes escureceram-se de pronto. Golpeados pela força divina das legiões de Miguel, foram arremegados em torvelinhos, nas trevas inferiores, não mais como estrelas cintilantes, mas como carvões fumígenos, abrazando-se *ab aeterno* no fogo, desespero e na dor. “Vi Satan como um corisco se despenhar do céu”

E assim foi criado o Inferno, fruto da infidelidade.

A complacência gerou a soberba e está a sobranceiria, de que surtou o *non serviam!* não servirei, princípio das dissidências e da rebeldia.

Mísica criatura, apenas saída do *fiat*, imaginou ombrear com o Eterno. Foi esse também, no mundo visível, o ouropel de que se serviu o príncipe das trevas para dourar o fruto da desobediência com que tentou um dia a primeira mulher. Assim sobreveio o pecado e a morte à espécie humana.

Miguel, naquelas conjunturas, foi o arauto, o baluarte da fidelidade. As legiões que o seguiram — dois terços do conjunto — tiveram também como élle o seu quinhão de prova. Foi aquele eclipse momentâneo em que a magestade de Deus, encobrindo a própria face, patenteou a todas as milícias celestes a visão esplêndida de suas existências e a livre expansão de suas idéias.

Miguel, no entanto, remirando-se a si mesmo, não se maravilhou de sua pujança, nem se surpreendeu da magnificência espetacular do "príncipe da luz". Seu pensamento remontou do nada ao ser:

— De onde saímos? Belos e fortes, fascinantes como óra somos, ainda ontem éramos nada. Ao nosso lado e além pelo infinito a fóra nenhum outro ser existe. Somos as primícias do mundo. Mas tivemos começo como alfas de uma geração. Fomos criados. Este princípio de existência procede de uma causa primeira, de uma inteligência infinita, de uma força onipotente. Esse ente é um só, absoluto, eterno. É o Rei e Senhor. A élle, pois, a Magestade e a Glória.

Enquanto os pensamentos de Lúcifer e seus comparsas se inflavam de complacência, o raciocínio pronto e inofismável de Miguel sublimava-se nas maravilhas da criação e no ascendente inconfundível do Creador.

— Quem como Deus?

Ao reboar desse brado, que precipitou no inferno o príncipe rebelde, eis que se iluminou de esplendor o trono do altíssimo. E Miguel e seus nove círculos de Anjos cantaram pela primeira vez:

“— *Sanctus, Sanctus, Sanctus Dominus Deus Sabaoth.* Honra e louvor ao nosso Deus que está assentado sobre o trono e ao Cordeiro,” que ha de vir.

E as legiões repetiram:

— “Amen. Louvor, glória, sabedoria e ação de graças, honra, poder e fortaleza ao nosso Deus pelos séculos dos séculos”. (Apoc. 1, 10-12).

Esse o 1.º Capítulo da criação. Uma vibração de amor... Uma closão de seres para a eterna ventura. Ato contínuo, eclipse... um úbito estonteamento... um lusco-fusco... Está em jôgo o destino dos Anjos... Realiza-se a primeira manifestação da liberdade, visão e caleidoscópio... fascinação... egocentrismo... Desgovernam-se os sistemas. E miríades de astros apagados desgarram-se como bolidos nas revas inferiores.

Produziu-se, assim, o distúrbio inaudito dos entes invisíveis, a inversão da lei da liberdade. Daí procedeu a desordem ao mundo visível.

Concomitantemente, porém, e sobreparando à perfidia original, explende, como lídima expressão do livre arbítrio, num concerto altissônante, a epopéia da fidelidade.

O misterio do mal.

Deus é a sabedoria increada, a perfeição infinita. Trino nas pessoas é uno na essência.¹¹ Para marcar com um termo a compreensão de nossa mente escassa, dizemos que Deus é a expressão absoluta do belo, do Bem e da Verdade. E para sublimar o que há de indefinível no encanto e na graça e na suavidade em Deus, somente uma palavra coube na linguagem humana — Deus é a Caridade, a essência de Deus é o Amor!

Na geração, pois, dos seres e dos mundos, o *fiat* creador é uma carícia do pensamento de Deus. A criação é uma afirmação do seu Amor infinito. Em toda obra creada por suas mãos resplandece o Amor e a Perfeição.

Como, pois, compreender que já na criação dos primeiros seres — os mais perfeitos — gerados do nada pela sabedoria do Eterno, antes mesmo que houvesse miragens e pensamentos vacilantes, como compreender que nesse 1.º capítulo da criação, uma idéia tórrua desgarasse da verdade e uma nódoa tingisse a limpidez dos céus?

Impossível à humana fragilidade prescrutar os eternos designios do Altíssimo. Deus é Caridade. Não se ilude, não engana. Procede com Amor, pelo Amor impera. Fóra do Amor não existe em Deus nem fóra de Deus qualquer existência ou força construtiva. Quando, pois, desferiu Deus, pelo braço de Miguel, a condenação eterna contra o princípio rebelde, não procedeu do ódio e da vingança, fê-lo pela justiça, que é o princípio da caridade e da ordem, de onde explende a paz.

Mas também Deus é a eterna Sabedoria. Assim como contempla sem véus o passado e o presente, também vê clarissimamente o porvir em todas as minúcias. Tudo lhe é presente. Nada do que foi e do que é, nada do que jaz nos arcanos do futuro, nada é feito sem Deus, sem a plenitude de sua vontade.

E como permitir Deus o mal sendo Deus o Amor? E como não removeu Deus o mal sabendo de sua aparição e dos danos de que viria prenhe? Não seria melhor, conforme a essência de Deus e a ordem maravilhosa do universo, que inexsistisse o mal, laboratório eterno do tédio, da dor, do ódio, fator da inquietude humana e de maldição eterna?

Tentativa inutil romper os mistérios que Deus tem encoberto à fragilidade humana. O homem estulto, que ensáia esses vôos inúteis do

pensamento, lembra a a ventura de Prometeu, porfiando arrebatar fogo do céu, ou a ascenção de Icaro de asas posticás coladas às espaldas.

Nos aspectos de sua bondade, como nos sinais de sua justiça, Deus tem em vista somente a caridade. Sem ela se nos torna incompreensível a condenação eterna dos anjos, a queda de nossos primeiros pais, a transmissão do pecado original à espécie humana, a danação de Judas, tornado apóstolo por escolha de Jesus, a defecção de santos após anos e anos de perseverança, a disparidade na repartição de dons de inteligência e de situações na vida.

Não obstante justo, porque é perfeito, Deus não teve a justiça por princípio e, sim, a caridade, que é atributo essencial de sua divindade. Assim sendo, Deus não quiz o mal e não pôde propiciá-lo. Creando, porém, seres inteligentes, quiz distingui-los das forças cegas do universo. Houve por bem torná-los participantes de suas perfeições e da perpétua bemaventurança. À fruição dessa eterna delícia, convinha, para florão e júbilo dos eleitos, fosse admitida, a título de escolha, por uma formal, solene afirmação. Para os anjos, consistia em reconhecer a mão que os creára; para os nossos primeiros pais, em abster-se do fruto da contradição, isto é da árvore da ciência do bem e do mal.

A essa prova de submissão legítima e razoável, corresponderia um prêmio sem limites e uma glória sempiterna. Nisso se funda o mérito real condição eficiente do êxito, estímulo do bem. Essa afirmação da vontade é que dá asas ao espírito no encarar e vencer as provas de prioridade que se deparam na conquista das posições. Assim foi com os Anjos. Sendo espíritos puros e lídimas inteligências, certo constituiu injúria infinita a simples volição de um pensamento de diminuição ou de preterição ao Deus eterno. E por tão abstrusa idéia — simplista e anódina, na aparência humana — primeira e única entre os primeiros seres — creou-se um abismo de perpétua maldição, efeito paradoxal da eterna Caridade.

Os primeiros homens, no entanto, foram mais longe. Passaram do pensamento à ação. Recebendo o preceito de obediência, tiveram a consciência do delito. Tentados pelo diabo, vacilaram entre as duas pontas do eterno dilema do bem e do mal. Venceu-os a curiosidade e a concupiscência. Pecaram por pensamento na livre escolha dos motivos e, por isso, na sua realização. Grandes pecados de estultice e de ingratidão. Mas por essa enorme culpa não foram submersos inexoravelmente no inferno como os anjos. Decaídos de filiação divina e legando o estigma aos descendentes, houveram de curtir na dor, na penitência e na morte, o resgate da culpa, como perpétua prova de reconhecimento e de submissão ao Deus Eterno.

A predestinação e a graça.

Não existe nem há em Deus, como por erro muitos escogitam, uma idéia de escolha ou predestinação de seres para a desgraça e para a ruína. Os máus, os perversos, os fascinoras, os réprobos, não foram prepostos formalmente para suplício dos bons e para a condenação eterna. Os dons de inteligência, a graça de Deus, multiforme e ativa; a consciência dos fatos, a prioridade dos caminhos, por mais turbados que sejam as circunstâncias e o meio, sempre luzem ao espírito na apreciação das idéias e dos átos.

Não sendo assim, como exaltar o mérito e inculpar as inexações. Nem tão pouco Deus faz preterição de pessoas e de raças, de latitudes e de tempos na distribuição dos talentos. Todos os entes criados são obras de suas mãos. Ele nada fez sem destino eletivo para sua glória. Tanto assim que aos seres racionais infundira um espírito — a alma — à imagem sua, para que os atrativos da semelhança — vínculos de amor, não pudessem romper a força de afinidade e sujeição filial que impelem a criatura para o Creador.

A graça cabe a todos. A todos vale o mérito. Como repartir aquela e qual a medida d'este, não o alcança a nossa fragil apreciação.

A uns — povos e indivíduos — dá o nosso Deus graças de tal gênero, tendo em vista as circunstâncias, a outros os dá de outra espécie e sob outros aspectos, a todos, porém, reparte no começo e no curso dos anos as mercês de que carecem e a que fazem jus, por via de penas e de afagos, conforme se dispõem e procedem. É o que ensina S. Paulo da repartição dos dons (Cor. 12). Por outro lado, a uns, Deus se manifesta quase face a face, a outros parece encobrir-se. A uns atende diretamente, fala-lhes, instrue-os, como procedeu com Moisés e Elias. A outros golpeia amorosamente como a S. Paulo. Com estes procede por via indireta, manda-lhes enviados, disposições especiais, chama-mentos, livros, advertências, correções, ameaças, doenças, cataclismos, etc... Quantos povos ainda vivem longe da fé! Longe da fé, mas, não privados da graça. Esta cônse, mas não é captada. Por quê? Ou porque faliram os enviados ou por que foram repelidos ou não os buscaram quando se lhes oferecia ocasião.

No julgamento de todos, porém, serão relembradas as circunstâncias e as situações peculiares e particulares de cada um. Na balança de Deus entram os imponderáveis, os efeitos extrínsecos e as causas remotas. De tal sorte procede a justiça de Deus que sua divina paternalidade não deixa escapar um simples copo d'água, uma lágrima, uma carícia, um pensamento amorável. Todavia, aos que jazem alheios à fé aos pobres, aos infelizes, aos extraaviados da verdade, aos oprimidos suas más ações aparentes são ainda atenuadas nos juizos eternos pela cruzes, as penitências, as renúncias, as préces, os martírios de amor d

milhões de almas anônimas, que lhe são consagradas, as quais não contentes de se darem totalmente a Deus, ainda se querem dar aos que vivem na idolatria, no érro, no transvio, longe de Deus, ou contra Deus.

Eis aí, em linguagem terrena e mesquinha, uma réstea de verdade em relação ao problema obscuro — a predestinação e a graça — em que se debateu inutilmente o pensamento luminoso e arguto de Sto. Agostinho. Na impossibilidade de ascender aos mistérios diyinos, sentencia eximamente S. Tomaz no Tantum ergo: “à fraqueza dos sentidos sirva a fé de suplemento”.

“Justo sois vós, Senhor, e retos são os vossos juízos”, disse-o o rei Profeta, que conheceu os transes da fidelidade e do pecado. E Santa Tereza, mestra de perfeição, prescrutando um dia a aparente disparidade de graças que recebia, em relação a muitas almas que julgava melhores, foi-lhe respondido pelo Senhor: “Serve-me tu a mim e não te envolvas nisso que não entendas”.

Deus é sumamente bom, é pai e amigo. Ninguem se deixe enganar pelas razões do diabo. Este é o embusteiro-mór, o agente solerte da mentira. A falta de resposta às arguições de nossa curosidade, no desvendar dos mistérios que transcendem à inteligência, não deve criar obstáculos de insubmissão aos cânones da Fé. Foi o próprio Deus que nos revelou e a sua Igreja o ensina: *o de que carecemos para a salvação* — e é simples e bem pouco — *unum necessarium* — está ao alcance de todos. Cada um terá que se haver só, isoladamente, no dia das contas. Embora aos interesse o bem de todos, sómente conhecemos do que nos vai um palmo adiante do nariz. Cuide, pois, cada um de regular bem suas ações diante de Deus. Não teremos que responder pelo que ignoramos, nem seremos arguidos do que não nos cabe.

— :: —

Fatalismo, liberdade, livre-exame.

A dubiedade e o erro em que incidiram os anjos decaídos não vieram, como vimos, de fatores inexoráveis de um fatalismo preexistente. A um tal determinismo cego não correspondem os designios admiráveis da Providência. Resultaram, ao revés do exercício infeliz do “livro arbitrio” sem as considerações de causa e fim. O livre exame como o exercício da liberdade, há de obedecer às diretrizes reguladas por Deus — a eterna sabedoria — na economia geral da criação, como acontece nas leis de equilíbrio universal. Orientados nesse sentido pelo Pai das luzes, todos os esforços levam à verdade. Os seres racionais pois, abandonados a si mesmos, sem submissão à regras da Fé, correm o risco inevitável de desgarrar-se ao sabor dos caprichos do egoísmo disfarçado pela vangloria ou pelos pruridos do zelo.

Da falsa apreciação das coisas resultam as desordens do mundo moral, bem como, da violação das leis cosmológicas, os distúrbios de toda espécie.

A liberdade foi outorgada aos sérres racionais para escolha dos meios ao serviço do bem e da verdade. Esses meios dependerão sempre das circunstâncias, da capacidade, das luzes, dos pendores de cada ser, como sóe aconfercer com as vocações.

Ao livre arbítrio não cabem as considerações negativas que invertem o destino legitimo dos sérres.

A distinção do bem e do mal está feita a priori. Eleger o mal ou o erro em lugar do bem ou da verdade é subverter a ordem natural das coisas. Pode acontecer, no entanto, que as circunstâncias impeçam ao homem a exata apreciação do que é justo e dos meios de segui-lo. Vale então ao homem, neste caso, o emprego da reta intenção e dos esforços para discernir o que de melhor se afigura em concordância com a lei natural. A ordem universal resulta da ação combinada de forças de equilíbrio tanto no que regula o mundo físico quanto ao que rege o mundo moral. Não foram poucos os espíritos pagãos, com simples luzes da inteligência, que atilaram com o magno problema da liberdade, enquadrando-a dentro da ordem das coisas. É o que recomenda S. Paulo na apreciação das idéias: "examinai tudo e escolhei o que é bom".

Para o homem, pois, não cabe escolher outro objeto. Apresenta-se um e único. Toca-lhe buscá-lo, orientar-se nesse bom sentido e porfiar com todas as possibilidades de que dispõe em atingí-lo. Deus é a perfeição. Nele está o belo, a verdade e o bem — suprema aspiração do pensamento. Quem busca êsses ideais encontra Deus.

A liberdade foi dada como instrumento de mérito, para guindar as inteligências aos vários gráus de perfeição e à felicidade. No princípio, para os anjos e para os nossos páis primevos, foi outorgada também como prova. Os resultados negativos deste ensaio aí estão na quédia dos anjos e no pecado original. Para escarmento da descendência humana ficaram impressos em letras de fogo e de lágrimas essas primeiras claudicações. E como não bastasse o conhecimento do castigo original, a experiência das gerações e os desenganos de cada um em particular estão a conclamar que o mundo moral e o mundo físico, tanto no geral como no particular, se regem por leis eternas de ordem e de harmonia. Rompida qualquer linha desse admirável sistema, reage de pronto as suas forças imanentes, como procedem os micro-organismos na recomposição dos tecidos dilacerados. À restauração, porém, não se processa sem as violências e reações que testemunham os estigma resultantes.

Fidelidade e disciplina.

Vem a pélo recordar que a liberdade constitue, para cada ser pensante, uma esfera de atividades, que deve coexistir com as dos demais seres em recíproca harmonia, nos limites da ordem universal.

Quando o soldado presta compromissos à Pátria, renuncia uma porção da liberdade e do livre exame que a justo título lhe cabiam. Assim procede o clérigo com os votos religiosos. Essa limitação do livre arbítrio se processa em função de um bem maior na ordem social e coletiva. O soldado, como o religioso, entra para um sistema em que os círculos da atividade individual se restringem voluntariamente para assegurar mais solidez e eficiência ao conjunto, visto que as forças manejadas pelos comandos devem agir totalizadas, articuladas, com presteza e vigor. Este gênero de sujeição mais estreito e rigoroso, porém normativo e preciso, é que se chama disciplina. É uma forma de obediência que prende entre si todos os êlos do sistema, desde os elementos inferiores aos mais elevados e destes àqueles nos quadros da hierarquia. Mandam os chefes aos subordinados. Aqueles e estes obedecem aos estatutos e regulamentos. Aos chefes ordenam os governos segundo os ditames das leis. Superiores e subordinados se hão de reger pelas leis eternas de Deus.

Os motivos de unidade e de força que a disciplina realiza nas corporações armadas são no entanto condicionados por seu destino único, a razão própria dessas corporações.

As fôrças armadas são os órgãos de segurança e de defesa das nações. Sua missão é elevada e digna. São agentes executivos do poder do Estado e atuam no sentido de assegurar-lhe o exercício do governo, a solidez das instituições, o prestígio das leis, a integridade e soberania da nação. Assim como não cabe ao soldado a critica das ações do Comando, que seria a negação da disciplina, assim também não cabe às fôrças armadas a intromissão nas gestões políticas — que seria a subversão das funções do Estado. Mesmo nos casos delicados de graves cisões da opinião política, provocadas por correntes partidárias exaltadas ou nas manifestações contra o poder, justas embora na aparência, mas sempre danosas à ordem e ruinosas pelo exemplo, não cabe às fôrças armadas pronunciar-se ou fazer causa com êste ou com aquele partido e, pior ainda, contra o poder do Estado. E é por isso que as fôrças armadas nunca devem arvorar-se em joguete da opinião pública, dos partidos, ou em arrimo de dissídios e revoluções.

As fôrças armadas costumam ser solicitadas para tais átos porque sem elas os agitadores não poderão realizar o tecido de suas maquinações. Para se cobrirem desses precalços e ardís, cumpre rigorosamente às fôrças armadas permanecerem nos quadros de sua missão dignificante e construtora. Cumpre-lhes agir coësas, não se cindir nem correr ao

apêlo desta ou daquela ideologia política ou facciosa. Desmentiriam assim o seu destino, aviltariam o senso da autoridade e desprestigiariam a idéia do poder de que são agente executivo e sustentáculo.

Eis por que se deve incutir no espírito dos homens de farda a sadia convicção e o honroso sentido de seus deveres, afim de que a estrutura das corporações militares seja plasmada com o vigor e a unção desta palavra sacramental:

A missão das fôrças armadas não está na contramarcha e no récuo para onde se esgueira o derrotismo. Tão pouco não está nas vacilações e variações à direita e à esquerda à mercê de ideologias e partidos. Seu sentido positivo e único — está na frente — onde o Dever e a honra militar se encontram.

O religioso que viola ou discrepa do superior — renega os votos. Bem assim o soldado ou a milícia. Quando rompem os laços da disciplina ou se insurgem contra o poder, abrem brecha à desordem e à ruina do Estado.

Lúcifer, em escala elevada, violando a fidelidade a Deus e cindindo as milícias eternas, abriu o abismo em que se precipitou com seus satélites. Miguel, em contraposição, permanecendo fiel, sublimou o prestígio das leis morais e o princípio basilar da autoridade.



Referências a aparições de S. Miguel.

O antigo e o novo Testamento contêm numerosas referências das ações heróicas do Arcanjo S. Miguel.

O profeta Daniel, depois de prolongado jejum e penitência pela libertação de seu povo, teve uma magnifica aparição do Arcanjo Gabriel, que era o seu anjo inspirador — e este lhe revelou importantes acontecimentos históricos (Dan. Cap. 10-12) :

“Eu vim por causa de teus rogos”. Porém, o príncipe (anjo guardião) do reino dos persas me resistiu por 21 dias; e eis que veio em meu auxílio *Miguel*, um dos primeiros príncipes, e eu fiquei lá junto ao rei dos persas”...

“Eu te anunciarrei presentemente o que está expresso na escritura da verdade; e em todas estas coisas ninguém me ajuda, senão *Miguel*, que é o vosso Príncipe”...

“Naquele tempo se levantará o grande *Príncipe Miguel* que é o protetor dos filhos do teu povo”.

Crê-se que foi S. Miguel o anjo que apareceu a Josué, à entrada da Palestina, em figura de guerrilheiro armado, oferecendo-se-lhe para a conquista do país. “Quem és”? perguntou-lhe Josué — “Sou o príncipe dos Exércitos do Senhor”.

Conta-se também que S. Miguel falou um dia a Gedeão, movendo-o a libertar o povo de servidão dos madianitas.

S. João, no Apocalipse, Cap. 12, prefigura no céu, no começo dos tempos, a aparição da extraordinária mulher que daria à luz o rei de todas as nações e o dragão que lhe intentaria devorar o filho:

"Houve então uma grande batalha no céu. Miguel e seus anjos combatiam contra o dragão e este pelejava com os seus anjos. Mas estes não puderam prevalecer, nem o seu lugar se achou mais no céu. E o grande dragão, antiga serpente, chamado Diabo ou Satanaz, que engana todo o mundo, foi precipitado na terra e os seus anjos atirados com ele".

S. Judas Tadeu recorda, no v. 9 de sua Epístola, que S. Miguel impediou ao diabo de revelar aos israelitas o sepulcro de Moisés, o qual, pela grande estima em que era tido, poderia tornar-se objeto de idolatria. E assim ficou para sempre ignorado o lugar do túmulo do grande legislador, amigo de Deus.

Diversas aparições de S. Miguel e várias ocorrências de seu nome vêm narradas no correr dos séculos cristãos.

Atribue-se ao grande Arcanjo, como vexilário do Rei dos Exércitos, haver desvendado a Constantino o lábaro no céu — *in hoc signo vinces* — como penhor da vitória contra a tirania, representada na pessoa de Maxêncio. Carlos Magno proclamou-o Patrono das Gálias, pelo que desde o começo veio a ser reverenciado na França, especialmente na basílica do Monte S. Miguel, onde se estabeleceu a Ordem Militar de seu nome. Cita-se ainda sua presença em pessoa, no Monte Gárgano, em favor dos habitantes cristãos dessa localidade contra o ataque de uma população vizinha pagã. Outro não foi senão ele quem armou o braço vitorioso dos soldados e marujos cristãos, em Poitiers e Lepanto, para destroçar os sarracenos em tremendas batalhas.

O Papa S. Gregório Magno promoveu grandes litanias na irrupção da terrível peste que assolou Roma. O Pontífice estando no Castelo outrora consagrado a Adriano, rezava um dia com grande fervor pelo povo e viu o Arcanjo que repunha um gládio na bainha. Compreendeu o Papa que suas preces foram atendidas e fundou nesse local uma Igreja em honra a S. Miguel que mais tarde foi dedicada ao Arcanjo pelo Papa Benifácio III e é conhecida até o dia de hoje com o nome de Castelo de Santo Ângelo.



Veneração universal ao excelso Arcanjo.

No entender dos teólogos e dos Padres, S. Miguel — Ministro do Altíssimo — é o introdutor no céu das almas dos justos. Em sua qualidade de Chefe das Milícias angélicas, é o protetor titulado da Igreja, o defensor da Fé, o Guardião das nações católicas. Eis por que des-

fruta o Arcanjo de uma especial veneração e aprêço dos fiéis sobre todos os anjos. Consagrhou-lhe a Igreja um dia próprio, missa e ofício votivos. Nas orações que encerram o santo sacrifício da missa, os fiéis repetem com o sacerdote a belíssima invocação: "S. Miguel Arcanjo, defendei-nos no combate, sede nossa guarda contra a malícia e as ciladas do demônio..."

Tal é o sentir da Igreja desde os primeiros séculos, reafirmando a confiança nos méritos do Arcanjo que já lhe asseguravam os aráutros da antiga lei.

Tão grande foi a devoção que lhe consagraram os fieis nos primeiros tempos que a Igreja intervôio contra os exageros conducentes à superstição e à idolatria.

Sto. Anselmo, Bispo de Cantuária, no século XI, compendiou em uma belíssima oração as invocações que a piedade dos fieis vinha formulando ao grande Arcanjo desde a implantação da Igreja na Inglaterra. Do exórdio dessa bela oração consta o seguinte: "S. Miguel, Arcanjo de Deus, Chefe da milícia celeste, altíssimo preposto do paraíso eterno, valei-me e defendei-me com o vosso patrocínio das tramas de todos os meus inimigos visíveis e invisíveis".

Não admira, pois, que também os Santos tivessem grande estima pelo ínclito Arcanjo. S. Francisco de Assis, o Santo seráfico, que fôra soldado nos começos de sua vocação e que gosara de luzes sobrenaturais surpreendentes, votava a S. Miguel uma devoção toda especial. Das sete quarentenas de jejuns que realizava cada ano, consagrava uma delas em preparação para a festa do Arcanjo (29 de setembro). Foi exatamente na penúltima dessas quarentenas de sua vida, a 17 de setembro de 1224, que o Poverelo recebeu do próprio Cristo, no Alverne, a impressão de suas chagas.

S. Miguel é muito venerado pela igreja russa e seu nome figura nas genealogias reais e de famílias ilustres desse povo.

É muito espalhada em nosso país o culto de S. Miguel em favor das almas do purgatório. Numerosas são as igrejas, oratórios e altares dedicados ao Arcanjo, sob a invocação de S. Miguel das Almas.

O nome do Arcanjo, no Brasil, ficou cinzelado na história e nos vestígios locais dos Sete Povos das Missões, no R. G. do Sul. Até hoje os itinerantes podem contemplar as ruinas da vila de S. Miguel, capital daqueles Povos. Os muros carcomidos da magnífica basílica, outrora ali construída em honra do grande Arcanjo, subsistem ainda, como protestos mudos contra a iníqua expulsão de seus autores. Esses restos de arrojada arquitetura para aquelas regiões selvícolas, testemunham a inominável violência que o governo da metrópole, por capricho sectário, infligiu àquela incipiente mas promissora civilização gentílica. É um dos capítulos mais sombrios da história da América e um dos maiores atentados à civilização do novo mundo.



As ruínas do Tempo de S. Miguel — em Missões

—::—

Iconografia do Arcanjo.

S. Miguel é figurado em magníficas telas e baixos relevos da Idade Média, apresentando-se à entrada do Paraíso com uma balança na mão em atitude de pesar as almas que saem deste mundo. Noutras pinturas vê-se o Anjo recuperando duas almas que Satanaz porfiava em levar para o abismo.

S. Miguel aparece também em mosaicos antigos na figura de um soberbo guerreiro revestido de couraça empunhando o gládio flamejante. Diversas variantes dessa atitude ilustram o mundo iconográfico e artístico, desde os primeiros séculos da Igreja até os nossos dias, reproduzidas em gravuras, telas, medalhões, vitrais, estátuas e monumentos.

As figuras mais apreciadas de S. Miguel, especialmente pelos militares, são aquelas em que o Arcanjo revestido de armadura e capacete resplandecentes, golpeia a seus pés, com lança de ouro ou espada flamejante, Lúcifer vencido, sob a forma de um dragão.

Julga-se que Rafael inspirou-se na visão do Inferno de Dante (Canto XXIII), quando compôs o magnífico quadro de S. Miguel. O Arcanjo aparece no ar, sustido pela agilidade de suas asas, de capacete e armadura, protegido no braço esquerdo por um escudo blasonado. Com elegante nobreza e aspecto triunfante descarregava sua espada flamejante sobre o dragão caído a seus pés.

Ordens militares de S. Miguel.

Por suas qualidades marciáis e sua missão tutelar na defesa da Igreja e das nações cristãs, fundaram-se diversas ordens militares sob o nome e o patrocínio de S. Miguel.

Na França em 1469, com a divisa — *Immensi tremor oceani*, a condecoração consistia numa cruz de ouro de 4 braços e 8 pontas esmaltações de branco, bordados a ouro, com flores de liz douradas nos ângulos. S. Miguel figurava ao centro em um medalhão oval.

Na Baviera foi instituída em 1693 uma ordem equestre de S. Miguel para sustentar a fé católica e defender a Pátria. A condecoração era de forma idêntica à anterior e tinha por divisa as letras P-F, correspondentes às palavras *Pietas, Perseverantia, Fidélitas, Fortitudo*, virtudes cardinais da ordem. No escudo do Arcanjo lê-se: *Quis est Deus?*

O verso da venera contém a palavra: *Virtuti*.

Na Inglaterra, em 1817, foi instituída a Ordem de S. Miguel por motivo da anexação de Malta e das ilhas Ionianas à corôa britânica. Destina-se a premiar as ações de bravura e de mérito. Não admite senão os nascidos naquelas ilhas ou que hajam exercido, nelas ou na esquadra do Mediterrâneo, funções elevadas.

A condecoração é semelhante às demais tendo por divisa: *Auspicium melioris aevi*, esperança de uma era melhor.

O insigne rei d. Afonso Henrique, de Portugal, fundador da corôa lusitana, criou, em 1711, a Ordem Militar da Aguiia de S. Miguel. Finalmente, Fernando de Aragão, rei de Nápoles, fundou a Ordem da Ermida de S. Miguel em 1463.

O nome do ínclito Arcanjo também aparece nas genealogias reais e na linhagem de famílias ilustres. Oito imperadores do Oriente e muitos Príncipes de várias cortes européias adotaram o seu nome. Entre essas dinastias figura a casa de Bragança, de onde veio o nome de Miguel à lista dos nomes dos dois imperadores do Brasil.

Nenhum, porém, deu mais lustre e honra à onomástica do insigne Arcanjo que o gênio multiforme e brilhante de Miguel Ângelo.



Diversidades de caractéres — divergências nas ações.

Dissémos que a liberdade foi outorgada aos seres racionais como fator de mérito para a conquista da bemaventurança que Deus lhes assegura. A liberdade legítima porém, age no sentido do bem e da verdade, tanto na ordem temporal como sobrenatural. Usar dela a capricho das inclinações naturais, é subverter o ritmo da beleza e da ordem que preside ao concerto universal. Valer-se-a o homem de su-



As ruínas do Templo de S. Miguel — em Missões

—::—

Iconografia do Arcanjo.

S. Miguel é figurado em magníficas telas e baixos relevos da Idade Média, apresentando-se à entrada do Paraíso com uma balança na mão em atitude de pesar as almas que saem deste mundo. Noutras pinturas vê-se o Anjo recuperando duas almas que Satanaz porfiava em levar para o abismo.

S. Miguel aparece também em mosaicos antigos na figura de um soberbo guerreiro revestido de couraça empunhando o gládio flamejante. Diversas variantes dessa atitude ilustram o mundo iconográfico e artístico, desde os primeiros séculos da Igreja até os nossos dias, reproduzidas em gravuras, telas, medalhões, vitrais, estátuas e monumentos.

As figuras mais apreciadas de S. Miguel, especialmente pelos militares, são aquelas em que o Arcanjo revestido de armadura e capacete resplandecentes, golpeia a seus pés, com lança de ouro ou espada flamejante, Lúcifer vencido, sob a forma de um dragão.

Julga-se que Rafael inspirou-se na visão do Inferno de Dante (Canto XXIII), quando compôs o magnífico quadro de S. Miguel. O Arcanjo aparece no ar, sustido pela agilidade de suas asas, de capacete e armadura, protegido no braço esquerdo por um escudo blasonado. Com elegante nobreza e aspecto triunfante descarrega sua espada flamejante sobre o dragão caído a seus pés.

fruta o Arcanjo de uma especial veneração e aprêço dos fiéis sobre todos os anjos. Consagrhou-lhe a Igreja um dia próprio, missa e ofício votivos. Nas orações que encerram o santo sacrifício da missa, os fiéis repetem com o sacerdote a belíssima invocação: "S. Miguel Arcanjo, defendei-nos no combate, sede nossa guarda contra a malícia e as ciladas do demônio..."

Tal é o sentir da Igreja desde os primeiros séculos, reafirmando a confiança nos méritos do Arcanjo que já lhe asseguravam os aráutros da antiga lei.

Tão grande foi a devoção que lhe consagraram os fieis nos primeiros tempos que a Igreja intervém contra os exageros conducentes à superstição e à idolatria.

Sto. Anselmo, Bispo de Cantuária, no século XI, compendiou em uma belíssima oração as invocações que a piedade dos fieis vinha formulando ao grande Arcanjo desde a implantação da Igreja na Inglaterra. Do exórdio dessa bela oração consta o seguinte: "S. Miguel, Arcanjo de Deus, Chefe da milícia celeste, altíssimo preposto do paraíso eterno, valei-me e defendei-me com o vosso patrocínio das tramas de todos os meus inimigos visíveis e invisíveis".

Não admira, pois, que também os Santos tivessem grande estima pelo inclito Arcanjo. S. Francisco de Assis, o Santo seráfico, que fôra soldado nos começos de sua vocação e que gosara de luzes sobrenaturais surpreendentes, votava a S. Miguel uma devoção toda especial. Das sete quarentenas de jejuns que realizava cada ano, consagrava uma delas em preparação para a festa do Arcanjo (29 de setembro). Foi exatamente na penúltima dessas quarentenas de sua vida, a 17 de setembro de 1224, que o Poverelo recebeu do próprio Cristo, no Alverne, a impressão de suas chagas.

S. Miguel é muito venerado pela igreja russa e seu nome figura nas genealogias reais e de famílias ilustres desse povo.

É muito espalhada em nosso país o culto de S. Miguel em favor das almas do purgatório. Numerosas são as igrejas, oratórios e altares dedicados ao Arcanjo, sob a invocação de S. Miguel das Almas.

O nome do Arcanjo, no Brasil, ficou cinzelado na história e nos vestígios locais dos Sete Povos das Missões, no R. G. do Sul. Até hoje os itinerantes podem contemplar as ruinas da vila de S. Miguel, capital daqueles Povos. Os muros carcomidos da magnífica basílica, outrora ali construída em honra do grande Arcanjo, subsistem ainda, como protestos mudos contra a iníqua expulsão de seus autores. Esses restos de arrojada arquitetura para aquelas regiões selvícolas, testemunham a inominável violência que o governo da metrópole, por capricho sectário, infligiu àquela incipiente mas promissora civilização gentílica. É um dos capítulos mais sombrios da história da América e um dos maiores atentados à civilização do novo mundo.



As ruínas do Templo de S. Miguel — em Missões

— : —

Iconografia do Arcanjo.

S. Miguel é figurado em magníficas telas e baixos relevos da Idade Média, apresentando-se à entrada do Paraíso com uma balança na mão em atitude de pesar as almas que saem deste mundo. Noutras pinturas vê-se o Anjo recuperando duas almas que Satanaz porfiava em levar para o abismo.

S. Miguel aparece também em mosaicos antigos na figura de um soberbo guerreiro revestido de couraça empunhando o gládio flamante. Diversas variantes dessa atitude ilustram o mundo iconográfico artístico, desde os primeiros séculos da Igreja até os nossos dias, reproduzidas em gravuras, telas, medalhões, vitrais, estátuas e monumentos.

As figuras mais apreciadas de S. Miguel, especialmente pelos militares, são aquelas em que o Arcanjo revestido de armadura e capacete fulgente, golpeia a seus pés, com lança de ouro ou espada flamante, Lúcifer vencido, sob a forma de um dragão.

Julga-se que Rafael inspirou-se na visão do Inferno de Dante (Canto XIII), quando compôs o magnífico quadro de S. Miguel. O Arcanjo parece no ar, sustido pela agilidade de suas asas, de capacete e armadura, protegido no braço esquerdo por um escudo blasonado. Com elegante nobreza e aspecto triunfante descarrega sua espada flamejante sobre o dragão caído a seus pés.

Ordens militares de S. Miguel.

Por suas qualidades marciáis e sua missão tutelar na defesa da Igreja e das nações cristãs, fundaram-se diversas ordens militares sob o nome e o patrocínio de S. Miguel.

Na França em 1469, com a divisa — *Immensi tremor oceani*, a condecoração consistia numa cruz de ouro de 4 braços e 8 pontas esmaltações de branco, bordados a ouro, com flores de liz douradas nos ângulos. S. Miguel figurava ao centro em um medalhão oval.

Na Baviera foi instituída em 1693 uma ordem equestre de S. Miguel para sustentar a fé católica e defender a Pátria. A condecoração era de forma idêntica à anterior e tinha por divisa as letras P-F, correspondentes às palavras *Pietas, Perseverantia, Fidélitas, Fortitudo*, virtudes cardiais da ordem. No escudo do Arcanjo lê-se: *Quis est Deus?*

O verso da venera contém a palavra: *Virtuti.*

Na Inglaterra, em 1817, foi instituída a Ordem de S. Miguel por motivo da anexação de Malta e das ilhas Ionianas à corôa britânica. Destina-se a premiar as ações de bravura e de mérito. Não admite senão os nascidos naquelas ilhas ou que hajam exercido, nelas ou na esquadra do Mediterrâneo, funções elevadas.

A condecoração é semelhante às demais tendo por divisa: *Auspicium melioris aevi*, esperança de uma era melhor.

O insigne rei d. Afonso Henrique, de Portugal, fundador da corôa luzitana, criou, em 1711, a Ordem Militar da Aguiia de S. Miguel. Finalmente, Fernando de Aragão, rei de Nápoles, fundou a Ordem da Ermida de S. Miguel em 1463.

O nome do inclito Arcanjo também aparece nas genealogias reais e na linhagem de famílias ilustres. Oito imperadores do Oriente e muitos Príncipes de várias cortes européias adotaram o seu nome. Entre essas dinastias figura a casa de Bragança, de onde veio o nome de Miguel à lista dos pronomes dos dois imperadores do Brasil.

Nenhum, porém, deu mais lustre e honra à onomástica do insigne Arcanjo que o gênio multiforme e brilhante de Miguel Ângelo.

*Diversidades de caractéres — divergências nas ações.*

Dissémos que a liberdade foi outorgada aos sérés racionais como fator de mérito para a conquista da bemaventurança que Deus lhes assegura. A liberdade legítima porém, age no sentido do bem e da verdade, tanto na ordem temporal como sobrenatural. Usar dela ao capricho das inclinações naturais, é subverter o ritmo da beleza e da ordem que preside ao concerto universal. Valer-se-á o homem de sua

capacidade creadora, dos dos particulares que houver recebido, não para cogitar psêudo razões contrárias aos plaxos de Deus, mas, sim, em busca de seu destino eterno.

O homem vem de Deus. Sendo creatura é propriedade do Creador. Sendo viva semelhança d'Ele não pode ser votado ao aniquilamento ou à perdição, mas, sim à união com Aquele que o formou.

Em tais condições é necessário que o homem procure realizar na terra o objeto de seu destino temporal e imediato, de tal modo, que não impeça nem desvie, antes facilite a marcha para o seu destino eterno. Sendo corpo e alma ha de dar àquele o que concerne à sua evolução temporal e não mais, e a esta o que lhe cabe no primado sobrenatural e não menos.

A liberdade e a vontade que a aciona, devem pois ser conjugadas e orientadas de tal sorte que a alma comande o corpo e Deus a alma. Proceder de outro modo é ir contra a natureza e o fim das coisas. Mas se não devemos proceder ao revés de nosso destino, que seria preferir outros fins incompatíveis com nossa filiação divina, cabe no entanto ao livre arbítrio, de acordo com as leis morais, escolher os meios, os processos, os caminhos, que nos levam a Deus e, dentre esses, os melhores.

Ainda que fôssemos puros espíritos como os Anjos, não seríamos iguais nem veríamos as coisas sob o mesmo ângulo.

A plena perfeição está condicionada àqueles 7 dons, sabedoria, entendimento, conselho, etc., que Isaias (XI-6) anteviu na pessoa do Cristo. Esses 7 dons derramou-os o Espírito Santo sobre os Apóstolos. A Igreja os perpetua. Dêles derivam os 12 frutos do Espírito, segundo S. Paulo.

Enquanto em Cristo, como Deus, dons e frutos estão totalizados, sobre os Apóstolos e os fiéis, que os recebem, são repartidos e até mesmo dosados, conforme a vocação de cada um. De modo análogo, guardadas as proporções, mormente no que tange às ações porvindouras, passa-se com os Anjos. Explica-se dessarte, pela diversidade de reparição dos dons, a diversidade de caracteres e de aplicações dos homens em geral e as formas de perfeição e de santidade que apresentam os Santos.

S. Francisco, um dia, consultado como se poderia realizar a perfeição neste mundo, respondeu eximamente que esse ideal seria conseguido reunindo em só as virtudes dominantes dos seus filhos: a fé e desapego de Frei Bernardo, a candura e pureza de Frei Leão, o espírito contemplativo de Frei Egidio, a união com Deus de Frei Rufino, a simplicidade de Frei Junípero, a caridade de Frei Rogério, a diligência de Frei Lúcido, a submissão de Frei João, a nobre eloquência de Frei Masseo, a humildade e cortesia de Frei Ângelo.

Sendo tão diversos os caractéres que imprimem os dons do Espírito Santo, modificados ainda pelas táras da natureza corrompida, não admira que entre os homens haja tantas desinteligências e contendas no trato dos negócios correntes, mesmo nas esferas elevadas do pensamento. É natural que vejam as coisas segundo suas conveniências, inclinações e aptidões. Mesmo em tratando de coisas de Deus, os santos e pessoas piedosas, não ficam alheios a oposições e contendas concernentes à apreciação dos acontecimentos e das idéias. Até em matéria de santificação e de deveres, quantas divergências existem entre religiosos e homens de bem!

Se todos, em consciência, conhecessem a preferência de Deus nas ações aparentemente boas ou indiferentes, haveriam de aderir por certo, prontamente, a esse modo de ver e o poriam em prática, como sendo o mais perfeito. Quem não gostaria de sentir e adotar o pensamento exáto de um grande Chefe para lhe fazer gosto?

Os Anjos, impecáveis, embora ciosos de bem servir a Deus — único empenho de suas vontades — por vezes também dissentem entre si na realização de missões conexas. Move-os igualmente o desejo e o impulso de perfeição nos encargos do Senhor, mas cada um no âmbito do próprio setor. Sentem-se impelidos pelo amor divino, mas cada qual tem um objetivo imediato e diverso. Daí nem sempre atinam que, ceder neste ou naquele aspecto, corresponderia melhor ao beneplácito divino. Santo Tomaz explica: pode haver entre os anjos contrariedade de parecer, mas não de caridade. E o próprio Deus, como acontece aos Chefes, prefere, no geral, deixar a fórmula de execução das missões ao discernimento e ao feitio de seus auxiliares. Eis o que cabe à emulação dos subordinados, campo aberto ao zélo e ao fervor das iniciativas.

Havendo, pois, diversidade de carácteres, bem como pluralidade de timbres do mesmo som, não é de estranhar que uma única missão, em identicas condições, suscite a Chefes diferentes, movidos do mesmo zélo, tão variadas modalidades de execução.

Isto vem a propósito do que se contem no v. 13 Cap. X de Daniel: "E o Príncipe (Anjo Guardião) do reino dos persas resistiu-me durante 21 dias; eis, porém, veio em meu socorro Miguel..." São Jerônimo e outros exgetas ensinam que se deve entender aqui do Anjo Custódio a quem Deus confiara os destinos da Pérsia, durante o cativeiro dos judeus. Miguel, Guardião da Judéia, procurava libertar seu povo da servidão estrangeira, para que, posto em liberdade, pudesse servir a Deus dignamente. O Anjo da Pérsia por sua vez, sentindo que a permanência dos israelitas nesse reino aproveitava aos persas, para deixarem estes a idolatria e se converterem à lei de Deus, porfiava em impedir a volta dos judeus à Palestina. E esta guerra e esta luta de boas intenções durou no espírito dos 2 anjos, até que a vontade de Deus preponderou nos esforços de Miguel.

CONCLUSÕES

1.º — S. MIGUEL — PATRONO DOS GRANDES COMANDOS.

S. Miguel não titubiou um segundo na encruzilhada do Dever. Decidiu pronta e acertadamente: — Deus acima de tudo! — À frente das milícias fiéis combateu e subjugou as forças contrárias que imaginavam dividir o reino de Deus. Sendo Chanceler do Altíssimo, ninguém melhor qualificado que o ínclito Arcanjo para inspirar, nas nações cristãs, a mais sadia doutrina de guerra e as mais sábias decisões de Comando: *a Ordem como fundamento da Paz; a Paz como obra da Justiça*. Quem melhor do que o Arcanjo poderá suscitar clareza e sagacidade na concepção dos planos, clarividência nas decisões, vigor, surpresa e celeridade nas realizações.

2.º — S. MIGUEL — PATRONO DOS ESTADOS MAIORES.

Os Estados Maiores vivem o ambiente da guerra; estudam reunem, triam, selecionam e processam os elementos de que o Comando ha mistér no tempo e no espaço para suas decisões. São êles que preparam, silenciosamente, na paz, o instrumento belico que ha de ser empregado nas vicissitudes da guerra.

Aos Estados Maiores, por outro lado, cumpre desdobrar e minuciar as decisões do Comando, acompanhar sua execução, informar das ocorrências, promover os reajustamentos, orientar o ritmo dos esforços.

Para inspirar sutileza no discernir a imensa trama de providências de que hão mistér os Estados Maiores, não ha mais lídimo patrono que S. Miguel, Preposto do Deus dos Exércitos e Ministro de suas decisões.

3.º — VIRTUDES MILITARES DE S. MIGUEL.

— Fidelidade, integridade, disciplina da inteligência e da vontade. O Comando-chefe é investido do mando pelo Governo da Nação. Raramente as funções de Comando e de Chefe de Estado são comuns. Em tais condições, cumpre ao Comando Superior, bem como aos comandos subordinados, ajustar-se fielmente às normas que recebem do alto.

Dispondo das Forças da nação hão de integrar-se nelas para fortalecer o prestígio da Lei e do Direito. Haja o que houver, só desta forma lhes cumpre agir, sem o pensamento que fascinou Lúcifer de sobrepor-se ao poder do Estado.

Identicamente se deve processar o trabalho anônimo dos Estados Maiores. São auxiliares do Comando. Devem-lhe lealdade e fidelidade, rigorosa e conciente. Para serem eficientes hão de ser idôneos, porque a compreensão das situações reclama vigilância universal, incessante diligência, raciocínio ágil, discernimento seguro, iniciativa pronta e vigorosa, destemor, constância heróica.

Eis como os Estados Maiores devem fazer o jogo dos Comandos e estes o jogo do Estado. S. Miguel, símbolo da Fidelidade, é o Patrono, o Mestre e o Guia de uns e de outros. Seu brado ingente e nunca desmentido — *quem como Deus?* — vale para os militares de todos os postos e em todas as situações, como senha do Dever.

(Com o *imprimatur eclesiástico*)

Não Desperdice!



Deposite suas Economias na
PRUDÊNCIA CAPITALIZAÇÃO



1913 — 1944

A Sul América Terrestres, Marítimos e Acidentes

Companhia de Seguros

vai entrar no 4.º decênio
de bons serviços ao Brasil

○○○

Já completados 30 anos de
colaboração na campanha
de preservação da riqueza
nacional

○○○

Solidês e Garantia

○○○

Matriz: Rua Buenos Aires, 29/37 — RIO

Pista de Aplicações na Remoção de Minas

Tradução adaptada de um artigo de autoria do Ccp.
ROBERT B. RIGG, publicado no "The Military Enigneer"
de Outubro de 1943, feita pelos Ccps. NEWTON
FARIA FERREIRA e 1.º Ten. CASIO D. E. DE ARAÚJO

"Os conhecimentos práticos de um dia de combate equivalem a dez meses de instrução".

Não existe pois razão para que não procuremos aproximar a instrução o mais possível da realidade de modo a reduzir o tempo gasto na mesma. Devemos mesmo encorajar a iniciativa de nossos oficiais instrutores, auxiliando-os, facilitando-lhes todos os meios possíveis na execução de planos de trabalho que concorram para atingir esse desideratum.

Baseado nessa ideia foi planejado e construído em um "forte" norte-americano uma pista de aplicações na remoção de minas, destinada a dar aos oficiais subalternos um meio bem real, onde pudesse concretizar a instrução de remoção de minas terrestres e "booby traps" e transposição de obstáculos.

Esta pista pode ser construída e removida varias vezes, em qualquer terreno destinado à instrução de combate da tropa ou em qualquer estrada interditada para esse fim.

A sua utilização tem mostrado a muitos soldados, cabos, sargentos e mesmo oficiais os erros cometidos nesta perigosa tarefa.

Vê-se a seguir uma planta desta pista de aplicação e no fim um quadro que auxiliará bastante o oficial na instrução de seus homens.

Na instrução de remoção de minas e "booby traps" os dois grandes problemas a resolver são:

- eliminar o medo e a falta de cuidado.

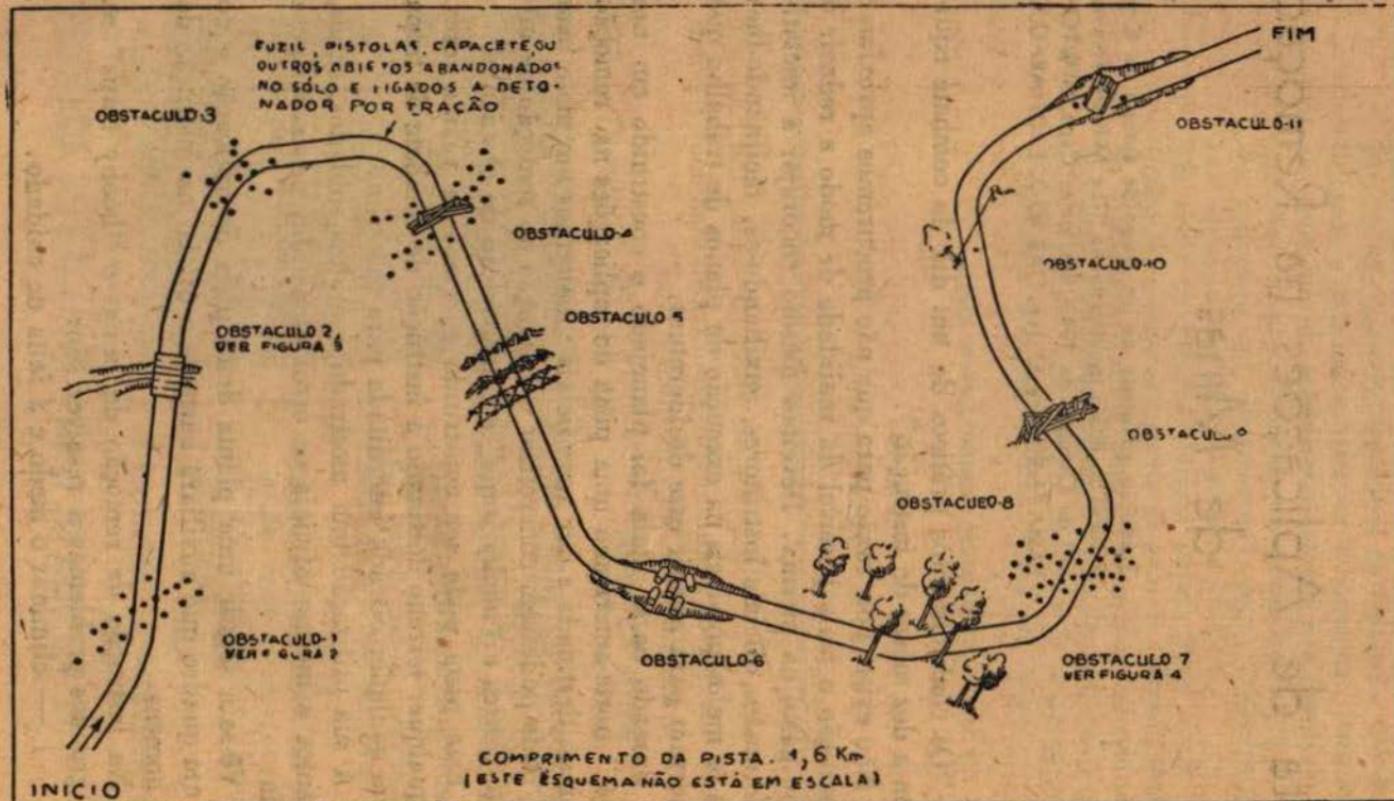


Fig. 1 — Pista de aplicações na remoção de minas AC e AP

Esses dois fatores podem ser considerados como a origem de muitos erros, podendo mesmo permitir uma classificação dos instruendos quando em presença do objetivo. O medo nessa classe de operações é natural em cada um; é porém mais intensivo em certos homens; nossa obrigação é neutralizá-lo por meio de uma instrução prática onde venham adquirir uma self-confiança. Em muitos homens esse medo é inato, porém esforçam-se por combate-lo pela força de vontade ou coragem; estes precisam ser controlados, pois até que se consiga que sua agressividade seja equilibrada pela perícia, poderão cometer muitos erros. Após alguma prática surge uma espécie de despreso pelo perigo o que acarreta descuidos. Por isso é absolutamente necessário que se mantenha sempre na mente de cada homem todas as precauções e medidas de segurança a serem seguidas. A familiaridade gera o despreso e não existe parte em que o despreso seja tão perigoso como no inseguro reino dos explosivos.

A execução desta pista de aplicações está indiretamente prevista nos nossos regulamentos, que constantemente repetem:

"A instrução deve ser dinâmica e real".

Ademais qualquer oficial encontrará grande satisfação em ministrar esse curso a seus homens do mesmo modo que verá seus soldados, satisfeitos pelo exercitamento da quasi realidade, ganharem confiança em si próprios na realização prática dessa tarefa, enquanto se habituam a serem desafiados pelas mais característica tortura de nervos no combate, o inesperado.

Para dar um cunho mais realístico e mesmo, incentivo, dos homens componentes de um mesmo pelotão ou secção, todas as perdas fictícias ocasionadas pelas explosões serão consideradas.

Assim, convencionou-se que qualquer elemento distante cerca de 5 ou 10 passos respectivamente de uma "booby trap" ou mina terrestre por ocasião da explosão é considerado perdido e posto de lado. Na pista construída no forte americano, o autor da presente ideia, viu pelotões iniciarem-na completos e chegados ao fim comandados por simples soldado raso. A

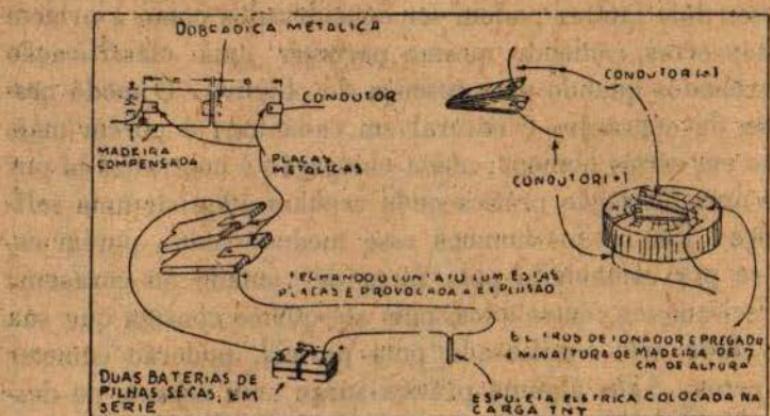


Fig. 2 — Livro detonador aplicado a mina AC, fictícia

alguns pode desagradar este metodo de colocar um homem fóra do exercito ao seu primeiro erro, porém chegou-se a conclusão que a instrução só é aproveitável com este procedimento. Ademais, em combate, muito raramente os descuidados têm uma segunda chance.

Durante a realização dessa pista, certa ocasião, o tenente comandante do Pelotão ficou muito ancioso e aflito por concluir-a: saiu de suas funções de comando para as de executante, começando a pessoalmente remover fios e "boby traps" fazendo as vezes de comandado, ao envez de dirigir seus homens. Como consequencia um descuido ocorreu, provocando a explosão de uma carga. O ter sido considerado "morto" e afastado do comando causou-lhe profundo desgosto, porém serviu-lhe de lição, cuidando ele consciente e devotadamente por aperfeiçoar suas qualidades e tornar-se um chefe melhor.

Outro oficial após ter sido considerado morto descobriu que jamais havia dado a seus sargentos ou cabos chance de comandarem o pelotão, embora o mesmo fosse soh seu comando considerado como uma bôa unidade. Durante a execução da pista após a "perda" do comando todos os sargentos e cabos foram sucessivamente substituindo e após, pequena permanência no posto tambem considerados perdidos. O proprio Pelotão foi tendo a sorte de seus comandantes, tornando-se de tal

modo desorientado que, antes do fim do exercício, o árbitro chou mais acertado da-lo por terminado, ao envez de prosseguir sem um chefe qualificado.

Estas lições apreendidas no combate real, são amargas para os que ficam e fatais para os que as provocam. Elas devem ser ministradas durante os períodos de instrução.

Além dessas razões, por si suficientes, para treinar homens na técnica de neutralizar minas e armadilhas, este curso tem a vantagem de dar oportunidade aos sargentos, cabos e mesmo soldados de repentinamente serem obrigados a assumirem o comando do Pelotão. Os soldados, cabos e sargentos, reinados sempre sob a dependência de seus superiores, não têm oportunidade de desenvolverem a sua iniciativa, ficando mbaraçados ao assumirem o comando. Sómente a prática nessas operações permitir-lhes-á um desembaraço suficiente.

Durante a execução da pista os homens "moitos" devem acompanhar o restante do Pelotão a uma regular distância retaguarda (cerca de 50 m), observando o desenrolar das operações sem interferência, de modo a, em parte, angariarem mais conhecimentos e não perderem de todo a instrução, pelo descuido que cometem.

A PISTA DE APLICAÇÕES

Para construção do que havia sido idealizado, escolheu-se um trecho de cerca de 2 km de estrada pouco trafegada e preferência servida por uma pequena ponte. Os obstáculos a levantar foram selecionados e constam não só da figura 1 como também são descritos sumariamente mais adiante.

Atribue-se a um Pelotão a responsabilidade de preparar pista e construir os obstáculos; um outro que não tenha conhecimento dos detalhes deve "faze-la".

O primeiro, durante o desenrolar do exercício, simplesmente observa o segundo, como si fosse um inimigo, que em silêncio e sem interferir acompanhasse um reconhecimento. Após o exercício o Pelotão é empregado na remoção das minas deixadas.

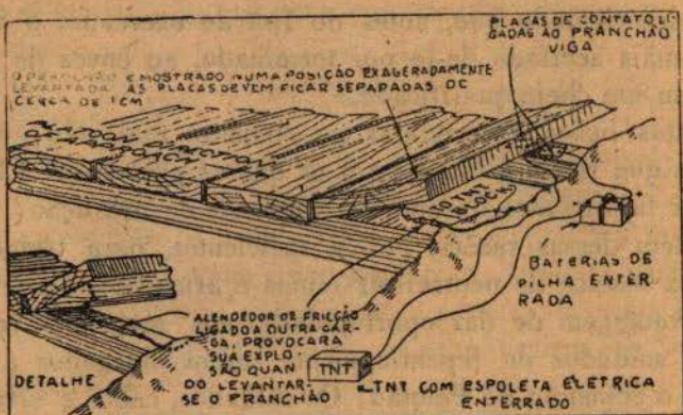


Fig. 3 — Ponte minada da pasta de aplicações, ver obstáculo 2

As minas e armadilhas simuladas, podem ser preparadas com pequenas cargas explosivas (1) da ordem de 200 ou 100 gramas de TNT ou Nitroamido (2). Quando utilizado o F. N. T. deve-se retirá-lo completamente do envolucro metálico para evitar acidentes com os estilhaços de folha. Como medida de precaução as cargas maiores 200 gr devem ser enterradas a cerca de 45 cm do solo e as outras, menores, a cerca de 25 cm; do mesmo modo, fazer para com as espoletas comuns ou elétricas, fazendo-as enterrar a pequena profundidade. Dessa maneira a terra absorverá parte da explosão. Na colocação da carga deve além dessas serem também tomadas as seguintes precauções:

- retirar as pedras da escavação feita,
- colocar a carga explosiva sempre a alguma distância do detonador (cerca de 2 m para as cargas maiores),
- empregar estopim comum, com cerca de 30 cm de comprimento, nas armadilhas; esta prática dará tempo ao incauto para abrigar-se da explosão provocada.

(1) — petardos regulamentares de trottol, para o nosso caso.

(2) — Nitrostarch.

(alguem provocando o fogo no estopim, todos os que estiverem num raio de 5 m serão considerados mortos).

A preparação do material para a execução duma pista e aplicações requererá cerca de um dia de trabalho completo por um Pelotão; a montagem da pista e execução do exercício poderá ser feita em quatro horas cada uma, isto é, montagem na parte da manhã e execução à tarde. As figuras que ilustram este artigo dão maiores detalhes.

A seleção e ordem dos obstáculos na pista construída na 06.^a D. C. mecanizada foi objecto de grande atenção. Isto não quer dizer que a mesma seja padrão e que não possa ser modificada. Ao contrário não deve ser padrão, nem deve-se seguir uma sequência regular na ereção dos obstáculos e seu arranjo. O oficial que for encarregado da execução de uma pista desse género deverá ter sempre em mente estas duas causas. É lógico que um pelotão agressivo terá sua tarefa muito facilitada se houver muita regularidade na sequência das operações. No modelo que ilustra o presente pode-se observar que não existem dois obstáculos semelhantes em todo o percurso. Aconselha-se não colocar armadilhas idênticas em dois obstáculos consecutivos. É humano e bastante compreensível que se guarde no sub-consciente, um reflexo do obstáculo anterior, ao neutralizar-se o seguinte. Por esta razão deve-se deixar os homens descobrirem o que menos esperam encontrar.

A realização do percurso em uma pista de aplicações na remoção de minas por um determinado pelotão deve ser precedida de uma instrução completa sobre o assunto, como reservem as "instruções preliminares" no fim deste artigo.

A pista de aplicações uma vez preparada deve ser interditada. O oficial encarregado da interdição deverá proibir a entrada de qualquer tropa estranha ao exercício numa faixa tão longo da estrada, de cada lado, de cerca de 200 m de largura.

No presente artigo é empregado o vocabulo "mina" para significar um engenho fictício, que faz as vezes daquele. Nas

figuras 2 a 5 vemos exemplos dessas "minas". Vemos assim "livro detonador", dispositivo bastante sensível cuja detonação produz algum alarde, dando uma ideia concreta do que acontece ao pisar-se uma armadilha ou mina.

Na construção da pista de aplicações, deve-se procurar realiza-la de acordo com um plano prévio, organizado em função do terreno escolhido para o exercício, delineando todos os detalhes de modo que o árbitro possa ao fazer sua crítica, dizer para cada carga explodida o efeito de uma verdadeira aula. O árbitro é normalmente o oficial que preparou o exercício auxiliando se quiser e for necessário, por elementos de seu Pelotão. Sua obrigação exclusiva, como foi dito anteriormente é classificar como "mortos" os homens que se acharem dentro do raio das explosões ocorridas. Sua missão é pequena e não deverão ter interferência nenhuma no desenrolar do exercício.

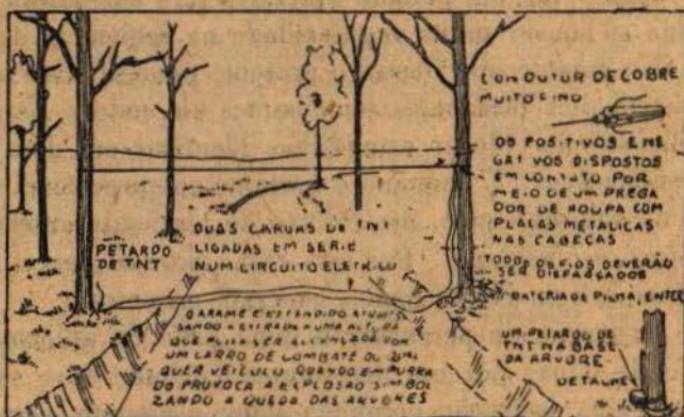


Fig. 4 — Abatizes simulados, ver obstáculo 7

— OS OBSTÁCULOS —

Na pista em questão realizada na 106.^a D. C. Mecanizada os obstáculos foram distribuídos pelo terreno na ordem seguir :

úmero de ordem	Obstáculos	Observações
1	Duas fileiras de minas enterradas.	Vê figura 2.
2	Ponte minada	Colocar uma ou mais cargas no encontro ou na supra-estrutura, ligá-las a dispositivos detonadores por pressão e tração (vê fig. 3). As cargas devem ficar bem distante uma da outra para evitar a detonação por indução. Convém salientar que as pontes em princípio são minadas. O reconhecimento mal feito de uma ponte minada poderá ser fatal. A explosão de qualquer uma das cargas significará a destruição da ponte, devendo o Pel. transpor por outros meios.
3	Minas terrestres dispersas porém não enterradas	Estas minas devem estar ligadas a detonadores de tração e pressão. O soldado que levantar uma determinada mina sem que primeiro a examine por baixo, nunca mais esquecerá a lição. É um método muito frequente o empergo pelos alemães em suas Tellermines de detonadores por tração.
4	Minas terrestres em posições diferentes	Ligar as minas ao obstáculo de madeira, sob o mesmo; espalhar algumas minas ao seu redor. Não colocar armadilhas.
5	Rêdes de arame	Erigir duas ou três rês de arame diferentes. Ligar armadilhas aos fios. São obstáculos comumente encontrados e de difícil neutralização.
6	Tambores de óleo, toneis ou semelhantes	Ligar dispositivos detonadores por tração ou pressão ao obstáculo, sob o mesmo. A movimentação dos tambores provocará a explosão.

Número de ordem	Obstáculos	Observações
7	Abatizes simulados	Atravessar a estrada com um arame grosso, esticado. Se o mesmo for empurrado fará explodir uma ou mais cargas simulando a queda de abatizes. O veículo deverá contornar este trecho. Uma turma de homens espertos facilmente eliminaria este obstáculo, porém, na maioria das vezes enganaria mesmo os mais cautelosos (ver figura 4).
8	Campo minado	Distribuir cerca de 6 fileiras de minas algumas ativadas. Colocar também algumas "booby traps". Disponha-as a intervalos irregulares de modo a fazer supor que a passagem está livre, quando sómente a metade do campo foi removido. Isto ensinaria exame cuidadoso do terreno.
9	Obstáculo de madeira rólica	Grupar certo número de tóras de madeira a formar um obstáculo. Não colocar minas ou "booby traps". Mesmo assim os homens perderão tempo procurando-as.
10	Minas isoladas	Atravessar um arame na estrada, perpendicular, ou enviesado, a uma altura do solo de cerca de 40 cm. Fixar as suas extremidades nas margens da estrada, a uma árvore e uma estaca ou tronco. Ligar o arame por um detonador de tração a uma mira colocada no meio da estrada. Ativa-la.
11	Veículo abandonado	Atravessar um veículo no meio de um corte. Ligar minas enterradas às rodas ou eixo traseiros e dianteiros. Pode-se também colocar "livros detonadores" imediatamente antes e depois de algumas rodas. Colocar ardilha sob o assento do motorista, ou no motor do carro.

Na remoção dos obstáculos, em geral as minas contra pessoal são removidas em primeiro lugar. Todas as minas anti-carro, para remoção, são consideradas ativadas, a menos que se tenha absoluta certeza de que não o estão. A unidade responsável pela abertura de uma brecha em um obstáculo é também responsável pelo seu balizamento.

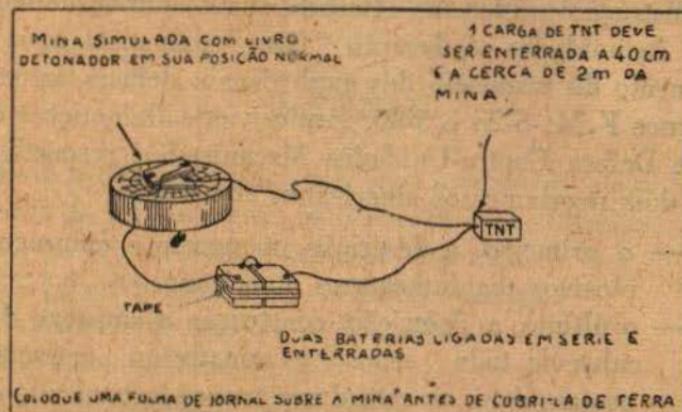


Fig. 5 — Método de ligação das Minas AC

MISSÃO DO PELOTÃO

A missão a dar ao Pelotão que deverá “fazer” a pista deve ser o mais possível enquadrada em uma situação real simulada. As ordens podem ser escritas ou orais, porém deverão esclarecer que :

- o inimigo teve bastante tempo para obstruir a estrada e que empregou armadilhas nos arredores.
- a missão do Pel. será tornar esta estrada livre para a passagem de nossas tropas num determinado tempo fixado (cerca de 5 horas).

Deve-se fornecer um croquis da região do exercício, ou pelo menos da estrada a seguir, ao Cmt. do Pelotão. Este oficial após o exercício deverá fazer um relatório sobre as des-

truições do “inimigo”; é recomendável que algum elemento do Pelotão esteja habilitado a realizar um esquema dos obstáculos encontrados.

INSTRUÇÃO PRELIMINAR

Esta pista de aplicações na remoção de minas representa uma instrução prática tão eficiente quanto um verdadeiro combate. As unidades só deverão “fazer” esta pista após um conhecimento do manuseio dos explosivos e demais assuntos tratados nos F.M.-5-25 e 5-30, Explosivos e Demolições e Medidas de Defesa Contra-Unidades Mecanizadas, respectivamente. Estes dois regulamentos americanos abordam:

- o primeiro, a descrição, manuseio e emprego de explosivos regulamentares americanos
- o último, a descrição, construção e emprego de obstáculos de toda especie e armamento anticarro que possam deter ou retardar o avanço mecanizado inimigo

(Para o nosso caso brasileiro no momento, podemos adaptar os conhecimentos adquiridos nos nossos Manual do Oficial Sapador e Regulamento n.º 86, a essas operações).

Pouco antes de lançar os homens na pista o cmt. do Pelotão deverá recordar os conhecimentos ministrados anteriormente, sobre campos minados.

Este proceder prestará um bom auxílio, sendo de muita utilidade não só para os homens como também para o sucesso do exercício. Esta recordação poderá ser feita em meia hora pelo instrutor e poderá constar em síntese do seguinte:

- tipos de minas, reais
- ” ” ” simulados
- ” ” ” improvisados
- minas ativadas
- dispositivos detonadores diversos
- disposição normal dos campos de minas
- “booby traps”
- precauções gerais

- perigos decorrentes de um não reconhecimento, de um descuido ou imprevidencia
- disposição dos homens durante o exercicio (cerca de 10 entre cada dois homens quando nos trabalhos de remoção)
- etc.

Como elemento auxiliar para esta instrução no que se refere ao assunto "booby traps" foi organizado o quadro da fig. 6.

MATERIAL

Para a construção da pista será necessário, além de cordame, tóras de madeira para os obstáculos, ferramentas de excavação e corte, etc. mais o seguinte material:

TNT ou Nitrostarch — 40 libras (18 kg).

Acendedor de fricção — 40 libras.

Espoletas elétricas — 30.

Estopim comum — 30.

Espoletas comuns — 40.

Livros detonadores (devem ser feitos de madeira fina ou compensada) — 30.

Baterias pequenas — 60.

Fio condutor — 80

Fio condutor — 80 pés (24 m).

Minas terrestres (secções de madeira) — 100.

Arame grosso (de preferencia de cobre 25 jardas (23m)).

Arame farpado — 100 jardas (91 m).

Tambores de oleo — 4 a 6.

SUMÁRIO

Os petardos de explosivos (TNT) podem ser cortados ao meio para se obter cargas menores, da ordem de 100 gramas (1).

(1) — os petardos de TNT, americanos vem acondicionados em massas de $\frac{1}{2}$ libra (222 grs.).

Á carga explosiva deve normalmente ser ligada a uma espoleta e estopim comum, com cerca de 30 cm de comprimento. Não é conveniente usar comprimentos menores que este, mesmo nas armadilhas. Pode-se usá-lo quando se substitui a carga explosiva por um pedaço de 10 cm de cordel detonante (1), nesse caso o comprimento mínimo do estopim comum pode ser da ordem também de 10 cm. A explosão será quasi que instantânea e não fará mais do que tremer o soldado.

As baterias pequenas semelhantes às usadas em lanternas elétricas dão bom resultado quando ligadas ao "livro detonador", porém as vezes são insuficientes. Em consequência é aconselhável o seu emprego em série, de duas ou mais baterias ou então, de baterias maiores. Ao ser assentado o "livro detonador", a ligação às baterias é a ultima cousa a ser feita. Deve-se ao enterra-lo, cobri-lo com uma folha de jornal ou papel para evitar que qualquer corpo estranho faça o contâcto entre as 2 placas metálicas do livro. Estes dispositivos são de emprego perigoso em terreno muito humido ou em dias chuvosos. A ligação da carga explosiva ao "livro detonador" propriamente dito, deverá ser feita empregando condutor elétrico isolado, pois aquela fica sempre a cerca de 2 m do livro.

Algumas das minas fictícias não estão ligadas a nenhuma carga explosiva ou dispositivo detonador; outras contêm o livro detonador; estas em princípio devem ficar enterradas na estrada.

O presente artigo não é completo com relação a detalhes sobre minas e "booby traps"; pois estes materiais são abordados profusamente no TM 5-325 que estuda um número desses engenhos empregados pelo inimigo.

O treinar homens neste curso é um prazer não só para oficial, que aperfeiçoa a instrução de seus homens, como também para o próprio homem, que deixa a monotonia de uma instrução teórica ou prática para cair num terreno bem aproximado da realidade. E atinge-se com ela uma prática que, indubitablemente, virá salvar a vida de muitos soldados quando realmente enfrentarem o inimigo.

(1) — o cordel detonante americano não é revestido de metal.

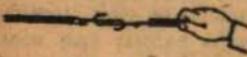
No quadro abaixo vemos alguns exemplos gerais sobre métodos de emprego e funcionamento de minas anti-carro e contra pessoal. Eles podem ser classificados em dois grupos principais: de tração e pressão. Os dispositivos de lançamento de fogo empregados por esses dois grupos são: — tração — acendedor de fricção, dispositivo acendedor elétrico e dispositivo detonador de mola, — pressão dispositivo detonador cortante (não elétrico) e detonador elétrico por pressão.

Estes tipos formam os princípios básicos dos meios de lançamento de fogo das minas e booby traps; os arames de tração ou mecanismos que estão ligados a estes dispositivos são ainda bastante numerosos e variáveis, para poderem ser classificados, porém o dispositivo detonador em si, é a peça principal e a que deve ser procurada e neutralizada. Tudo que se relaciona à remoção de minas e "booby traps" pode adaptar-se aos princípios aqui expostos.

TRAÇÃO

TIPOS	ONDE SE COLOCAM AS ARMADILHAS	OBSERVAÇÕES
Fricção  O puxar do arame provoca uma fricção a qual transmite fogo ao estopim comum e este, à espoleta, provocando a explosão.	<i>Como lembrança:</i> pacotes de cigarros, caixas de curativos individuais, garrafas d'água, documentos, instrumentos de música, fusis e outro qualquer objeto que possa ser levantado. <i>Em edifícios e depósitos:</i> pilhas de minas, granadas de Art., aparelhos de rádio, cadáveres, poços, cisternas, veículos abandonados, latrinas, moveis, fogões, janelas, portas, quadros, telefones etc. <i>Nas proximidades de estradas e outros obstáculos:</i> ligado à minas, toneis, obstáculos de madeira, aviões etc.	E' geralmente empregado em "booby traps" com arames de tração. São muito simples e de fácil ignição. Os alemães usam tipos regulamentares de acendedores. Os arames de tração entram nesta classificação, quando ligados a acendedores de fricção.

PRESSÃO

TIPOS	ONDE SE COLOCAM AS ARMADILHAS	OBSERVAÇÕES
Elétricos 	Idem acima, mas ligados a uma corrente elétrica, tal como: de rádios, campainhas, lampadas, lanternas, veículos abandonados, etc.	A espoleta elétrica quando ligada a uma bateria e um dispositivo de tração, de modo a colocar dois fios em contato, pode ser considerada como um exemplo. E' usado também em "booby traps" improvisadas.
Os positivo e negativo unidos quando ligados a uma fonte de energia elétrica, provocam a explosão.		
De mola Retirando o pino de segurança a mola desce e o percursor fere uma capsula, etc.	Idem acima. E' usado em algumas bombas anti-aéreas. Nota: as "booby traps" podem ter mais de um tipo de dispositivo detonador ligado a elas.	São dispositivos regulamentares já constantes da propria mina ou para serem introduzidos na mesma. Vê TM 5-325
Elétrico A pressão força o positivo contra o negativo, fechando o circuito e fazendo explodir a carga. Ou outro meio semelhante.	E' muito usado em assentos de veículos ou aviões abandonados, soleira de portas, peitoril de janelas cadeiras, soalhos etc., vê fig. 3. Pode ser encontrado em qualquer local dos constantes desta coluna.	Uma pequena pressão (normalmente menos que 70 kg., para a booby traps) deverá acionar este dispositivo, o qual si for necessário pode ser regulado para uma pressão mínima. Requer qualquer especie de corrente elétrica. Deverá ser bem disfarçada.
Pressão A pressão faz com que o percurtor quando sob pressão da carga, seccione uma lâmina — retém (ou pina) provocando a	Minas anti-carro lançadas nos campos minados. Muitas bombas de aviação e os demais relacionados nesta coluna. Nota: — os alemães usam as tellermines indiferentemente como minas AC e como "booby traps"; aquelas podem ser detonadas por dispositivos colocados quer na base, quer do lado.	Muitas minas operam sob este princípio. As minas que empregam estes detonadores requerem para detonar normalmente uma pressão maior que 140 kg. Podem ser usadas em conjunção a taboas ou barras por cima dos detonadores de 2 ou mais minas.

A Companhia de Fuzileiros (1)

Tradução do Ten-Cel. OSCAR ROSA

O ATAQUE

O movimento para a base de partida é uma continuação da marcha de aproximação. Os exploradores, as patrulhas, e os observadores, fornecem a necessária segurança durante esse movimento. Os pelotões testas mantêm a formação de marcha até que sejam obrigados a atirar, a fim de poderem prosseguir no avanço. Para isso, eles completam o seu desenvolvimento.

O fogo é aberto mediante ordem do Cmt. do pelotão; o Cmt. da Cia. pode, entretanto, reservar-se o direito de dar essa ordem se quiser conseguir os efeitos da surpresa.

Ao chocar-se com o inimigo, o pelotão procura, desde logo, conseguir a superioridade de fogo, de modo que o do inimigo fique incerto ou diminua de intensidade. As armas de apôio do Btl. e a Artilharia, se necessário, cooperam no ataque contra a posição inimiga, procurando bater de preferencia, as unidades ou reservas colocadas mais a retaguarda e que, de qualquer forma, possam cooperar com suas armas no combate. O Cmt. da Cia. emprega os seus meios de fogo contra os elementos do inimigo que não possam ser alcançados ou detidos pelas armas que o apóiam. A superioridade de fogo assim conseguida pelo seu próprio fogo e pelo fogo das outras armas, deve ser imediatamente aproveitada para retomar o movimento para frente, seja infiltrando os seus elementos, seja manobrando os pelotões reservas. Durante êsse movimento o apôio de fogo deve ser mantido, pelos elementos detidos e pelas outras armas do Btl. Os Cmts. de grupos e pelotões devem aproveitar qualquer tregua no fogo do inimigo

(1) Do "The Infantry Journal" — Março — 1943.

para melhor ajustar seus elementos no terreno, ocupando pontos mais favoráveis de onde seja possível, em melhores condições, abrir seu fogo sobretudo das armas automáticas. Esta combinação de fogo e movimento, permite aos elementos atacantes de fuzileiros a alcançarem posições de onde possam subjugar o inimigo, assaltando si necessário.

Consequência da desigual resistência oferecida pelo inimigo, das diferenças encontradas no terreno e do auxílio que recebem das armas de apôio, algumas unidades podem avançar, enquanto outras ficam detidas.

As Cias. ou pelotões, dentro dos limites de apôio de fogo, devem prosseguir seu movimento na conquista dos objetivos que lhes foram assinalados, de modo a flanquear as resistências que detêm os seus vizinhos, concorrendo para seu desbordamento ou mesmo para cooperar no ataque, se isso lhe fôr determinado, pois esse movimento pérmitre muitas vezes que se obtenha posições para as mtrs. que tomarão sob seus fogos o flanco do inimigo em posição.

Isso permite também que, nas brechas assim conseguidas, se empregue as reservas das Cias., que irão envolver ou atacar pela retaguarda o inimigo em posição.

Por meio desses movimentos, frontais e de flanco, se consegue destruir os diversos pontos de resistência do inimigo.

Uma vez iniciado o combate, a ação do Cmt. da Cia. sobre o seu escalão fogo é limitada ao emprego de seu escalão reserva.

Para levar avante o cumprimento de sua missão, agindo eficientemente em tempo util, o Cmt. precisa estar constantemente ao par do que está ocorrendo à sua frente e nos seus flancos. Para isso, ele deve ficar num ponto tal que acompanhe, nos seus mínimos detalhes, o desenvolver da ação em que está empenhada sua sub-unidade. Si não fôr possível abranger de um só golpe de vista todo o terreno onde ela se desenrola, deve ao menos, ter sob suas vistas as partes mais importants.

Ele determina, então, que *observadores* estejam em outros pontos acompanhando a ação e vigiando os flancos. O

ponto escolhido pelo Cap. deve ser de fácil acesso, de modo a permitir o movimento de ida e volta dos diversos agentes de ligação.

Ele deve também permitir uma rápida ligação com o seu posto de comando, com os seus elementos reservados e com as armas de apoio à sua disposição.

Sempre que, por uma razão qualquer, não possa o Cap. ter um controle perfeito sobre toda a sua Companhia, ele deve procurar mais de um posto de observação e de onde possa sempre acompanhar e apoiar, se necessário, os seus elementos empregados em combate que possam influir de modo decisivo na conquista de seus objetivos.

Geralmente acompanham o Cmt. da Cia., um sargento de informações, um padoleiro, um corneteiro, o ordenançado da Cia., o sargento furriel, um agente de ligação de cada um dos pelotões e, também, um agente de ligação das secções de petrechos que tiverem sido postas à sua disposição. O restante do Grupo de Comando fica no P. C. da Cia.

Geralmente o Cmt. da Cia. manda ordens verbais ou escritas aos seus Cmts. de pelotões e aos de secções de petrechos quando à sua disposição, por intermédio dos agentes de ligação desses mesmos elementos. Por intermédio da secção de comando ele se dirige ao Cmt. do Btl. e aos Cmts. das Cias. vizinhas. Ele usa seu aparelho radio-telefônico extra-sensível para comunicar-se com os elementos de sua companhia que exijam uma ligação rápida e de interesse vital ou com aqueles cuja ligação por estafetas ou por sinais vizuais não seja possível.

Frequentemente ele designa um oficial da companhia ou 1.º sargento ou o sargento aprovisionador para fiscalizar o movimento das viaturas transporte de armas. Exige do encarregado das viaturas informações sobre as localizações de seus elementos mais avançados.

Para assegurar um perfeito controle sobre seus pelotões e das secções de petrechos, posto à sua disposição, o Cmt. da Cia. deve saber o local exato onde os mesmos se acham e que estão fazendo. Como complemento de suas observações

pessoais e dos elementos que o cercam, ele exige dos Cmts. de pelotões relatórios periódicos nos quais conste a posição exata e as ocorrências havidas. Ele expede seguidamente os agentes de ligação até seus pelotões levando informações dos fatos mais importantes ocorridos e que sejam úteis conhecer, recebendo, por sua vez, dos comandantes de pelotões e secções postos a sua disposição, as informações por eles enviadas. Esse intercâmbio constante é muito útil e produz otimo resultado para que o Cmt. da Cia. exerça um perfeito controle sobre seus elementos.

Durante o ataque, o Cmt. da Cia. deve procurar obter a mais completa coordenação, não só entre seus pelotões, como também entre eles e o fogo das armas que os apoiam. Ele não deve atribuir aos seus pelotões missões que possam ser rapidamente cumpridas pelas armas de apoio e nem tão pouco, determinar um ataque sem o necessário apôio de fogo, quando, contando com êle, poderia poupar tempo e vidas. Ele só deve empregar as armas de apôio posta à sua disposição depois de conhecer a situação exata de todos os seus elementos. Quando ele vir que o apôio de que dispõe é insuficiente, deve se dirigir imediatamente ao Cmst. do Btl. pedindo auxilio (1) (Isso geralmente será feito por infermédio do seu agente de ligação).

O Pel. de petrechos deve avançar imediatamente, sempre que fôr impossivel manter um fogo eficaz da posição ocupada e sempre que o terreno conquistado oferecer posições que permitam um melhor apôio de fogo.

O Cmt. da Cia. não deve esquecer que suas Mtrs. leves (org. americana) não são capazes de oferecer um fogo muito denso e que o remuniciamento constitue, geralmente, sério problema. Assim, ele deve concentrar o fogo de suas Mtrs. sobre alvos limitados e quando ele possa com isso assegurar o movimento de seus próprios pelotões e dos pelotões das sub-unidades vizinhas ou ainda, lhes fornecer o necessário apôio de flanco. Ele deve tirar dessas armas as maiores vantagens, sej-

(1) — Fogo de artilharia ou da Cia de petrechos pesados.

atuando de flanco sobre as resistências inimigas, como foi dito linhas atraç, seja colocando-as de forma tal que possam apoiar qualquer contra ataque seja neutralizando qualquer arma que venha a se revelar hostilizando de flanco as tropas que avançam.

O avanço de seus morteiros deve ser cuidadosamente regulado e de tal forma que estejam sempre em condições de atender as necessidades dos pelotões de fuzileiros.

Não esquecer que o pessoal do morteiro só pode conduzir nas mãos, cuidado na escolha dos objetos e no gasto de munições. Só atirar nos seguintes objetivos :

- Mtrs. ou morteiros inimigos em posição desenfiada ou pessoal entrincheirado ou na entrada de um vale impedindo definitivamente o avanço e que d'ante-mão se sabe estarem situados numa área limitada (cerca de 50 m quadrados);
- posições avançadas inimigas, visando manter a superioridade de fogo durante o avanço final dos elementos de fuzileiros dentro da distância do assalto e enquanto outras armas de apôio estão mascaradas;
- contra-ataques inimigos, quando o fogo do morteiro for essencial, seja para detê-lo, seja para enfraquecê-lo, com o objetivo de ganhar tempo para outras providências.

O comandante da companhia é o responsável pela dessimulação de suas viaturas transportes na zona da companhia. Sendo, muitas vezes difícil carregar a munição a braço à distâncias consideráveis, ele determina sempre que as viaturas munição sejam levadas o mais a frente possível.

A reserva da Cia. deve estar perto do escalão atacante de modo a apoiá-lo prontamente se por acaso sobrevier qualquer contra-ataque inimigo. Se o Cmt. da Cia. tiver disposto o seu escalão reservado para seguir o seu 1.^º escalão, deslocando-o de posição em posição, deve ter o suficiente cuidado para que ele se mantenha conveniente para não ficar exposto

aos fogos dirigidos contra o escalão atacante. Se ele, ao contrário, inicialmente, dirigiu sua reserva para uma determinada posição e vier a necessitar, deve expedir, em tempo, ordens para o seu deslocamento.

O terreno ou a situação pôdem determinar uma mudança seja na missão dada inicialmente à reserva, seja na redução ou aumento da distância que deve ser mantida em relação ao escalão atacante. Nesses casos o cmt. da Cia. deve bem ponderar esses fatores para dar, em tempo, as ordens em consequência.

A reserva só deve ser empregada em casos especiais. Afora os casos de emprego para aproveitar uma vantagem repentina do decorrer do combate ou para um golpe decisivo ou ainda para repelir um contra-ataque, a reserva da Cia. não deve ser empregada enquanto os pelotões de 1.^º escalão estiverem em condições de agir por si próprios ou quando as armas de apôio sejam capazes de sozinhos conduzir o ataque.

Mas, quando se oferecer a oportunidade para um golpe decisivo ou quando o emprego da reserva for necessário para manter o ritmo de um ataque desencadeado, o Cmt. da Cia não deve hesitar em empregar a sua reserva. Em ambos os casos ele deve de preferência orientá-la para ataques nos flancos ou empregá-la nos locais onde o ataque tenha obtido maiores êxitos. Se necessário, poderá ser empregada nos intervalos de dois elementos já engajados. Não empregá-la na zona de ação das unidades vizinhas, sempre antes tenha entrado em ligação com os seus Cmts. Sempre que o Cmt. da Cia. utilizar a sua reserva, deve sem perda de tempo organizar uma outra, seja pela recuperação de elementos que pela sua posição não possam mais atirar, seja pelos elementos ultrapassados substituídos, seja ainda pelos elementos extraviados e em casos extremos, pelos elementos de seu próprio grupo de comando. Não organizá-la com elementos que, estando realmente sob fogos, importe sua retirada em graves perdas.

Sendo bem possível que as medidas tomadas inicialmente para a proteção dos flancos, não se mantenham eficazes até o final do ataque, torna-se necessário que o Cmt. da Cia. tom-

suas providências para evitar uma surpresa. Assim, ele determinará que seus elementos de ligação e seus observadores acompanhem os movimentos de seus elementos e dos elementos vizinhos, dando informações seguidas sobre sua posição. Se tais informações não chegarem, como seria de desejar, o Cmt. da Cia. toma outras medidas mais eficazes para que seja bem informado. Ele toma suas providências, prevendo mesmo as medidas que terá de adotar em caso de sobrevir mudanças na situação e que importem em proteção ativa de seus flancos.

Quando os intervalos existentes entre sua unidade e unidades vizinhas poderem ser batidos pelos seus fogos e dos que lhe estão ao lado, os elementos de ligação bastam para estabelecer o contacto. Se esse intervalo, por uma razão qualquer aumenta expondo seu flanco a qualquer risco, ele então deve empregar um elemento de fogo capaz de cobri-lo em caso de necessidade. Uma ou mais patrulhas desempenharão essa missão.

O Cmt. da Cia. só deverá dar apôio as unidades vizinhas, quando isso lhe fôr determinado ou quando esse auxílio redundar em seu benefício ou em benefício do Btl.

O apôio que permite as unidades vizinhas da retaguarda avançar, é geralmente um ótimo meio de assegurar um apôio ao flanco da Cia.

O apôio pelo fôgo e movimento é comumente mais eficaz do que o apôio dado só pelo fogo. Entretanto, o movimento deve ser fortemente apoiado, não só, pela propria unidade que avança, se fôr o caso, como pelo das unidades que por ele estão sendo beneficiadas. Esse movimento deve também ser limitado as suas necessidades futuras e não progredir de mais para ter depois seus movimentos retardados.

Quando o primeiro escalão tiver aproximado bastante das posições inimigas, com auxílio dos seus próprios fogos, estes levem cessar para que o assalto seja levado a efeito. Essa cessação de fôgo, segundo as circunstâncias, poderá ser determinada pelo Cmt. da Cia. mediante sinal, ou mediante horário, reviamente combinado com o Cmt. do Btl.

Quando cessar o fôgo de apôio, deve ser iniciado o fôgo do assalto para evitar que o inimigo recobre suas fôrças aumentando suas defesas.

Nessa ocasião, os fôgos que até aí apoiaram o ataque, devem ser dirigidos contra os flancos do inimigo e contra os elementos colocados à retaguarda e que sejam capazes de intervir, seja durante o assalto, seja após a captura da posição.

O Cmt. da Cia. é responsável pela partida para o assalto.

Quando alcançada a distância de assalto, é ele iniciado pelos elementos subordinados ou determinado pelo Cmt. da Cia., como já foi dito, mediante sinal ou comando, que é repetido por todos os oficiais e sargentos.

Sendo o assalto bem sucedido, o Cmt. da Cia. deve movimentar sua reserva e Sec. de petrechos, para assegurar desde logo posições que permitam o prosseguimento do ataque, ou se for necessário, proteger a reorganização da Cia.

O ataque deve ser levado a efeito em toda extensão da posição inimiga e até os objetivos finais da Cia. de modo a não fornecer ao inimigo qualquer oportunidade de reorganizar sua defesa. O Cmt. da Cia. lança mão de todos os meios à sua disposição para conseguir esse resultado, atacando a fundo e explorando desde logo os resultados obtidos.

Se o pelotão de reserva ainda não tiver sido empregado o Cmt. da Cia. pode empregá-lo em benefício do escalão atacante, seja reforçando, seja prolongando seu flanco, seja ainda empregando-o em ataques envolventes permitindo assim a captura dos objetivos sucessivos da Cia.

Se as distâncias entre os objetivos da Cia. forem de tal ordem que não impliquem na abertura imediata do fogo de elementos do 1.^º escalão, a Cia. poderá retomar as formações adotadas para a marcha de aproximação.

O ataque contra os demais objetivos da Cia. é executado de maneira semelhante ao levado a efeito contra o primeiro.

Sempre que um Chefe tombar no decorrer do combate deverá ser substituído imediatamente. As substituições, e consequência, deverão ser adiadas até a conquista do últi-

objetivo. Entretanto a Cia. deve ser de pronto reorganizada toda vez que as peripécias do combate a privem de ser empregada eficazmente como elemento combatente. Si o fogo do inimigo o permitir, os pelotões procurarão posições abrigadas e onde possam ser completamente reorganizados.

Se isso não for possível, far-se-á uma reorganização parcial nas próprias posições. O tempo de reorganização, em qualquer caso, deve ser o menor possível.

O Cmt. da Cia. deve proteger a reorganização de sua companhia determinando a entrada em posição, rapidamente, de seu pelotão de petrechos de modo a cobrir pelo fogo sua frente de flanco (s) expostos a qualquer contra-ataque inimigo. Lançará, também, patrulhas, tiradas dos pelotões de primeiro escalão ou da reserva, não só para cobrir a frente, como também, para manter o contato com o inimigo.

Se ao comandante do pelotão de petrechos é dado a missão de proteger a reorganização da Cia. as patrulhas, acima referidas, devem ficar-lhe subordinadas.

Afora essas precauções, o Cmt. da Cia. ainda deverá dispor de uma pequena reserva pronta para reforçar os elementos da proteção e a repelir contra-ataques do inimigo.

Ao determinar a reorganização dos pelotões, o Cmt. da Cia. exigirá, finda a mesma, um relatório onde conste o efetivo restante e a quantidade de munição existente para prosseguimento da missão.

Baseando-se nos relatórios apresentados pelos Cmts. de pelotões, ele faz o remuniciamento dos pelotões. Para isso, ele faz avançar as viaturas munição carregadas, ou, se fôr o caso, apela para o Btl.

Ao mesmo tempo ele encaminhará ao Btl. com o seu relatório, tudo que tenha apreendido do inimigo, inclusive os risioneiros e que possa sêr útil ao Btl. Ele escolhe essa ocasião para não distrair muitos elementos para essas diversas missões. Fará tudo de uma só vez, economizando efetivo.

O fim da reorganização é de tornar a Cia. novamente um grupo homogêneo capaz de novo esforço ofensivo.

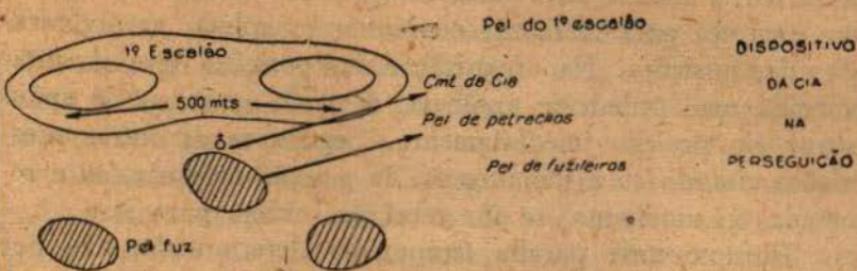
Atingidos seus objetivos, a Cia. só iniciará a perseguição se para tal houver recebido ordens do Cmt. do Btl. Isso não que dizer que a Cia. não persiga o inimigo com o seu fogo, quando o mesmo se retirar.

Iniciada a perseguição deve ela sér executada resoluta e rapidamente e deve se prolongar até o limite máximo das possibilidades humanas. Quando uma Cia. de fuzileiros recebe ordem de perseguição a formaçāo a adotar é a da marcha de aproximação quando se está prestes a tomar o contacto com o inimigo. Ao(s) pelotão(ões) de 1.^º escalão é dada a missão de vasculhar e de limpeza da frente de ação da Cia., isso sem prejuízo da rapidez do movimento afim de manter o contacto com o inimigo e recalcá-lo, caso procure retardar nosso avanço. Se o(s) pelotão(ões) não puder(em) subjugar rapidamente qualquer resistência encontrada, deve procurar fixando-a de frente, manobrar em seguida. Esse(s) pelotão(ões) é (são) reforçados com um morteiro de 60 mm e geralmente com uma ou duas mtrs. (afora os sapadores para remoção das minas deixadas) (1)

O n.^o de pelotões a atribuir ao 1.^o escalão, será função da frente atribuída a Cia. Se maior de 500 mts. serão necessários 2 pelotões.

O restante da Cia. deve seguir o primeiro escalão a uma distância que permita eficientemente apoiá-lo em tempo útil e deve adotar uma formação tal que não só responda a essa exigência como, também, seja capaz de repelir qualquer contra-ataque dirigido a um dos flancos da Cia., ou envolver qualquer resistência encontrada pelos pelotões de 1.^º escalão. E, as vezes, recomendado escalaronar a reserva dispondo o pelotão de petrechos no centro do dispositivo e os de fuzileiros em cada um dos flancos :

(1) — Nota do tradutor.



Se a reserva da Cia. ainda estiver intacta no início da perseguição, ela poderá ser empregada imediatamente ultrapassando os elementos até aí em 1.º escalão, os quais serão reagrupados, reorganizados e passarão a reserva da Cia. seguindo de perto, como já foi dito os elementos agora empregados. Se ao contrário, não estiver intacta será aproveitada para re-completamento dos elementos que irão iniciar a perseguição. O restante constituirá os elementos disponíveis do Capitão.

Para a perseguição, o Cmt. do Btl. geralmente organiza destacamentos compostos de Cia. de Fuzileiros com unidades de petrechos (é o que nós chamamos grupamentos temporários constituídos para cumprimento de uma missão especial (1)). Eles são comandados pelo Cmt. da Cia. de fuzileiros que é responsável pelo bom êxito da operação. Excepcionalmente ele integrará esses elementos no seu pelotão de petrechos, porém o empregará sempre que necessário, em apôio aos elementos de 1.º escalão ou aos que no decorrer da ação, forem por ele, empregados. Se o Btl. se chocar com resistências inimigas, que não permitam mais sua progressão, as Cias. de fuzileiros asseguram imediatamente a posse do terreno conquistado, organizando-se. Para esse fim, o Cmt. da Cia. dá suas ordens.

A organização do terreno, nesse caso, é geralmente difícil, em virtude da desorganização das unidades e do fogo quase sempre intenso do inimigo, que procurará por todos os meios

(1) Nota do tradutor.

perturbar a instalação. Quasi sempre será necessário esperar que escureça para melhorar ou mesmo completar as organizações das posições. Na organização das posições deve sér estabelecida uma ordem de urgência, devendo as armas de apôio entrar em posição imediatamente. Seguem-se as outras prescrições visando ou a manutenção da posição ocupada, ou a retomada do movimento, se fôr recebida, ordem para isso.

Durante uma parada temporária determinada, não por resistencias inimigas, mas por ordem do Btl. para fazer deslocar uma base de fôgo para maior eficiêncie no prosseguimento do ataque, o Cmt. da Cia. deve tomar disposições, que ponham sua Cia. ao abrigo de qualquer surpresa, evitando assim perdas inuteis. As medidas a tomar serão semelhantes as que fôrem adotadas, quando procedeu a reorganização da sua Cia. Ele deve aproveitar ao máximo tais paradas, não só, para reajustar seu dispositivo, como recompletar a munição da companhia.

Muitas vezes, dependendo naturalmente do tempo da parada, será necessário construir abrigos ou mesmo trincheiras para proteger os homens contra as armas portateis do inimigo, contra sua artilharia e contra seus ataques aéreos.

A Cia. de Fuzileiros de reserva, no ataque

Na ordem de ataque do Cmt. do Btl. ele designa a Cia., que deverá ficar como reserva e o lugar que a mesma ocupará, inicialmente, no seu dispositivo de ataque.

Nessa ordem poderá fazer previsões para seus deslocamentos futuros; sobre a proteção que a ele caberá dos flancos das sub-nidades, que avançam e bem assim a da ligação com as unidades vizinhas.

Logo após o recebimento da ordem, o Cmt. da Cia. faz o reconhecimento dos caminhos que o levem a posição a ocupar. Ele aproveitará aquela que lhe oferecer melhores condições de segurança e que apresentar bom desenfiamento de fogos vistas do inimigo, afim de evitar perdas e não denunciar o plano de ataque que será executado.

O Cmt. da Cia. destaca para junto do Cmt. do Btl. um agente de ligação e bem assim para as Cias., que irão constituir o 1.^º escalão, para a de petrechos pesados e para as unidades A. T. (1), se houver.

Se possível, o Cmt. da Cia. guiará pessoalmente sua sub-unidade até a posição inicial, evitando cruzamentos com as Cias. que se destinam às suas bases de partida. Aí ele adotará um dispositivo que responda às missões que recebeu. Procurando não revelar a manobra do batalhão e nem sofrer perdas, verificará, se a posição ocupada o coloca ao abrigo dos ataques terrestres do inimigo, tirando do terreno a maxima vantagem para alvanguardar seus elementos dos ataques dos carros de combate e dos aviões.

A Cia. reserva, geralmente, se desloca por lanços, mediane ordem do Cmt. do Btl. Se por qualquer circunstância a Cia. reserva estiver a uma distancia tal a retaguarda das Cias. de 1.^º escalão, que não as proteja eficazmente de qualquer contra-ataque do inimigo, o Cmt. da Cia. deve imediatamente e, pelo meio mais rápido, comunicar essa situação ao Cmt. do Btl., edindo instruções e sugerindo mesmo as novas posições a cupar.

O Cent. da Cia. deve fazer todas as previsões possíveis de emprego da sua Cia. e em consequência, organizar os planos para enfrentar essas diversas emergências. Esses planos devem ser detalhados e completados gradativamente e, se houver tempo, serem submetidos à aprovação do Cmt. do Btl.

Ele explica em detalhe aos seus subordinados, êsses planos e calcula com eles o tempo necessário para a sua completa alização.

À Cia. reserva podem ser confiadas uma ou mais missões, conforme o caso :

— Desbordar, atacando em seguida, as resistências localizadas pelo 1.^º escalão, seja por um movimento de infiltração na na do Btl., seja na zona do Btl. vizinho (2).

— Artilharia.

— Nesse caso, depois dos necessários entendimentos, como aliás já foi dito nas atraç (Nota do tradutor).

- Proteger os flancos das Cias. de 1.^º escalão.
- Repelir contra-ataques, especialmente, os desencanados contra os flancos.
- Apoiar a progressão das unidades vizinhas.
- Encarregar-se, no todo ou em parte, da missão do escalão atacante.
- Manter o contacto com as unidades vizinhas.

Quando à Cia. reserva é atribuída a missão de cobertura dos flancos, o Cmt. da Cia. deve expedir ordens necessárias para êsse fim aos Cmtes. de pelotões, que pela sua localização no seu dispositivo estejam em condições de bem cumprá-las.

Eles devem, em consequência, expedir elementos de ligação para obter o contacto, antes mesmo do início do ataque.

Eles servirão também como elementos de reconhecimento para os futuros deslocamentos da Cia., desde que essa missão não interfira com a principal, que é a de manter o contacto com a Cia. que avança. A êsses elementos deve sêr determinada a remessa de informações diretamente ao P. C. do Btl. Por isso, devem ser dados a êles os deslocamentos prováveis desse mesmo P. C.

Para estar em condições de executar qualquer das missões acima enumeradas, o Cmt. da Cia. precisa estar, constantemente, informado sobre a situação, não só por meio do reconhecimento feitos de pontos vantajosos do terreno, de postos de Observação por ele instalados, por elementos destacados com as Cias. de 1.^º escalão, como pelo contacto constante com o Cmt. do Btl. em cujo P. C. ou P. O. estará. Se não puder fazer pessoalmente, o fará por intermédio de um oficial escalado para tal fim.

Quando à Cia. de reserva, fôr atribuída a missão de um das Cias de 1.^º escalão, ela agirá de acordo com o previsto para a Cia. de Fuzileiros no ataque.

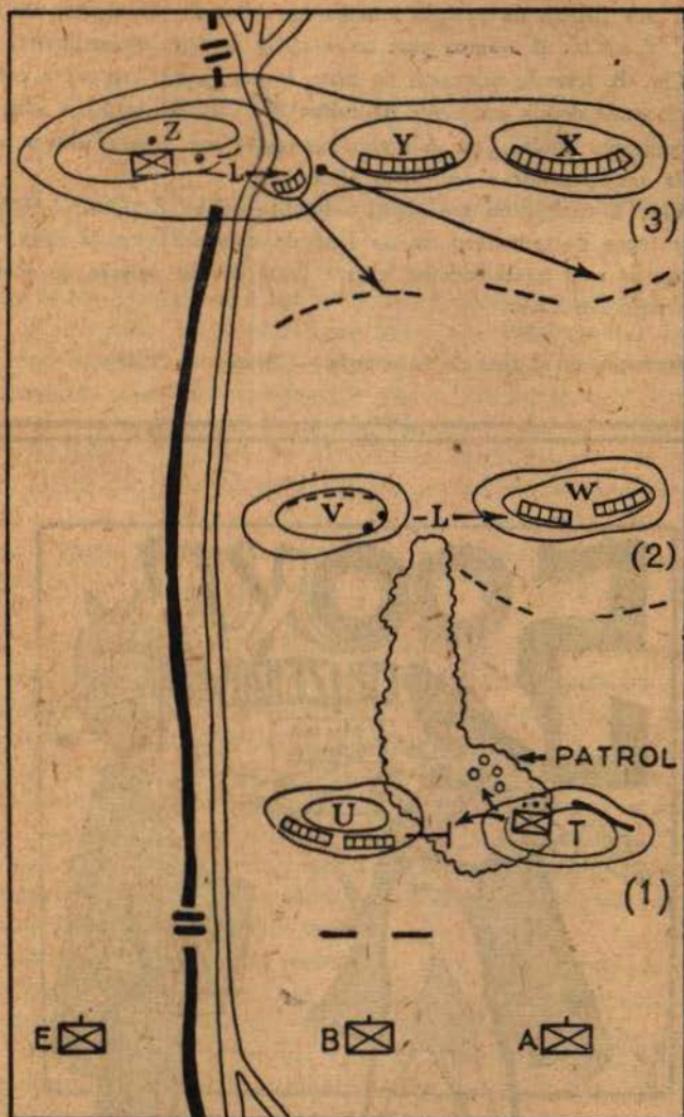


DIAGRAMA ESQUEMATICO
mostrando a assistência prestada as unidades vizinhas

(1) Companhia A, tendo capturado colina T, recebeu instruções para auxiliar a Cia. B na captura da colina U. Apôio de fogo é impossível devido ao cerrado mato interposto. A Cia. A, por isso, emprega seu pelotão de reserva

para atacar nos flancos da posição inimiga na colina U. O capitão da Cia. A manda Cia. E e Cia. B avançar para ter a ajuda de fogo da artilharia.

(2) Cia. B, levando vantagem do mato à sua direita, capture a colina V. Cia. A está sendo detida em frente da colina W. Cia. B. emprega suas metralhadoras leves para ajudar Cia. A e com isso apoia seu próprio avanço, afastando possíveis ameaças contra o seu flanco direito.

(3) Cia. E conquistou seu objetivo final, a colina Z. Cias. A e B estão detidas por fogos de metralhadoras no sopé de Este da colina Z. Cia. E emprega o fogo de suas metralhadoras leves e parte do seu pelotão de apoio para ajudar o avanço das Cias.

— (Tradução do Jornal de Infantaria — Março — 1943).



LIVROS NOVOS

INICIAÇÃO TÁTICA — CORONEL INACIO JOSÉ VERRISSIMO —
Biblioteca Militar — 1944.

Eis um trabalho com algumas qualidades raras: inteligente, idoneo, oportunno. É composto, além disso, sob um plano inteiramente original, de sorte que ocupará um lugar próprio na nossa literatura militar. O autor considera que "dois elementos são o fundamento, a constante do combate — o terreno e a infantaria." Dessa forma, "o estudo referente às influencias do terreno e às reações benéficas ou não que ele eva ao combate da infantaria constitue o inicio de todo o estudo de tática."

Partindo desse critério foi construido o volume, que está dividido em duas partes: "Noções de Geografia Militar" e "Noções de Topografia Militar".

Essas noções de Geografia Militar desdobram-se em capítulos nos quais são estudados sucessivamente: a influencia da geografia na conduta das operações, as idéias gerais sobre o estudo do terreno (no campo estratégico e no campo tático), o papel da água, da ondulação do terreno, da árvore, da casa, da estrutura geológica, dos agentes atmosféricos. Na segunda parte, a umas "noções sumárias sobre o ataque", segue-se o "estudo do terreno sob o ponto de vista do ataque" e um tema para aplicação desse estudo; depois veem noções sobre a defesa em frontes normais e o "estudo do terreno sob o ponto de vista da defesa", acompanhado do respectivo tema.

Tudo isso, advirta-se, está composto num alto nível. É mesmo admirável como o Cel. Inácio José Veríssimo consegue desmontar até a esquematização, sem prejuizo da clareza nem da precisão, assuntos de grande complexidade e extensão. Logo o capítulo inicial é um milagre desse gênero. Atente-se em como o autor fixa as influencias geológicas no tocante à utilização militar:

"Como fugir numa progressão, à influencia do terreno argiloso? Como escapar à sua ação perturbadora se uma chuva o empapou e fez escorregadio, e tornou as estradas intransitáveis e a faixa de progressão pesada e difícil e o tiro inimigo se multiplica em estilhaços de pedras?"

Muitas vezes é com acentos irônicos que o autor enfrenta certos problemas do terreno: "Se imaginarmos a cochila como o termo da rosão de um terreno movimentado; se admitirmos, por um momento, que o seu modelado é o produto secular do trabalho da água aplainando

maciços, mamelões e colinas — teremos dado uma explicação mentirosa quanto à verdade geológica — mas interessante à compreensão das reações que ela impõe ao fogo e ao movimento.”

A fisionomia geral do trabalho se caracteriza, porém, pela metódica sistematização das matérias, quasi todas submetidas a essa disciplina pela primeira vez.

Para exemplificar tomemos a árvore. O autor começa com “a árvore grupada em bosques”, e aí estuda as seguintes questões: “O movimento será facilitado ou dificultado pelo bosque?” — “O bosque no quadro geral da manobra” — como elemento de cobertura, como elemento desassociador, como elemento de Posição de Resistência, como zona de reunião ou concentração.

Depois chega a vez da “árvore grupada em capão”, e são tecidas idênticas considerações. É assim, ainda, com a árvore como renque e a árvore isolada.

O estudo é completado com a apreciação do valor da árvore como elemento de disfarce e da sua influência na guerra química. Por fim vem uma excelente nota lembrando o papel do Potrero Pires na batalha de Tuiuti. “Na realidade — escreve o Cel. Veríssimo — Barrios encontrou nele a máscara mas não encontrou a permeabilidade e por isso teve que abrir picadas e não pôde desembocar em larga frente. O seu atraso foi fatal à batalha, pois impediu que ela se fizesse de um jato; que as ações de Resquin e Barrios fossem simultâneas; que o adversário fixado de frente por Diaz não pudesse atender aos flancos ameaçados. Mas como o Potrero atrazou Barrios, essas ações são decompostas no tempo e permitem a Osório, jogar suas reservas inicialmente a Leste, depois no centro, e por fim a Oeste. E tudo isso pelo fato único de que Potrero Pires tendo mascarado a reunião, não permitiu, como capão, o transito fácil em seu interior.”

O capítulo “Influência da Meteorologia” será, talvez, suscetível de reparo quando doutrina:

“As ações de vulto, que envolvem deslocamentos de grandes massas, o que quer dizer, de grandes impedimentos — fruto de uma ativa linha de comunicação, isto o inverno não consente. Aliás, esta guerra veiu provar isto. As ações bolcheviques, tornadas mais intensas justamente no inverno, têm se reduzido a ações frontais pouco profundas, ações que só adquirem mais amplitude quando o inimigo não reage, ou recua voluntariamente.”

“Não nos iludamos a este respeito. Uma grande ação ofensiva começa sendo um armazenamento de meios, de munições, de víveres, de tropa, logo sendo função de linhas de comunicações ativas. Hoje, todos sabem quanto o inverno prejudica as estradas, quanto impede o tráfego, quanto reduz o rendimento dele. E assim, uma operação de vulto, que exija, além da ação do combate, da ação tática propria-

mente dita, ações de movimentos largos e profundos, não tem, no inverno, probabilidades de sucesso. No inverno pode-se ganhar terreno, mas não se ganham batalhas."

O arrazoado, não resta dúvida, é convincente, e todos, aliás, já aceitávamos pacificamente que o inverno cria condições entorpecedoras, anulando em geral as possibilidades de grandes operações militares. Em todo caso, alegar justamente a guerra atual em abono dessa tese, é o que nos parece um tanto descabido, ao menos si se tiver em conta o seu desenvolvimento mais recente. Por certo, as primeiras operações de inverno do Exército Vermelho tiveram o caráter que lhes atribue o Cel. Inacio José Verissimo, e os seus conceitos naturalmente foram escritos ao tempo em que só elas haviam ocorrido. Mas, desde então, o panorama da luta na frente oriental tem-se modificado constante e radicalmente. E é forçoso convir que as operações russas do presente inverno, por exemplo, pelo vulto e pelos resultados, não podem classificar-se entre as "ações frontais pouco profundas, ações que só adquirem mais amplitude quando o inimigo não reage, ou recua voluntariamente."

Isto, porém, não invalida, de forma alguma, as sólidas razões do Cel. Verissimo. Ao revés, devemos refletir que a irresistível superioridade dos russos nas ofensivas de inverno, decorre exatamente da sua excepcional aptidão para subjugar as condições adversas, próprias dessa estação.

Desejamos ainda fazer uma referencia ao capítulo que trata do "terreno sob o ponto de vista tático". Está repleto de observações as mais judiciosas, das quais, esta inicial, tão justa e oportuna, oxalá pudesse aproveitar-nos:

"É comum dizer-se que toda iniciação tática deve começar pela Leitura da Carta. Mas essa leitura bastará à progressão do ensino? Encontrarão os iniciantes nela, todo o material necessário às diferentes situações táticas com que virão tomar contacto? Cremos que não: porque, em regra, tal estudo, não excede à nomenclatura do terreno e à tecnologia, mais ou menos militar, de seus diferentes acidentes. Ora, não basta distinguir que no trecho A da carta existem dois mamelões, um colo, duas ravinas, um desfiladeiro, etc., para se estar habilitado a julgar do valor tático do terreno. Dessa forma precisamos convir que a Leitura da Carta é um dos elementos do estudo do terreno, mas elemento subsidiário e, podemos dizer, elemento independente do valor tático dêle."

Adiante acrescenta o Cel. Verissimo em complemento a essas idéias: "todo o segredo consiste então em surpreender no terreno, não só o seu modelado, que é passivo, mas as qualidades táticas que esse modelado adquire quando ocupado por homens servindo-se de armas."

Outro conceito a guardar, e que é, aliás, um primor de síntese e precisão, vem a ser o seguinte: "Cada vez que se desce um degrau na escala do comando, sobe-se um na escala das exigências do terreno."

Cumpre reclamar contra a revisão, que deixa francamente a desejar. Desinteressou-se quasi sempre de crases e outros sinais gráficos. Para exemplificar citaremos: logo no Prefácio duas crases ausentes; na última linha da página 72 outra omissão de igual natureza; têm surge decotado em tem e tem ampliado em têm, tudo na mesma página (103).

Ainda um reparo com vistas à "Biblioteca Militar" — por que este volume "Iniciação Tática" corresponde a dois meses de assinatura?

Em verdade, frequentemente a "Biblioteca Militar" vem fazendo isso com as suas edições. Pode-se dizer que raras obras, nos últimos tempos, não foram lançadas para cobrir dois volumes. Ora, esse critério devia ser usado com moderação. Só devia mesmo ser aplicado quando se tratasse de alguma obra de grande tomo. Não é, em todo o caso, o que está acontecendo. As duas últimas publicações da Biblioteca Militar, ambas erigidas em volumes duplos, não são absolutamente obras de dilatadas proporções. Pelo contrário, até exigiram, transparentemente, uma enorme ginástica de paginação (parágrafos sobre parágrafos) margens imensas, quasi na medida do texto, títulos e subtítulos boiando em brancuras infinitas) para espicharem até um número de páginas que salvasse as apariências... Inda assim, "Iniciação Tática", para só falarmos da obra que registramos, não chegou a 250 páginas, com todo o descompasso exagero da paginação. Seria em rigor um livro para 120 páginas, e o anterior, correspondente aos volumes LXXI, LXXII, no qual o abuso espichatório ainda foi maior, também não daria muito mais que isso.

Convenhamos que nesses tempos bicudos, de papel rationado, um tal desperdício se torna ainda menos aceitável.

Pelo que tóca aos assinantes, a desvantagem é flagrante.

Devemos esperar, pois, que a "Comissão Diretora" da Biblioteca Militar, que tão alto tem sabido colocar essa instituição, criada pelo idealismo do culto espirito' do Gen. Benício, considere as observações que aqui formulamos, até porque, sendo elas tão justas e evidentes, já terão ocorrido a numerosos subscriptores, com prejuízo do interesse e da confiança que a Biblioteca Militar deve merecer-nos em escala sempre ascendente.

O FENÔMENO MILITAR RUSSO — Cel. J. B. MAGALHÃES —
Editorial Peixoto S A. — 1943.

O plano deste livro anuncia uma obra seria, fóra da bitola comum dessa bibliografia da guerra, feita em geral com uma de suas preoccupa-

ções: sensacionalismo ou propaganda. Mas "O Fenômeno Militar Russo" está assim estudado: I — o território e o clima da Russia, a formação do povo e do Estado russo; II — Pedro o Grande, Catarina II e os tzares que se seguiram; III — a revolução bolchevista (Lenine, Stalin, a Russia em 1940); IV — a tradição militar russa (as guerras com a Prussia, Suvorov, Kutuzof, Dragamirov, Kuropatkine, Nicolau, Lamsonov, Brussilov); V — a formação e o desenvolvimento do Exército Vermelho (origem, doutrina, serviço militar, mobilização); VI — a prova da guerra (os atritos com o Japão, a guerra da Finlândia, a guerra atual); VII — conclusão geral.

Compreende-se que através desse roteiro chegariamos necessariamente a penetrar o fenômeno militar russo. Acresce, porém, que se o Cel. J. B. Magalhães concebeu um plano inteligente para a sua obra, melhor executou-o. Mesmo aqueles capítulos iniciais destinados a relembrar-nos as condições geográficas étnicas e políticas da nação russa, compostos, portanto, em linhas breves e muito gerais, preenchem francamente a sua função. E de passagem pequenas observações do autor vão desarmando o leitor acaso trabalhado pela avassaladora propaganda nazista, tão insidiosamente espalhada por toda a parte até o segundo ano desta guerra, quando começou a virada militar que a desmoralizaria. É assim que, a propósito do fundo racial multiforme da atual população da Russia, o Cel. J. B. Magalhães exclama: "as formidáveis realizações dos últimos tempos, sob todos os aspectos morais e materiais, inclusive sua capacidade militar acentuada, constituem a mais flagrante contradição à teoria racial dos nazistas."

No correr do livro todos os problemas mais importantes relacionados com a capacidade militar dos russos surgem discutidos em termos claros e imparciais. São eles entre outros: a atuação dos russos na guerra de 1914-18, suas vitórias, seus fracassos, a circunstância de alguns generais russos serem germanófilos; a afirmação um tanto generalizada de que o valor militar dos russos se restringe à defensiva; o fato singular de que os russos vencem sempre quando o comando é russo; as duas fases do Exército Vermelho, uma de improvisação, outra de desenvolvimento sistemático; a instrução pre-militar na Russia, etc.

O autor é de uma deliciosa malícia, mas também presta um excelente serviço, dá uma forte achega na tarefa de desmascarar os processos nazistas, quando recorda, com respeito à guerra da Finlândia, que o ataque russo causou indignação em todo o mundo, exceto na Alemanha...

Por outro lado, é curioso saber que os alemães tentaram insistentemente instalar a 5.^a coluna na Russia, com parte de remeter funcionários técnicos, que melhorassem as condições de execução dos acor-

dos econômicos firmados em 1939... Só que os russos repeliram intrinsecamente essa interferência.

Um problema militar que conturbou, a bem dizer, todos os exércitos modernos, o da Cavalaria a cavalo devendo ceder lugar à Cavalaria moto-mecanizada, esse grave e difícil problema a Russia não o teve, porque, na expressão do famoso Budieny, "para nós (os russos) a questão não é de cavalo ou motor, é de cavalo e motor." Parece que não podíamos achar melhor fórmula para o nosso próprio caso.

Em suma, merece o nosso franco interesse este livro em que os fundamentos, a organização e a prova do campo de batalha do mais poderoso exército contemporâneo, são submetidas à apreciação de uma das mais categorizadas expressões da cultura militar brasileira, o Coronel J. B. Magalhães, atualmente na Reserva, mas cuja atuação no Exército, seja como "troupeir", seja como oficial do Estado Maior, foi das mais eficientes e brilhantes.

'LABORATÓRIO KALMO

Secção de
VICENTE AMATO SOBRINHO & CIA.

Especialidades Farmacêuticas

ooo

Consultores Científicos

Prof. Dr. RUBIÃO MEIRA

E

Prof. Dr. A. MACIEL DE CASTRO

Da Universidade de S. Paulo

MATRIZ - Praça da Liberdade, 91 - S. PAULO

São Paulo e o Exército Nacional

Uma colaboração estreita e eficiente dos homens de Governo de Piratininga, sempre solícitos para com as autoridades da 2.^a Região Militar.

Nunca é demais louvar a dedicação que o Interventor Paulista dr. Fernando Costa e seus auxiliares imediatos exteriorizam sempre que, em qualquer sentido, o comando da 2.^a Região Militar, sediada em São Paulo, necessita de sua colaboração. Em verdade, sempre houve perfeita identidade de vidas entre o governo estadual e as autoridades militares, sendo mesmo motivo de aplausos, nestes últimos tempos, a solicitude com que a administração Fernando Costa busca, em todos os momentos, dar o melhor de seu esforço, toda a cooperação possível ás figuras responsáveis pela tropa da 2.^a R. M.

O general Mauricio Cardoso, atual Chefe do Estado Maior do Exército, que comandou durante largo tempo aquela Região, principalmente durante a fase delicada de quando o Brasil entrou na guerra, poude bem precisar o valor dos préstimos que sempre encontrou da parte das autoridades civis, tendo à frente o dr. Fernando Costa, atentas ao fiel cumprimento de todas as providencias do brilhante cabo de guerra afim de manter inalteravel o ambiente de trabalho em todo o território bandeirante.

Deixando aquele posto, até hoje o general Mauricio Cardoso tem sido um sincero e ardoroso amigo de São Paulo, de

sua gente e de seus homens de governo, não deixando nunca fugir um ensejo em que possa ressaltar a valiosa colaboração ali encontrada durante sua demorada e brilhante atividade como comandante da 2.^a Região Militar.

Essa amizade e consideração são, por seu turno, correspondidas de maneira calorosa por todos quantos laboram e habitam sob o céu paulista, jamais esquecidos da bondade, da energia serena e das altas virtudes que marcam o ilustre militar, hoje muito justamente colocado à frente do Estado Maior do Exército.

Ainda recentemente, visitando a terra onde soube formar legiões de amigos e de admiradores, que são todos os filhos da gleba do café, o general Mauricio Cardoso, agradecendo, em sentido improviso, o brinde feito pelo Interventor Fernando Costa, afirmava:

“Tenho o prazer de declarar que o atual governo se tem salientado, entre muitos daqueles que têm havido em nosso país, pela sua retidão nos atos, pela sua honestidade e pela vontade de bem dirigir o Estado que lhe é afeto, com a certeza absoluta de que, assim, concorra para a grandeza da nossa Pátria: e que dá ao Governo Federal a tranquilidade, de que tanto precisa para poder dirigir o Brasil no momento atual.

Toda a vez que falo em público, e, principalmente, no Estado de São Paulo, não deixo de me referir à grandeza da terra e não deixo também, de lado, a grande dose de patriotismo de que é dotado o seu magnanimo povo.

Ninguem melhor do que eu pode avaliar e dizer o que é o povo de São Paulo em relação a esse espirito empreendedor, em relação à disciplina de que é portador.”

Depois de outras expressões enaltecedoras para Piratininga e sua gente, disse ainda o grande soldado:

— “O filho adotivo de São Paulo, toda a vez que fala de seus encantos, é com profunda emoção. Por isso, e porque é amigo de São Paulo, amigo de seu Interventor, amigo do governador desta cidade, de todos os Secretários de Estado, ele se abalança a erguer a sua taça, para que, através de uma saudação sincera, abranja com um abraço muito fraternal, desde o Interventor até o menor habitante desta terra, carinhosamente, como uma prova de seu reconhecimento, pelo que fizeram por ele e pelo que vêm fazendo aos seus sucessores, dignos generais e capazes de dar aos comandos a direção necessária para que sejam eles os verdadeiros colaboradores do Interventor, que muito merece de todos nós.”

Povo e governo do grande Estado industrial, hoje entregue ao labor intenso, com maior entusiasmo, afim de atender á palavra de ordem do eminentíssimo Chefe da Nação, podem orgulhar-se, com justificadas razões, das palavras do correto soldado. Não se poderia, em verdade, traçar hino mais harmonioso sobre o civismo, o senso de responsabilidade e o sentido de disciplina do povo bandeirante. O general Mauricio Cardoso, falando com emoção, disse tudo. Seu repetido testemunho é a maior e mais eloquente afirmativa sobre a correção do governo chefiado pelo sr. Fernando Costa, sendo, também, um louvor franco e merecido à gente laboriosa e cívica da terra ubér-rima do “ouro verde.”

Cabe a São Paulo, agora, esculpir de modo relevante, afim de que todos possam lêr, nos dias presentes e futuros, esta expressão do brilhante militar :

— “Cada vez que aqui venho, eu me convenço que tudo isso de extraordinário que se realiza em São Paulo, é por que o paulista tem uma firme confiança no Exército.”

O ALTO CUSTO DE UM COMBOIO

Muita gente lê notícias sobre ataques a determinado comboio, nesse ou naquele oceano, e fica a supor que se trata de uma ação comum. No entanto, nada mais complexo e custoso que a constituição de um comboio marítimo. Para preservá-los dos ataques inimigos, defendendo a preciosa carga em marcha para os campos da luta, todo um arsenal bélico faz-se preciso. Todavia, o mais importante é o papel desempenhado pela indústria petrolífera, dos Estados Unidos, que envia em cada comboio 283.300.000 litros de gasolina. Deante dessa cifra é que o espírito se aclara e chega a compreender porque se torna imperioso o racionamento do precioso combustível, do qual a guerra precisa o máximo. Deante de dados tão convincentes, pois, só os fóra da realidade podem protestar contra os sacrifícios e limitações impostas pelo Moloch insaciável, que é essa desvairada guerra atendida por Hitler e seus satélites.

“A E QUITATIVA” DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

Sociedade de Seguros Mútuos sobre a Vida

A Equitativa dos Estados Unidos do Brasil é a única sociedade de seguros sobre a vida em todo o território nacional que pode oferecer aos segurados as seguintes vantagens: — participação dos segurados nos lucros da Sociedade; sorteios trimestrais pagos em dinheiro à vista; garantia subsidiária do Governo da União das suas reservas técnicas em favor dos segurados.

**Séde própria: — AVENIDA RIO BRANCO, 125 — RIO
End. Telegr. — “Equitas” Telef. geral: — 23-5890**

NOTICIÁRIO & LEGISLAÇÃO

UM PAVILHÃO AURI-VERDE PARA O CORPO EXPEDICIONARIO

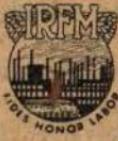
A Sra. Anita Costa, esposa do Interventor Fernando Costa, vem de oferecer, pela comissão estadual da L. B. A., de que é presidente, uma bandeira brasileira a um dos corpos que integrarão o Corpo Expedicionário que o Brasil enviará aos campos de batalha. Agradecendo a oferta, que valerá por um ardoroso estímulo aos nossos soldados, o general Eurico Gaspar Dutra, ilustre Ministro da Guerra, enviou à Senhora Anita Costa a seguinte carta:

“O ofício que v. excia. me dirigiu, dando-nos a grata nova de que essa benemérita instituição resolvera oferecer o lábaro nacional a um dos corpos que deverão integrar a Força Expedicionária Brasileira, comoveu-nos sobremaneira. O seu gesto encheu de júbilo o soldado brasileiro e provou, mais uma vez, que São Paulo acompanha com intensa vibração cívica e confiança integral os que vão defender a dignidade do Brasil e assegurar a vitória das Nações Unidas contra a barbaria totalitária. Foi neste momento expedida ordem no sentido de o comandante da 2.^a R. M., procurar v. excia. e adotar as medidas necessárias para que o ato da entrega do pavilhão brasileiro à Unidade honrada com tão alta distinção tenha a solenidade e pompa que merece. Em nome do Exército, tenho a satisfação de apresentar a v. excia. meus agradecimentos e votos de crescente e feliz êxito à frente da gloriosa e humana comissão. — General Eurico Dutra”.

* * *

UMA ACUSAÇÃO INJUSTA

Em sessão presidida pelo coronel Osorio Pacheco, o Tribunal de segurança Nacional realizou o julgamento do sr. Walter Jorge Morissy, diretor-responsável da grande firma carioca Casa Mayrinck Veiga S. A., acusado de haver proposto ao Departamento Federal de Campos o fornecimento de um gerador elétrico por preço elevado. O Tribunal absolveu, por falta de provas, após demorado estudo, o acusado. Esse resultado teve a mais simpatia repercussão em todos os círculos sociais e comerciais do país, nos quais a firma em apreço e seu diretor gosam do mais alto conceito.



IMPERMEAVEL

Celosul

O PAPEL TRANSPARENTE QUE VESTE UM PRODUTO

FABRICAÇÃO NACIONAL

DE 30 - 45 E 60 GRAMAS POR M²

BRANCO - DE CÓR - IMPRESSO

EM FOLHAS PLANAS DE 90 x 100 cm OU DE QUALQUER
OUTRO FORMATO — EM BOBINAS DE QUALQUER LARGURA

S/A INDUSTRIAS REUNIDAS F. MATARAZZO

PREDIO CONDE MATORAZZO - PR. DO PATRIARCA - TEL. 3-5151 - TELEGR. "MATORAZZO" - C. P. 85 - S. PAULO

FILIAIS E AGENTES NAS PRINCIPAIS PRAÇAS DO BRASIL

ATOS OFICIAIS DO MINISTÉRIO DA GUERRA

De 20 de Dezembro de 1943 a 20 de Janeiro de 1943

ARSENAL DE GUERRA DO RIO — (curso)

Fica criado no Arsenal de Guerra do Rio um curso especial para "Reparadores de Instrumentos Óticos", nas seguintes condições:

- a) Duração: 8 semanas;
- b) Número de alunos: 10 soldados.

A instrução será ministrada por especialista designado pelo diretor do Centro de Instrução Especializada, e terá inicio em janeiro do próximo ano. A seleção dos alunos ficará a cargo do C. I. E., que proporá à Diretoria das Armas as medidas necessárias para o recrutamento dos candidatos.

(Aviso n. 3.190, de 29 — D. O. de 31-12-43).

ARTILHARIA DIVISIONARIA — (criação)

E' criada, para organização imediata, a Artilharia Divisionária da 7.^a Divisão de Infantaria — ipo especial (A. D/7), orgânica da 7.^a Região Militar, com sede em Recife — Estado de Pernambuco, sob o comando de general de brigada.

Para constituir a Artilharia Divisionária de que trata o artigo anterior serão aproveitados os elementos de tropa e de serviço já existentes em territórios da 7.^a Região Militar, a critério do Ministro da Guerra.

Fica o Ministro da Guerra autorizado a baixar os atos administrativos que se fizerem mister para a execução do presente decreto-lei.

Art. 4.^º Revogam-se as disposições em contrário.

(Decreto-Lei n. 6.183, em 6 — D. O. de 8-1-44).

E' extinta, nesa data, a Artilharia Divisionária da 7.^a Divisão de Infantaria (A. D/7.^a), orgânica da 7.^a Região Militar, com sede em Recife — Estado de Pernambuco, criada pelo decreto-lei n. 4.703-A de 17 de setembro de 1942, revogadas as disposições em contrário,

(Dec. Lei n. 6.178, de 6 — D. O. de 8-1-44).

E' extinta, nesta data, a Artilharia Divisionária da 14.^a Divisão de Infantaria, (A.D/14) orgânica da 7.^a Região Militar).

Dec. Lei n. 6.176, de 6 — D. O. de 8-1-44).

ASPIRANTES A OFICIAL I. E. — (Estágio).

— O Ministro de Estado da Guerra resolve aprovar as Instruções para o estágio dos aspirantes a oficial I. E. da reserva de 2.^a classe do Exército de 1.^a linha, que com esta baixam.

(Portaria n. 5.902, de 12 — D. O. de 14-1-44).

AUTONOMIA ADMINISTRATIVA — (curso)

— E' cassada a autonomia administrativa do III/6.^º Regimento de Infantaria.

(Aviso n. 3.150, de 23 — D. O. de 27-12-43).

— Os Hospitais Militares de 4.^a Classe de Teófilo Otoni e de Santiago do Boqueirão passam a ter autonomia administrativa, de conformidade com o disposto no art. 25 do Regulamento para Administração do Exército, aprovado por decreto n. 3. 251, de 9 de novembro de 1938.

(Aviso n. 11, de 3 — D. O. de 5-1-44).

— A Secção Comercial do Estabelecimento de Material de Intendência do Rio, passa a ter autonomia administrativa, de acordo com o disposto



**Nossos
filhos
querem
viver!**

Todos estamos sofrendo com êstes tempos duros... mas as maiores vítimas dos horrores desencadeados pelos totalitários são as crianças, que não têm culpa alguma e esperam únicamente de nós o cumprimento do nosso supremo dever: dar-lhes para viver um mundo em que o Amor, a Justiça, a Paz e a Liberdade reinem por toda a parte!

Mas para que os nossos esforços em prol dêsse futuro grandioso sejam aproveitados ao máximo, trabalhando e produzindo em escala crescente, aumentando a nossa riqueza e controlando-a com o maior rigor, contam os serviços públicos e as principais repartições com um perfeito e moderno sistema de contabilidade mecanizada — o sistema Hollerith — que permite exatidão nos cálculos atuariais, de censo e controle dos serviços públicos e de assistência social do país.

E quando amanhã recordarmos os dias amargos desta época, sentiremos no fundo do peito, rejuvenescendo-nos o coração, o orgulho de havermos garantido aos nossos filhos — que querem viver! — um mundo construído com a força heróica da nossa vontade e iluminado pela fé do nosso espírito!

SERVÍCOS HOLLERITH S.
INSTITUTO BRASILEIRO DE MECANIZAÇÃO
AV. GRAÇA ARANHA, 182 — RIO DE JANEIRO



no art. 25 do Regulamento aprovado por decreto n. 3.251, de 9 de novembro de 1938.

(Aviso n. 16, de 5 — D. O. de 7-1-944).

— Na conformidade do que estabelece o art. 25 do Regulamento para Administração do Exército aprovado por decreto n. 3.251 de 9 de novembro de 1938, é concedida autonomia administrativa aos Quartéis Gerais das 7.^a D. I. especial — Recife; da 1.^a Bda. de Infantaria — Maceió; da da 2.^a Bda. de Inf. — João Pessoa; da Art. Div. da 7.^a D. I. especial — Recife e do Destacamento de Natal (Natal) (decretos-leis ns 6.184, 6.181, 6.182, 6.183, e 6.180, todos de 6-1-1944).

(Aviso n. 71, de 6 — D. O. de 17-1-944).

— Ao 38.^º B. C. (dec. lei n. 6.186 de 6-1-944) é concedida autonomia administrativa nos termos do art. 25 do Regulamento para Administração do Exército, aprovado por decreto n. 3.251, de 9 de novembro de 1938. (Aviso n. 100, de 17 — D. O. de 17-1-944).

BATALHÃO DE CAÇADORES — (criação)

— É criado, para instalação imediata, o 38.^º Batalhão de Caçadores, com sede em S. Paulo (capital), com aproveitamento dos meios já existentes do Batalhão destacado no 4.^º R. I.

(Decreto-Lei n. 6.186, de 6 — D. O. de 8-1-44).

— 1 — É mandado instalar nesta data com sede em São Paulo (Capital), no quartel do II-4.^º R. I., com aproveitamento dos meios (pessoal e material) já existentes e pertencentes à esse Btl. destacado, o 38.^º B. C. criado por decreto-lei n. 6.186, de 6-1-1944 D. O. de 8).

2. — O 38.^º B. C. constitue tropa regional da 2.^a Região Militar.

3. — As diretorias interessadas providenciem, se fôr o caso, para o completo dêsse B. C. em pessoal e material, naquilo que lhes competir, de de acordo com os quadros de efetivo e de dotação de material para unidades dêsse tipo.

(Aviso n. 98, de 1 — D. O. de 17-1-944).

BATALHÃO DE CAÇADORES — (tipo)

— O 2.^º Batalhão de Caçadores é do tipo "B" ficando sem efeito o aviso n. 1.577, de 18 de junho de 1942.

(Aviso n. 76, de 6 — D. O. de 17-7-944).

BATALHÕES DE ENGENHOS — (reengajamentos)

— A percentagem de reengajamentos nos Batalhões de Engenhos é igual à atribuída aos Batalhões de Caçadores.

(Aviso n. 112, de 18 — D. O. de 10-1-944).

BATALHÃO ESCOLA — (monitores).

— Consulta o comandante do Batalhão Escola se os sargentos efetivos e prontos que exercem cumulativamente as funções de monitor têm direito às diárias das letras *a* e *b* do art. 131 do C.V.V.M.E.

Em solução declara que:

Aos sargentos nas condições da presente consulta assiste direito às diárias das letras *a* e *b* do artigo 131 do Código de Vencimentos e Vantagens dos Militares do Exército.

(Aviso n. 99, de 17 — D. O. de 17-1-944).

LIVROS À VENDA NA BIBLIOTECA DA
 C.M.E.C.I. "A DEFESA NACIONAL"

	Cr\$
Anuario Militar do Brasil, 1935	22,00
Anuario Militar do Brasil, 1936	22,00
Anuario Militar do Brasil, 1937	22,00
Anuario Militar do Brasil, 1940	27,00
Anuario Militar do Brasil, 1941	37,00
Anuario Militar do Brasil, 1942	42,00
A Campanha da África Oriental — Gen. Waldomiro Lima	31,00
A Campanha da África Oriental — Gen. Waldomiro Lima (D. Oficial)	21,00
A Revolução de 1842 — Martins de Andrade	26,00
A Compreensão da Guerra — J. B. Magalhães	30,00
Andrade Neves o Vanguardeiro — Cap. De Paranhos Antunes	7,00
Aplicações Militares — Cap. Marcio de Menezes	16,00
Aspéto Geográfico Sul-Americano — Cel. Mario Travassos	6,00
As Condições Geográficas e o P. M. Brasileiro — Coronel M. Travassos (*)	6,00
Bandeira do Brasil — Cap. Janary Jentil Nunes	11,00
Boletim n.º 3 — Cel. Araripe e Lima Figueiredo	11,00

(*) — Este sinal indica que a obra foi publicada pela C.M.E.C.I.
 "A Defesa Nacional".

BATALHÕES DE FRONTEIRA — (praças).

— São extensivas às praças dos Batalhões de Fronteira da 8.^a Região Militar as disposições de decreto n. 9.763, de 19 de junho de 1942. (Aviso n. 17, de 5 — D. O. de 7-1-44).

BRIGADA DE INFANTARIA — (criação)

E' criada, para instalação imediata, a 1.^a Brigada de Infantaria da 7.^a Divisão de Infantaria — tipo especial, orgânica da 7.^a Região Militar, com sede em Maceió — Estado de Alagoas, sob o comando de general de brigada. Para constituir a 1.^a Brigada de Infantaria de que trata o artigo anterior serão aproveitados os elementos de tropa e de serviço já existentes em território da 7.^a Região Militar, a critério do Ministro da Guerra autorizado a baixar os atos administrativos que se fizerem mister para a execução do presente decreto-lei.

(Decreto Lei n. 6181, de 6 — D. O. de 8-1-44).

E' criada, para instalação imediata, a 2.^a Brigada de Infantaria da 7.^a Divisão de Infantaria — tipo especial, orgânica da 7.^a Região Militar, com sede em João Pessoa — Estado da Paraíba, sob o comando de general de brigada.

Para constituir a 2.^a Brigada de Infantaria de que trata o artigo anterior serão aproveitados os elementos de tropa e de serviço já existentes em território da 7.^a Região Militar, com sede em João Pessoa — Estado da Paraíba, sob o comando de general de brigada.

Para constituir a 2.^a Brigada de Infantaria de que trata o artigo anterior serão aproveitados os elementos de tropa e de serviço já existentes em território da 7.^a Região Militar, a critério do Ministro da Guerra.

Fica o Ministro da Guerra autorizado a baixar os atos administrativos que se fizerem mister para a execução do presente decreto-lei.

(Dec. Lei n. 6.182, de 6 — D. O. de 8-1-44).

CAMPO DE GERICINÓ — (instalações).

I — No sentido de dotar o atual Campo de Gericinó das indispensáveis instalações que o possam tornar um eficiente recinto de instrução, nomeio a comissão abaixo, com a missão de, após meticoloso estudo, apresentar, com urgência, um plano de conjunto das modificações a introduzir e os palpites de minúcias das organizações a realizar.

II — A Comissão será presidida pelo coronel Juarez do Nascimento Fernandes Tavora e composta dos Ten. Cel. José Teófilo Arruda, Ten. Cel. Hugo Panasco Alvim, Major Adolfo Pavel e Major Irácio Carneiro de Azambuja.

(Aviso n. 3.201, de 30-12-43 — D. O. de 3-1-44).

CENTRO DE I. D. A. Ae. — (Provas de seleção)

— As R. M. deverão providenciar para a realização das provas de seleção conforme o que preceituam as instruções (artigo 5.^º) baixadas com a Portaria n. 5.610, de 24-11-1943 para os candidatos ao Curso D do C.I.D.A.Aé. Deverão concorrer às provas de seleção:

1. ^a R. M.	
1. ^a R. M.	10
2. ^a R. M.	10
3. ^a R. M.	10
4. ^a R. M.	5

A EDUCAÇÃO NO ESTADO DO PARÁ

Um dos problemas que o Interventor Magalhães Barata atacou, com decisão, logo que se achou á frente dos destinos da terra paraense, foi o da educação.

Espirito esclarecido, sabendo o quanto se faz preciso alargar o ensino e aperfeiçoar-lhe os métodos, o chefe do Executivo paraense traçou diretrizes acertadas para criar novas escolas em todo o Estado, como transmitiu ordens diretas aos responsaveis pelo setor educação afim de que, com presteza, fossem adotadas providencias tendentes a acelerar, não só na capital, mas em todos os municípios, os mais longinquos, o ensino primário.

Desse modo, apenas num ano de administração, o governo do correto soldado oferece um quadro de realizações admiraveis em prol do ensino, tendo feito inaugurar novas escolas e dando, assim, á infancia do Pará meios de educar-se para, no futuro, serem dignos da sociedade e afirmarem a excelencia de um governo e a clarividencia de um regime.

Ainda agora, encontra-se no Rio o dr. Cunha Coimbra, diretor da Biblioteca e Arquivo do Estado do Pará, que vem de proferir memorável conferencia no Instituto de Ciências Politicas desta capital. Homem de pensamento, observador atento da vida paraense, escritor de altos méritos, o dr. Cunha

(Continua na pág. 336)



Inauguração, pelo Chefe do Estado, Cel. Magalhães Barata, de uma "escola reunida", no interior paraense. Os locais, numa avidez palpitante, querem admirar o preclaro militar.

5. ^a R. M.	10
7. ^a R. M.	20
9. ^a R. M.	5
10. ^a R. M.	5

Essas provas deverão ser realizadas nos dias 27 e 28 do corrente mês, em todas as Regiões.

(Aviso n. 3.149, de 23 — D. O. de 27-12-43).

CENTROS E NUCLEOS DE P. O. R. — (trancamento de matrícula).

— É facultado o trancamento da matrícula nos Centros e Núcleos de Preparação de Oficiais da Reserva aos reservistas convocados, casados anteriormente às suas incorporações e atuais alunos dos mesmos Centros e Núcleos.

(Aviso n. 3.202, de 30-12-43 — D. O. de 3-1-44).

C. P. O. R. DE S. PAULO — (tipo).

— O C. P. O. R. de São Paulo passa a ser do tipo I. — Essa elevação não implicará para o corrente ano letivo, em aumento do efetivo de alunos.

(Aviso n. 61, de 12. D. O. de 14-1-944).

CERTIFICADO DE INSTRUÇÃO — (aprova)

— Aprovo o modelo do Certificado de Instrução Pré-Militar, de que trata o artigo 11 do decreto-lei n. 4.642, de 2 de setembro de 1942.

(Aviso n. 29, de 6 — D. O. de 8-1-44).

CIRCUNSCRIÇÕES DE RECRUTAMENTO — (efetiva)

— Tendo em vista o que solicitou a Diretoria das Armas, declaro que as 3.^a e 10.^a Circunscrições de Recrutamento contarão com mais seis soldados burocratas cada uma, além do efetivo fixado pelo aviso n. 2.780 de 17 de novembro de 1943.

(Aviso n. 74, de 6 — D. O. de 17-1-944).

COMBUSTIVEL — (recomendações)

I. — Tendo em vista a precária situação de combustível, especialmente de gásolina, em todo o território nacional, nos próximos meses, recomenda a rigorosa observância das instruções em vigor sobre o assunto.

II. — Recomenda ainda, e muito especialmente, o seguinte:

Rigorosa fiscalização sobre o consumo de combustível, mediante adequada escrituração dos percursos efetuados pelas viaturas.

Restrição do uso das viaturas de transportes de pessoal e material, inclusive ônibus, caminhonetes e motocicletas, aos casos de absoluta necessidade de serviço;

Limitação do emprêgo dos carros de comando, de reconhecimento e, em geral, das viaturas de tipo militar, exclusivamente aos trabalhos de instrução, ficando o seu uso restrito, consequentemente, aos militares em uniforme; Suspensão dos exercícios que exijam deslocamentos de viaturas fora do recinto dos quartelamentos, até nova ordem;

Intensificação do uso do gasogênio pelas viaturas de transporte corrente, de tipo comercial, inclusive ônibus e caminhonetes;

Fixação em 40 quilômetros da velocidade — máxima para todas as espécies de viaturas, em qualquer circunstância.

III. — Pelo mesmo motivo, determino também:

A supressão dos aumentos de quotas previstos para o corrente ano;

A suspensão de todos os suprimentos extraordinários;



Num dos municipios da zona do Salgado, s. excia. o sr. coronel Magalhães Barata conversa com as crianças.

Coimbra, em sua conferencia, teve occasião de traçar um significativo esquema das atividades culturais e do avanço do ensino, naquele Estado, após a investidura do Interventor Magalhães Barata.

Através os periodos de sua palestra, onde não faltaram dados estatísticos, é facil, tomar-se conhecimento do carinho e da solicitude que o coronel Magalhães Barata dedica á causa do ensino e a todas as manifestações culturais dentro das fronteiras do Estado que lhe coube, pela segunda vez, administrar.

Hoje, as matriculas nas escolas primarias subiram numa proporção admiravel, revelando um surto magnifico no ensino e afirmindo a excelencia das novas escolas recem-inauguradas. Ha confiança e entusiasmo entre o professorado do Estado e das municipalidades. E, o que é mais significativo, as crianças dos municipios distantes, nas regiões fronteiriças, não deixam de alfabetizar-se, como outrora, por falta de estabelecimentos de ensino.

Esse um dos aspéitos mais expressivos da obra administrativa do governo do coronel Magalhães Barata, cuja capacidade realizadora, dinamismo, serenidade e patriotismo têm sido tantas vezes comprovadas.

A conferência do dr. Cunha Coimbra facilitou aos cariocas travarem conhecimento com essa esplêndida ação, em favor da cultura e do ensino, que vai pela formosa terra do assaí.

A previsão de uma redução de 20 % nas quotas em vigor, mediante reajustamento das respectivas tabelas, tendo em conôta as necessidades mais imperiosas das diversas unidades, de tal modo que possa fazer-se face a uma provável agravamento da crise de combustíveis. Para êste fim, a Diretoria de Moto-Mecanização entrará em entendimento com os comandantes de Região, e diretores e chefes de serviço.

IV — Os órgãos de comando e de administração, nos diversos escalões, deverão exercer constantes e efetiva fiscalização, para assegurar o exato cumprimento das instruções acima.

(Aviso n. 96, de 15 — D. O. de 19-1-944).

COMISSÃO CENTRAL DE REQUISIÇÕES — (relações)

— Os comandantes de Região Militar devem providenciar para que se envie à Comissão Central de Requisições uma relação contendo os nomes das autoridades que, durante os movimentos revolucionários de 1930 e 1932, estavam investidas de autorização para fazer requisições.

(Aviso n. 3.199, de 3-12-43 — D. O. de 3-1-944).

COMISSÃO G. R. M. E. U. — (cargo extinto)

— Fica extinto o cargo de subchefe da Comissão Central de Recebimento de Material dos Estados Unidos, criado por Aviso n. 1.968, de 6-8-43, para ser exercido conjuntamente pelo fiscal administrativo da mesma Comissão, ficando conservado, entretanto, êste último cargo.

(Aviso n. 83, de 15 — D. O. de 18-1-944).

COMISSÃO DE PROMOÇÕES — (membros)

— Foram nomeados Membros da Comissão de Promoções do Exército os seguintes oficiais generais :

Como presidente — General de Divisão Maurício José Cardoso, em caráter permanente.

Generais de Divisão José Pessoa, Cavalcante de Albuquerque e Valentim Benício da Silva, em caráter temporário.

(Decreto de 24 — D. O. de 28-12-43).

COMPANHIA ESPECIAL DE MANUTENÇÃO — (criação).

E' criada, de acordo com o decreto-lei n. 5.958, de 1 de novembro de 1943, com sede definitiva em Campinas — Estado de São Paulo — e instalação provisória nesta Capital a 1.^a Companhia Especial de Manutenção.

(Decreto Lei n. 6.185, de 6 — D. O. de 8-1-44).

CORPO DE TROPA — efetivo).

— Fica sem efetivo, até ulterior deliberação, o II-4.^º Regimento de Infantaria.

(Aviso n. 97, de 17 — D. O. de 19-1-944).

CURSO DE ARMAMENTO E METALURGIA — (distintivo)

— Aprovo o modelo de distintivo para o "Curso de Armamento e Metalurgia" da Escola Técnica do Exército, de vez que pelo atual Regulamento da mesma Escola, estão unificados os Cursos de Armamento e de Metalurgia.

(Aviso n. 3.045, de 14 — D. O. de 23-10-43).

DEPOSITO R. DE MATERIAL DE ENGENHARIA — (contingente)

O Contingente do Quartel General da 7.^a Região Militar fica aumentado do seguinte pessoal, afim de atender às necessidades do Depósito Regional de Engenharia:

LIVROS À VENDA NA BIBLIOTECA DA
C.M.E.C.I. "A DEFESA NACIONAL"

	Cr\$
Breviário do Recruta — Cap. Frederico Trota	5,00
Cartilha da Mocidade — Cap. Micaldas Corrêa (*)	6,00
Caderneta de Ordens e Partes	11,00
Caderneta de Ordens e Partes (blocos)	3,00
Gaderneta de Campanha do Cap. — Cap. Nelson Boiteux	13,00
Comandar — Major Niso Viana Montezuma	7,00
Concepção do Vitória entre os Q. Generais — Capitão F. Mindelo	21,00
Coletânea de Leis e Decretos 1544 a 1938 — Major Beneto Lisboa	13,00
Contribuição da Guerra Brasil B. Ayres — Gen. Bertoldo Klinger (*)	13,00
Código de Justiça Militar — Ten. Cel. José Faustino da Silva	27,00
Dispersão do Tiro — Ten. Cel. Arnaldo Morgado da Hora	12,00
Do Brasil à Itália — Gen. Newton Braga	8,00
Educação Física Militar — Maj. Gutemberg Ayres de Miranda	10,00
Educação Física Feminina — Cap. Jair Jordão Ramos	3,00

(*) — Este sinal indica que a obra foi publicada pela C.M.E.C.I.
"A Defesa Nacional".

Segundo Tenente (convocado) — 1.

Terceiro Sargento — 1.

Soldados — 2.

(Aviso n. 35, de 6 — D. O. de 8-1-44).

DESTACAMENTO DE NATAL — (criação)

E' criado, para organização imediata, o Destacamento de Natal, com sede em Natal — Estado do Rio Grande do Norte, orgânico da 7.^a Região Militar, sob o comando de general de brigada.

Para constituir o Destacamento de que trata o artigo anterior serão aproveitados os elementos de tropa e de serviço já existentes em território da 7.^a Região Militar, a critério do Ministro da Guerra.

Fica o Ministro da Guerra autorizado a baixar os atos administrativos que se fizerem mister para a execução do presente decreto-lei.

(Decreto Lei n. 6.180, de 6 — D. O. de 8-1-44).

DIRETORIA DAS ARMAS — (Flâmula)

— Aprovo o modelo da Flâmula da Diretoria das Armas.

(Aviso n. 3.186, de 28 — D. O. de 3-12-43)

DIRETORIA DE RECRUTAMENTO — (atribuições)

— Entre as atribuições da Diretoria de Recrutamento inclue-se:

a) — a de designar a Região Militar em que deve servir o oficial da reserva ou do Exército de 2.^a linha, levando em conta a residência e as vagas existentes;

b) — a de transferir de uma Região Militar para outra os oficiais da reserva ou do Exército de 2.^a linha, para atender não só as mudanças de residência, mas também para permitir um equilíbrio no preenchimento das vagas.

(Aviso n. 3.169, de 17 — D. O. de 29-12-43).

DISTINTIVOS DE PRAÇAS — (aprova).

— Aprovo as insignias de comando e os distintivos de praças das unidades abaixo relacionadas:

Brigada Mista de Infantaria;

Brigada Mista de Cavalaria;

Brigada Mista Motorizada;

Brigada Moto-Mecanizada;

Destacamento;

Artilharia de Costa Regional.

(Aviso n. 12, de 4 — D. O. de 6-1-44).

DIVISÃO DE INFANTARIA — (extinção).

E' extinta, nesta data, a 7.^a Divisão de Infantaria (7.^a D. I.) orgânica da 7.^a Região Militar, com sede em Recife — Estado de Pernambuco, criada pelo decreto-lei n. 4.701-A, de 17 de setembro de 1942, revogadas as disposições em contrário.

(Dec. Lei n. 6.174, de 6 — D. O. de 8-1-44).

E' extinta, nesta data, a 14.^a Divisão de Infantaria (14.^a D. I.), orgânica da 7.^a Região Militar, com sede em João Pessoa — Estado da Paraíba, criada pelo decreto-lei n. 4.704-A de 17 de setembro de 1942, revogadas as disposições em contrário.

(Dec. Lei n. 6.179, de 6 — D. O. de 8-1-44).

A Defesa Nacional

ja contou entre os seus Diretores com a honrosa cooperação do Ministro General Eurico Dutra, que, sob sua assinatura, proclama quanto tem sido proveitosa a atuação da revista, atingindo às mais longínquas guarnições militares do Brasil, nos seguintes termos:

Na data em que a "A Defesa Nacional" comemora seu 30º aniversário, é com prazer que assinalo o quanto tem sido proveitosa sua atuação no sentido de propagar pelo Brasil, até às mais longínquas guarnições, o conhecimento de assuntos técnico-militares, além de informações de interesse geral, igualmente úteis a todos quantos operam em prol do engrandecimento nacional.

É-me grato felicitar-vos nesta data, recordando-me do tempo em que fiz parte da Diretoria dessa benemérita Revista. (a) Eurico G. Dutra.

O ESTADO DE SÃO PAULO, um dos órgãos líderes da Imprensa Brasileira, assim se refere à revista:

"A tarefa que se impuzeram os oficiais que a fundaram e que vêm realizando os elementos de elite, escolhidos para dirigí-la, exige um esforço ingente. As compensações morais, porém, não são poucas e a "A Defesa Nacional" tem obtido todo o prestigiamento das altas autoridades de guerra, e separando-se o joio do trigo, ainda que outras publicações dignas de respeito circulem no país, ei-la funcionando em localização adrede preparada, por determinação do eminentíssimo General Eurico Gaspar Dutra, na própria sede do Ministério da Guerra.

Atingindo a uma soma de leitores superior a 50.000, esforça-se, agora, por ampliar essa alta cifra dando-lhe maior valor publicitário e continuando a servir à inteligência do Exército Brasileiro, programa que vem realizando desde o remoto 10 de Outubro de 1913, integrando-se, de forma indissoluvel, ao próprio destino do Exército.

Compõem, atualmente, sua Diretoria o Coronel Renato Batista Nunes e os Tenentes-Coronéis Lima Figueiredo, Djalma Dias Ribeiro e Batista Gonçalves. Esta pleia de incansaveis batalhadores, pelas medidas que vem pondo em execução, vai inscrever seus nomes, em letras de ouro, nos fastos da história de "A Defesa Nacional", em suas lutas pela grandeza do Exército Brasileiro".

Anuncie nas páginas de

A DEFESA NACIONAL

que fará publicidade eficiente

ISÃO DE INFANTARIA — (criação)

E' criada, na conformidade do que estabelecem os artigos 6.^º e 18 do decreto-lei n. 5.388-A de 12 de abril de 1943, para instalação imediata, a 7.^a Divisão de Infantaria — tipo especial, orgânica da 7.^a Região Militar, com sede em Recife, sob o comando de general de divisão.

Para constituir a 7.^a Divisão de Infantaria tipo especial, de que trata o artigo anterior, serão aproveitados os elementos de tropa e de serviço já existente na 7.^a Região Militar, a critério do Ministro da Guerra.

Fica o Ministro da Guerra autorizado a baixar os atos administrativos que se fizerem mister para a execução do presente decreto-lei.

(Decreto Lei n. 6.184, de 6 — D. O. d 8-1-44).

COLA DE ARTILHARIA DE COSTA — (instruções).

— O ministro de Estado da Guerra resolve aprovar as Instruções, para o Funcionamento dos Cursos da Escola de Artilharia de Costa, em 1944. (Portaria n. 5.880, de 6 — D. O. de 7-1-44).

COLA DE INTENDENCIA — (concurso de admissão)

— Autorizo o Comandante da Escola de Intendência do Exército a inscrever no concurso de admissão ao Curso de Formação daquele estabelecimento, a realizar-se em janeiro próximo vindouro, os candidatos cujos requerimentos deram entrada no protocolo da mesma Escola até 20 de dezembro corrente, desde que satisfagam às demais condições regulamentares. O aludido comandante deverá requisitar, imediatamente, a apresentação dos candidatos que forem inscritos no referido concurso.

(Aviso n. 1.419, de 23 — D. O. de 27-12-43).

SCOLA MILITAR — (media).

— Tendo em vista o disposto no art. 100 das Disposições Transitórias do regulamento da Escola Militar de 1942, o exame final da 2.^a aula do 2.^º ano do de 1940 e o de 4.^a aula do 3.^º do de 1942, será tomado em conjunto, pela média aritmética dos graus obtidos no exame final de cada uma dessas disciplinas, sendo considerados aprovados os que tenham obtido grau 4 nessa média aritmética, e sem grau inferior a 3 no exame final de qualquer uma das partes.

(Viso n. 82, de 6 — D. O. de 17-1-944).

— Na conformidade do § 2.^º do artigo 163 da 2.^a Parte do Regulamento da Escola Militar, fica o efetivo desse Estabelecimento aumentado de um sub-tenente da arma de Artilharia.

(Aviso n. 82, de 6 — D. O. de 17-1-944).

— Na conformidade do § 2.^º do artigo 163 do 2.^a Parte do Regulamento da Escola Militar, fica o efetivo desse Estabelecimento aumentado de um sub-tenente da Arma de Artilharia.

(Aviso n. 82, de 14 — D. O. de 19-1-944).

COLA MILITAR DE RESENDE — (Instruções)

— O ministro de Estado da Guerra resolve de acordo com a atribuição que lhe confere o art. 4.^º do decreto-lei n. 6.012, de 19 de novembro de 1943, aprovar as instruções, que com esta baixam, para a organização do comando e funcionamento da Escola Militar de Rezende, em 1944.

(Portaria n. 5.890, de 12 — D. O. de 14-1-944).

— O Diário Oficial n. 15, de 19-1-944, publica o Quadro de efetivo de praças para 1944, da Escola Militar de Rezende, com o seguinte resumo:

REPRESENTAÇÃO
DE
A DEFESA NACIONAL

Ampliando a sua rede de sucursais em vários Estados do país **A DEFESA NACIONAL** desenvolve, também, a sua circulação e habilita-se a tornar mais eficiente a propaganda em suas páginas.

Tendo, outrossim, entregue a exclusividade de sua publicidade em todo o Brasil ao

BUREAU INTERESTADUAL DE IMPRENSA

a revista por excelência do Exército acha-se habilitada a receber anuncios e toda a demais matéria respectiva através dos representantes desta prestigiosa organização abaixo discriminados:

São Paulo — Mario Herédia, Rua Barão de Paranaíacaba, 61 — 4.^o andar.

Curitiba — Percival Loyola, Rua 15 de Novembro, 573.

Porto Alegre — Arthur Batista Gonçalves, Rua Shuller, 44.

Recife — Aristofanes da Trindade, Travessa Madre de Deus, 113.

Anuncie nas páginas de
A DEFESA NACIONAL

que fará publicidade eficiente

50.000 LEITORES EM TODO O BRASIL

RESUMO

Subtenente	2
1.º Sargento	2
2.º Sargento	22
3.º Sargento	30
Cabos	55
Soldados	213
Corneteiros 1.ª classe	6
Corneteiros 2.ª classe	6
Total	336

(Portaria n. 5.901, de 12 — D. O. de 19-1-944).

COLA VETERINARIA DO EXERCITO — (matricula)

— E' fixado, do seguinte modo, o número de matrículas na Escola de Veterinária do Exército, em 1944:	
Curso de Formação de Oficiais Veterinários	15
Curso de Formação de Sargentos Enfermeiros	20
Curso de Formação de Sargentos-Mestres Ferradores	20
(Aviso n. 3.210, de 30-12-43 — D. O. de 5-1-44).	

ESTABELECIMENTO DE SUBSISTÊNCIA DA 4.ª R. M. — (Tabela numérica de pesoal)

Fica criada a Tabela Numérica de Mensalista do Estabelecimento de Subsistência da 4.ª Região Militar, da Subdiretoria de Subsistência do Exército, da Diretoria de Intendência do Exército, do Ministério da Guerra, com as seguintes funções:

- 4 amanuense auxiliar, referência XII
- 3 amanuense auxiliar, referência XIII
- 1 amanuense auxiliar, referência XIV
- 3 auxiliar de escritório, referência VII
- 1 auxiliar de escritório, referência VIII
- 1 auxiliar de escritório, referência IX.

A despesa com a execução deste decreto, na importância de Cr\$ 91.800,00 (noventa e um mil e oitocentos cruzeiros) anuais, correrá à conta das rendas do Estabelecimento acima, na forma do art. 1.º do decreto-lei n. 3.490, de 12 de agosto de 1941.

(Decreto n. 14.493, de 12 — D. O. de 14-1-944).

APAS — (valores).

— O Diário Oficial n. 9, de 12-1-944, publica na íntegra, a Tabela Geral de Fixação dos valores de etapas, a vigorar no 1.º semestre de 1944, organizada de acordo com o disposto no art. 99 do Regulamento para os Estabelecimentos de Subsistência Militar, e aprovada pelo Aviso n. 3.035, de 14 de Dezembro de 1943.

RÇAS EXPEDICIONÁRIAS — (autorização)

— Autorizo os comandantes de Região Militar a admitir nos corpos de tropa, como convocados, os brasileiros natos que se apresentarem espontaneamente, contem mais de 18 e menos de 30 anos de idade e satisfaçam

LIVROS À VENDA NA BIBLIOTECA DA
C.M.E.C.I. "A DEFESA NACIONAL"

	Cr\$
Educação Moral do Soldado — Cap. Frederico Trota ..	10,00
Emprego Tático das Transmissões — Cel. Paulo Bolivar Teixeira	17,00
Ensaio Sobre Instrução Militar — Cap. José Horacio Garcia	13,00
Estratégica do Terror — Trad. Cel. J. B. Magalhães (*)	15,00
Estudo sobre Granadas de Mão e Fuzil — Cap. Moacyr N. Assunção	11,00
Exercício de Combate de Companhia — Maj. Alcebiades Tamoyo	18,00
Exterior e Julgamento dos Equídeos — Walter Jardim	30,00
Fenômeno Militar Russo — Cel. J. B. Magolhães	30,00
Fenomeno Militar Russo, desconto de 10% aos Assinantes da Rev. "Defesa Nacional"	27,00
Fichário para Inst. de Educação Física — Cap. Jair J. Ramos	16,00
Formulário do Contador — Cap. José Salles	5,00
Guerra da Sucessão, Separata n.º 53 — Ten. Cel. Arthur Carnauba (*)	5,00

(*) — Este sinal indica que a obra foi publicada pela C.M.E.C.I.
"A Defesa Nacional".

as condições de aptidão física exigidas para as praças que se destinam à Fôrça Expedicionária.

A inclusão fica condicionada à existência de claros a preencher.

(Aviso n. 18, de 5 — D. O. de 27-1-44).

GENERAL GOMES CARNEIRO — (comissão).

— Para que maior pompa tenham as solenidades a serem levadas a efeito em plages paranaenses, por ocasião do cinquentenário do general Antônio Gomes Carneiro — o herói da Lapa — resolvo nomear presidente de Honra da Comissão Central dos Festejos Comemorativos, o senhor Manoel Ribeas, interventor do Estado do Paraná, o Dr. Nereu Ramos, interventor do Estado de Santa Catarina e o general de Divisão Heitor Augusto Borges, comandante da 5.^a Região Militar.

UPOS DE REGIÕES MILITARES — (Sédes)

— Deve ter imediata execução o disposto no § 3.^º do art. 2.^º do decreto número 8.505, de 30 de dezembro de 1941 (Bol. do Exército n. 8, de 21 de fevereiro de 1942, pág. 520), segundo o qual "as Inspetorias de Grupos de Regiões Militares terão suas sedes, inicialmente, a do 1.^º Grupo em Recife, a 2.^º em Pôrto Alegre e a do 3.^º Grupo no Rio".

(Aviso n. 3.185, de 28 — D. O. de 30-12-43).

TORICO DÁ VIDA DOS MILITARES — (Elogios).

— Para fins de escrituração do histórico da vida dos militares e das "Fichas" para promoção, devem ser assim considerados os elogios, individual ou coletivo:

Individual — O que tem o cunho mapeante da atividade individual, isto é, o que põe em relevo a atividade individual no desempenho de missão ou cargo, por conhecimentos profissionais ou culturais, ou ainda por atos que revelem qualidades morais.

E' necessário e indispensável seja cada militar louvado em termos diferentes ou separadamente.

Coletivo — quando os mesmos termos de um louvor se destinam a vários militares.

O Boletim do Exército n. 22, de 20 de abril de 1934 (pág. 956) exemplifica.

Outrossim, a autoridade que louvar os seus comandados ou subordinados faça constar no fim do louvor seguinte: (Coletivo) ou (Individual).
(Aviso n. 3.112, de 20 — D. O. de 22-12-43).

HITAL MILITAR — (contingente)

— O Hospital Militar de Santiago do Boqueirão, Estado do Rio Grande do Sul, terá o seguinte contingente:

Enfermeiros — Um primeiro sargento.

Um segundo sargento.

Dois tecreiros sargentos.

Manipulador de radiologia: Um terceiro sargento.

Manipulador de radiologia: Um terceiro sargento.

Um terceiro sargento e dois cabos, de qualquer arma.

(Aviso n. 5, de 3 — D. O. de 5-1-44).

ANTARIA DIVISIONARIA — (extinção).

E' extinta, nesta data, a Infantaria Divisionária da 7.^a Divisão de Infantaria (I. D.D./7), orgânica da 7.^a Região Militar, com sede em Recife — Estado de Pernambuco, criada pelo decreto-lei n. 4.702-A, de 17 de setembro de 1942, revogadas as disposições em contrário.

A Defesa Nacional

em

SÃO PAULO

A representação exclusiva desta revista no Estado de São Paulo, capital e interior, está a cargo do Bureau Interestadual de Imprensa, cuja sucursal se acha instalada na Rua Barão de Piranapiacaba, 61 - 4.^o andar, — Telefone 2-5841.

Os interessados pôdem dirigir-se ao endereço supra para anuncios, assinaturas, etc.

Chefe da Sucursal: — Mario Herédia.

Só podem efetuar recebimento de contas de **A DEFESA NACIONAL** os cobradores devidamente autorizados pelo chefe da Sucursal do B.I.I.



**Anunciar na A Defesa Nacional é fazer
publicidade eficiente.**

(Dec. Lei n. 6.175, de 6 — D. O. de 7-1-44).

E' extinta, nesta data, a Infantaria Divisionária da 14.^a Divisão de Infantaria (I.D/14), orgânica da 7.^a Região Militar, com sede em Natal — Estado do Rio Grande do Norte, criada pelo decreto-lei número 4.705-A de 17 de setembro de 1942, revogadas as disposições em contrário.

(Decreto Lei n. 6.177, de 6 — D. O. de 8-1-44).

INSUBMISSOS — (solução de consulta)

— Tendo em vista o decreto-lei n. 10.451, de 1 de setembro de 1942, que determinou a mobilização geral em todo território nacional e o § 2.^º, art 16 do decreto-lei n. 4.766, de 1 de outubro de 1942, consulta o comandante da 4.^a R. M. se os sorteados ora convocados e não apresentados dentro do prazo fixado para sua inscrição, devem ser considerados insubmissos, de acordo com o art. 17, do decreto-lei n. 1.187, de 4 de abril de 1939 ou se *desertores*, de acordo com o item II do § 2.^º do art. 16, do decreto-lei n. 4.766, de 1 de outubro de 1942.

Opina o Comandante da Região que os mesmos devem ser considerados insubmissos.

Em solução declaro :

a) os sorteados convocados não apresentados devem ser considerados como insubmissos, nos termos do art. 176, do decreto-lei n. 1.187, de 4 de abril de 1939, e a elas deverão ser aplicadas as penalidades previstas no art. 186, da mesma lei, agravadas com a situação de beligerância em que se encontra o país.

b) a estes insubmissos não deverá ser atribuído o texto do decreto-lei n. 4.766, de 1-10 de 1942, em virtude da convocação dos mesmos não ter sido ocasionada pelo Estado de Guerra e sim por uma obrigação estatuída no art. 1.^º do decreto-lei n. 1.187, de 4 de abril de 1939, obrigatoriedade esta vigorante em tempo de paz como no de guerra.

(Aviso n. 3.173, de 28 — D. O. de 30-12-43).

JUSTIÇA MILITAR — (curso de emergência)

— Devendo ultimar-se, em breve, a elaboração de várias leis militares, cujo estudo constitui a parte fundamental do Curso de Emergência para a Formação da Reserva da Justiça Militar, o que obriga, nessa parte, à revisão do seu programa, e considerando aconselhável que se conclue primeiramente esse reajustamento, para, então, se fixar a data da inauguração das aulas, resolvo adiar o início do referido Curso e, em consequência, permitir a abertura de nova inscrição para os candidatos que satisfizerem aos requisitos exigidos até o fim de fevereiro próximo, respeitados as normas estabelecidas no Aviso n. 1.906, de 2 de agosto, com as modificações constantes do Aviso n. 2.648, de 27 de outubro, ambos de 1943.

(Aviso n. 92, de 15 — D. O. de 18-1-944).

LICENCIAMENTO DE PRAÇAS — (suspenção)

— As praças voluntárias alistadas de acordo com o aviso n. 2.201, de 26 de agosto de 1942, estão compreendidas na ordem geral de suspensão de licenciamento, sem que, no entanto, fiquem excluídas das ordens particulares de baixa do serviço, como as que já foram expedidas com os avisos números 2.243 e 8, de 5-X-43 e 3-I-44, respectivamente.

(Aviso n. 26, de 5 — D. O. de 7-1-44).

MAPA DE CONTINGENTES — (aprovação)

— Aprova o mapa dos Contingentes a serem fornecidos pelos Estados compreendidos na 2.^a Zona de Alistamento Militar, para encorpulação no pri-

LIVROS À VENDA NA BIBLIOTECA DA
C.M.E.C.I. "A DEFESA NACIONAL"

	Cr\$
Guia para Instrução Militar na Tropa — Major Ruy Santiago	21,00
Guia para o Cmte. do Pelotão de Fuzileiros - 2. ^a parte Maj. A. Tamoyo	13,00
História do Duque de Caxias — Cap. Frederico Trota	5,00
História Militar do Brasil — Gustavo Barrozo	11,00
Indicador Alfabético — Odon Antonio Braga	3,00
Indicador Paranhos 15-XI-928 a 31-XIII-935 — Eurico Paranhos	13,00
Indicador Paranhos de 1936 — Eurico Paranhos	7,00
Instrução de Transmissões — Cel. Lima Figueiredo	16,00
Instrução na Cavalaria — Major João de Deus Mena Barreto	11,00
Instrução na Cavalaria, Separata n. ^o 54 — Major J. Horacio Garcia	5,00
Impressão de Estágio no Ex. Francês — Cel. J. B. Magalhães	4,00
Instrução de Obs. Corpos de Tropa — Ten. Cel. A. B. Gonçalves	9,00
Invasão e Tomada das Ilhas Bálticas — Cap. J. J. Gomes da Silva	5,00

meiro dia útil de março de 1945, mapa que foi remetido pela Diretoria de Recrutamento, com o Ofício n. 7.015-R-2, de 4 do corrente mês.
(Aviso n. 3.164, de 24 — D. O. de 28-12-43).

ATERIAL DE TRANSMISSÕES — (reajustamento)

— I — Há necessidade premente de estabelecermos, em curto prazo, um plano geral de reajustamento do material de transmissões, na conformidade do adiantamento da técnica moderna.

II. — Nesse sentido será organizada uma Comissão com o fito de estabelecer os tipos dos meios de transmissões necessários aos diferentes escalões de combate, a serem empregados nas várias fases da batalha.

III — Após concluído esse estudo organizará um plano no qual sejam claramente, indicados:

- a orientação de produção da Fábrica de Transmissões;
- a cooperação da indústria civil brasileira;
- o aproveitamento do material existente.

IV — A Comissão será presidida pelo ten. cel. Benjamin Rodrigues Galhardo, comandante da Escola de Transmissões e dela farão parte: Ten. Cel. Luiz Augusto da Silveira, do E.M.E.; Major James Franco Masson, da Diretoria de Transmissões, Major Hugo Antônio Pradal, da Fábrica de Transmissões e 1.º Ten. Hervé Berlandez Pedrosa.

(Aviso n. 3.200, de 30-12-43 — D. O. de 9-1-44).

OFICIAIS GENERAIS — (Comissão)

Foi nomeado o General de Brigada Canrobert Pereira da Costa Secretário Geral do Ministério da Guerra.

— Havendo recebido nova e honrosa comissão do Governo, qual a de Embaixador e Delegado do Brasil na Comissão Consultiva de Emergência para a Defesa Política do Continente, acaba de deixar as altas funções de Chefe do Estado Maior do Exército, o general de Divisão Pedro Aurelio de Góis Monteiro.

— Distinguido pelo Governo com a nomeação para as altas funções de Chefe do Estado Maior do Exército, acaba de deixar o Comando da 1.ª Região Militar e 1.ª Divisão de Infantaria o Sr. general de Divisão Mauricio José Cardoso.

(Aviso n. 3.164 e 3.165, de 27 — D. O. de 3-12-43).

OFICIAIS DA RESERVA — (uso de uniforme)

— I — Tendo surgido dúvidas no interceptar os artigos 96 e 97 do Estatuto dos Militares combinados com os de ns. 25 e 26 do Regulamento de Uniformes do Pessoal do Exército (R. U. P. E.), declaro que os oficiais da reserva não convocados podem usar os uniformes do Exército, porém com os distintivos privativos da reserva, desde que a passeio e fora do exercício de quaisquer atividades civis.

II — Esses oficiais, quando fardados, ficam submetidos, como os da ativa ou convocados, às exigências de todos os regulamentos militares.

III. — Aplicar-se-á aos oficiais da reserva não convocados a sanção do artigo 26 do Regulamento de Uniformes do Pessoal do Exército com publicidade ostensiva do nome do transgressor e do motivo, nos casos previstos na letra b do artigo 12 e nos ns. 42, 62, 64, 65, 82, 84, 99, 101, 102, 113, 117, 120 do artigo 13, tudo do Regulamento disciplinar do Exército.

(Aviso n. 101, de 17 — D. O. de 19-1-944).

A P U B L I C I D A D E
N A
A D E F E S A N A C I O N A L

Comunicamos ao público, em geral, ao comércio e indústrias do país e aos nossos anunciantes do Rio de Janeiro e dos Estados, em particular, que todo o serviço de publicidade está a cargo do

BUREAU INTERESTADUAL DE IMPRENSA

com escritório à

PRAÇA MAUÁ, 7 — 13.^º andar

Telefones: 43-9918, 23-1451 e Oficial 2-515

Caixa Postal, 365 — End. Teleg.: "Bureau"

S u c u r s a i s

São Paulo — Mario Herédia, Rua Barão de Paranápiacaba, 61 — 4.^º andar.

Curitiba: — Percival Loyola, Rua 15 de Novembro, 573

Porto Alegre — Arthur Gonçalves, Rua Shuller, 44

Recife — Aristofanes da Trindade, Travessa Madre de Deus, 113.

No Rio de Janeiro, só o cobrador do Bureau devidamente credenciado, com a respectiva carteira, está autorizado a receber contas, sendo vedado fazê-lo a qualquer agente ou outro auxiliar.

OFICIAIS REGIONAIS DO S. M. B. — (efetivo)

— Declaro que o efetivo das Oficinas Regionais do Serviço de Material Bélico da 2.^a Região Militar é de: um 1.^º sargento, quatro 2.^ºs sargentos, cinco 3.^ºs sargentos, oito cabos e nove soldados, afim de maior ser o rendimento da sua maquinária.

Aviso n. 75, de 6 — D. O. de 17-1 — 944).

ORGANIZAÇÃO DA 7.^a R. M. — (transformação)

— I Em virtude da transformanão operada na organização da 7.^a R. M.: O Q. G. da 7.^a D. I. especial — Recife (decreto-lei n. 6.184, de 6-1-44) absorve, por transferência, o material e o pessoal do Q. G. da extinta 7.^a D. I. normal;

o Q. G. da 1.^a Bda. de Inf. — Maceió (decreto-lei n. 6.181, de 6-1-944), absorve por transferência, o material e o pessoal do Q. G. da I.D/7 extinta (Recife), providenciando-se, em consequência, um urgência, sobre a transladação do pessoa el material para a sede do novo órgão;

o Q. G. da 2.^a Bda. de Inf. — João Pessoa (decreto-lei n. 6-1-944) absorve, por transferência, o pessoal e o material do Q. G. da 14.^a D. I. extinta no que lhe couber, de acordo com a sua constituição;

o Q. G. da Artilharia Divisionária da 7.^a D. I. especial — Recife (decreto-lei número 6.183 de 6-1-944), absorve, por transferência, todo material e o pessoal do Q. G. da extinta A. D/7;

o Q. G. do Destacamento de Natal — Natal (decreto-lei n. 6.180 de 6-1-944). absorve, por transferência, o pessoal e o material do Q. G. da I. D/14 extinta; o material pertencente ao Q. G. da A. D/14 — Campina Grande (extinta pelo decreto-lei n. 6.176 de 6-1-44), deverá ser recolhido aos erspectivos depósitos pelos órgãos regionais; o seu arquivo permanecerá no Q. G. da 7.^a D. I. especial; quanto ao seu pessoal será dado novo destino peols órgãos interessados.

II — Os Comandos (Região, D. I.) e as Repartições interessadas (E. M. E., D. A. etc) providenciaem, com urgência, para que no mais curto prazo se efetue a classificação ou a recuperação, quando fôr o caso, do pessoal respectivo dos órgãos ultimamente criados e extintos na 7.^a R. M. III — A absorpção do material pelos elementos ora criados e mandados instalar, será feita obedecendo o previsto nas tabelas de dotação de material respectivas, devendo ser completado, quando fôr o caso, pelo órgão competente.

(Aviso n. 73, de 6 — D. O. de 17-1-944).

PESSOAL ESPECIALISADO — (E. S. M.).

— O E. S. M. da 5.^a R. M., para atender ao seu efetivo de animais, deverá dispor do seguinte pessoal especializado:

1 (um) sargento enfermeiro veterinário;

1 (um) cabo ferrador; e

2 (dois) soldados ferradores.

(Aviso n. 3.162, de 27 D. O. de 29-12-43).

QUARTEIS GENERAIS — (instalação)

— São mandados instalar imediatamente, em suas respectivas sedes, os Quartéis Gerais da 7.^a D. I. especial (Recife), da 1.^a e da 2.^a Bda. Inf. da 7.^a D. I. especial (Maceió e João Pessoa, respectivamente), da Art. Div. da 7.^a D. I. especial (Recife) e do Destacamento de Nata (natal), (decretos-leis ns. 6.184, 6.181, 6.1N82, 6.183, e 6.180, todos de 6-1-1944).

(Aviso n. 72, de 6 — D. O. de 17-1-944).

LIVROS À VENDA NA BIBLIOTECA DA
C.M.E.C.I. "A DEFESA NACIONAL"

	Cr\$
Limites do Brasil — Cel. Lima Figueiredo (*).....	11,00
Manual de Orientação em Campanha — Cap. Antonio P. Lira	19,00
Manual da Socorrista de Guerra — Raul Briquet	21,00
Manoal de Nioac — Gen. Bertoldo Klinger	5,00
Memento do Artilheiro — Cap. Amir Borges Fortes (*)	11,00
Mais Uma Carga Camaradas — Gen. Benicio da Silva	21,00
Morteiro — Cap. Gutemberg Ayres de Miranda (*) ..	10,00
Moto-Mecanizados (A Defesa Contra Engenhos) — Capitão Hugo M. Moura	4,50
Noções de Desenho Topográfico — Cel. Arthur Paulino de Souza	16,00
Noções de Topografia de Campanha — Gen. Paes de Andrade (*)	11,00
Notas de emprego do Batalhão no Terreno — Comandante Audet	2
O Livro do Observador — Cap. Paladini	4,00
O Exército Alemão — Cel. Leony de Oliveira Machado	11,00
Os Pombos Correio e A Defesa Nacional — Dr. Freitas Lima (*)	26,00
	5,00

(*) — Este sinal indica que a obra foi publicada pela C.M.E.C.I.
"A Defesa Nacional".

RESERVISTAS CASADOS — (licenciamento)

— Devem ser licenciados do serviço ativo do Exército os cabos, reservistas casados anteriormente às suas encorporações.
 (Avis n. 8, de 3 — D. O. de 5-1-44).

SACO DE LONA — (caderno de encargo)

— Aprovo o Caderno de Encargo de Saco de Lona para roupa.
 (Aviso n. 28, de 6 — D. O. de 8-1-44).

SARGENTOS TRANSFERIDOS — (solução de consulta)

— Consulta o Sr. comandante da 5.^a Região Militar, em radiograma n. 868 S. F. R., se os sargentos quando transferidos devem ser abonados suplementares de que trata o artigo 162 do Código de Vencimentos e Vantagens dos Militares do Exército, durante o transito previsto pelo art. 359 do R. I. S. G.

Em solução deitaro:

Que aos sargentos na situação da consulta não devem ser abonadas as etapas do art. 162 do C. V. V. M. E. visto não estarem prontos nas respectivas unidades.

(Aviso n. 33, de 6 — D. O. de 8-1-44).

SERVIÇO DE REMONTA E VETERINÁRIA — (autorização)

I — Os diretores dos estabelecimentos abaixo enumerados, subordinados à Diretoria e dos Serviços de Remonta do Exército e Veterinária, após a devida comunicação aos cmtos. das Regiões Militares, em cujos territórios estão sediados, ficam autorizados a vir, ou mandar um oficial, mensalmente, a Capital Federal, para recebimento ou prestação de contas do numerário e trato de providências concernentes ao serviço.

II — Coudelaria Nacional de Pouso Alegre, Coudelaria Nacional de Minas Gerais, Depósito de Remonta de Monte Belo.

(Aviso n. 3.142, de 22 — D. O. de 24-12-43).

SERVIÇO DE SAÚDE DO EXÉRCITO — (Padronização)

— Fica incluído na "Padronização do Material Cirúrgico e Sanitário para o serviço de saúde em tempo de paz" sob o número de ordem 1.031-A, o transfusor — R. C., do capitão médico Dr. Rui Bueno de Arruda Câmara.

— Fica incluído na "Padronização do Material Cirúrgico e Sanitário para o Serviço de saúde em tempo de paz", sob o número de ordem 924-A, o semiocardiófono, do capitão médico Dr. Moacir Carlos Barroso.

— Fica incluído na "Padronização do Material Cirúrgico e Sanitário para o serviço de saúde em tempo de paz" com os números abaixo mencionados, o seguinte material cirúrgico de fabricação de Armando Staib:

702-A Mesa cirúrgica "Ideal" II.

702-B Mesa cirúrgica "Ideal" I.

702-C Mesa cirúrgica para orto-rinolaringologia.

703-A Mesa cirúrgica para orto-rinolaringologia.

703-B Mesa cirúrgica para urologia.

703-C Mesa cirúrgica para proctologia.

(Aviso n. 3.107, e 3.109, de 20 — D. O. de 22-12-43).

TRANSPORTE DE FAMILIAS — (prazo)

— Fica prorrogado por prazo indeterminado o direito a transporte por conta deste Ministério, concedido às famílias dos oficiais e praças, uma

LIVROS À VENDA NA BIBLIOTECA DA
C.M.E.C.I. "A DEFESA NACIONAL"

	Cr\$
O Surto no Japão — Maj. Nicanor G. de Souza	3,00
O Tiro de Artilharia de Costa — Cap. Ary Silveira	5,00
O Tiro da Seção do Morteiro Brandt 81 — Maj. J. A. Pavel	16,00
O Tiro de Grupo I. Rapida, Separata n.º 55 — Cap. B. B. Fortes (*)	6,00
O Serviço de Campanha na Arma de Cavalaria — Capitão A. Pereira Lira	15,00
Pequeno Manual do S. C. da Cavalaria — Major José H. Garcia (*)	12,00
Pedagogia de Educação Física — José Benedito de Aquino	16,00
Reto. de Educação Física - 1.ª Parte (*)	25,00
Reto. para Instrução dos Quadros e da Tropa (*)	3,00
Serviço de Informação e de Transmissões em Campanha G. Cortes	11,00
Sinalização a braços e ótica — Cel. Lima Figueiredo ..	3,00
Três anos de Ortografia S. Brasileira — Gen. Bertoldo Klinger	16,00
Tres anos de Ortografia S. Brasileira (para assinantes da Revista "Defesa Nacional")	12,00

(*) — Este sinal indica que a obra foi publicada pela C.M.E.C.I.
"A Defesa Nacional".

vez que a declaração prevista no parágrafo 6.º, item IV, do artigo 236 do Código de Vencimentos e Vantagens dos Militares do Exército tenha sido feita, no momento oportuno, nos serviços de embarque ou nas unidades administrativas.

(Aviso n. 3.191, de 29 — D. O. de 31-12-43).

TABELA DE VENCIMENTOS — (atelações)

— Fica prorrogado por prazo indeterminado o direito a transporte por decreto-lei n. 5.976, de 10 de novembro de 1943, o vencimento antigo de Cr\$ 189,00, ao qual corresponde o vencimento novo de Cr\$ 284,00, que também se inclue na referida Tabela.

O aumento ao pessoal que percebia aquele vencimento é devido a partir de 1 de dezembro de 1943.

(Dec. Lei n. 6.154, de 30-12-43 — D. O. de 3-1-44).

UNIFORME — (blusa de couro)

— Torno extensivo aos oficiais das Comissões de Construção de Estradas e das unidades empregadas nesses serviços, o uso do agasalho (blusa de cou marrom) de que trata o art. 146, fig. 108 (esquerda) do Regulamento de Uniformes do Pessoal do Exército.

(Aviso n. 3.114, de 20 — D. O. de 22-12-43).

ZONA COMPULSÓRIA — (tempo)

Deve ser computado como em "zona compulsória" todo o tempo que o oficial passou ou vier a passar destacado no litoral, em serviço de vigilâncias, qualquer que seja a Região Militar.

Não se descontará do tempo acima, o passado em Hospital por motivo de acidente ou moléstia adquirida em serviço.

(Aviso n. 3.113, de 20 — D. O. de 22-12-43).



PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

A Defesa Nacional recebeu, no período de 2 de Dezembro de 1943 a 20 de Janeiro de 1944, as seguintes publicações:

- 1 — "Visão Brasileira" n. 65 — Dezembro de 1943 — Rio.
- 2 — "Revista de Las Fuerzas Armadas" — n. 2 — 3 — Set. e Out. de 1943
- Equador.
- 3 — "Endeavour" — r. 6 — Abril de 1943 — Inglaterra.
- 4 — "Revista del Suboficial" — n. 297 — Novembro de 1943. — Argentina.
- 5 — "Revista Militar del Perú" — n. 8-9 — Agosto e Setembro de 1943
- Perú.
- 6 — "Ejercito" — n. 89-90 — Maio e Junho de 1943 — Cuba.
- 7 — "Revista de la Escuela Militar" — n. 212 — Agosto de 1943 — Chorrillos — Perú.
- 8 — "Nação Armada" — n. 50 — Janeiro de 1943 — Rio.
- 9 — "Liga Marítima Brasileira" — n. 346 — Outubro de 1943 — Rio.
- 10 — "Revista Militar" — n. 5 — Novembro de 1943 — Argentina.
- 11 — "Revista Brasileira de Geografia" — n. 2 — Abril a Junho de 1943
- Rio.
- 12 — "Revista Militar e Naval" — n. 277-280 — Dezembro de 1943 — Uruguai.
- 13 — "Revista da Cruz Vermelha Brasileira" — n. 6 — Dezembro de 1943
- Rio.

**LIVROS À VENDA NA BIBLIOTECA DA
C.M.E.C.I. "A DEFESA NACIONAL"**

	Cr\$
Telemetria — Cap. Joaquim J. Gomes da Silva	16,00
Telemetros de Inversão — Cap. Joaquim J. Gomes da Silva	9,00
Tática de Infantaria (*)	3,00
Travessia de Cursos Dágua — Maj. José H. Garcia (*)	6,50
Transposição de Cursos Dágua — Cel. Lima Figueiredo	8,00
Tiro e emprego do Armamento da Infantaria — Major Pavel (*)	30,00
Theiria das Progressões e Logarítmicos	5,50
Um Ano de Observações no Extremo Oriente — Coronel Lima Figueiredo	15,00
Vade-Mecum de Matemática Elementar — Cap. Frederico N. Dias	13,00
Tática de Infantaria nos Pequenos Escalões — Ten. Coronel Alexandre José Gomes da Silva Chaves (no prélo) (*)	16,00

(*) — Este sinal indica que a obra foi publicada pela C.M.E.C.I.
"A Defesa Nacional".

O PROBLEMA DA LUBRIFICAÇÃO

A indústria de guerra tem feito incalculável economia em determinados setores devido, em verdade, ao avanço que se verificou na lubrificação dos mais diversos aparelhos. Os engenheiros especialistas em lubrificação entregam-se, hoje, a acurados estudos afim de combater os efeitos do atrito, do frio, velocidade, pó, impurezas, água, sujidade e umidade das fábrocas de armas e munições. Têm assim, esses especialistas como ainda há pouco afirmou a Standard Oil Company o New Jersey — dado grande impulso à produção bélica, evitando dispendiosas interrupções de trabalho, como, também, impedindo o desgaste de máquinas e ferramentas. O esforço desses engenheiros merece, de fato, ser posto em destaque, tão prestimoso vem sendo ele em prol da economia da indústria de guerra através da batalha da produção.

DEFESA NACIONAL

Fundada em 10 de Outubro de 1913

Redação e Administração

Edifício do Ministério da Guerra

PRAÇA DA REPÚBLICA — Telef. 43-0563

Correspondência

Para a Gerência: Caixa Postal, 32; Ministério da Guerra

Colaborações: Ten.-Cel. Lima Figueiredo, mesmo endereço

Publicidade

Bureau Interestadual de Imprensa

PRAÇA MAUÁ, 7 — 13.^o andar

Telefone 43-9918 a 23-1451

Assinaturas:

Oficiais e sub-tenentes	ano	Cr\$ 30,00
	semestre	Cr\$ 15,00
	ano	Cr\$ 25,00
Sargentos	semestre	Cr\$ 14,00
	
	

Os assinantes avulsos e do estrangeiro mediante Cr\$ 2,40 semestrais recor-
tão à revista registrada.

A PUBLICIDADE NA A DEFESA NACIONAL

Comunicamos ao público, em geral, ao comércio e
indústrias do país e aos nossos anunciantes do Rio de
Janeiro e dos Estados, em particular, que todo o serviço
de publicidade está a cargo, desta data em diante, do
BUREAU INTERESTADUAL DE IMPRENSA

com escritório à

PRAÇA MAUÁ, 7 — 13.^o andar

Telefones: 43-9918, 23-1451 e Oficial 2-515

Caixa Postal, 365 — End. Teleg.: "Bureau"

Sucursais

São Paulo — Mario Herédia, Rua Barão de Paranápi-
caba, 61 — 4.^o andar — Telefone 2-5841.

Curitiba — Percival Loyola, Rua 15 de Novembro, 573

Porto Alegre — Arthur Batista Gonçalves, Rua
Shuller, 44

Recife — Aristofanes da Trindade, Travessa Madre de
Deus, 113.